

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO INIMIGO:
O PAPEL DOS JORNAIS DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL
EM FLORIANÓPOLIS (1939/1945)

por: MÁRCIA d'ACAMPORA

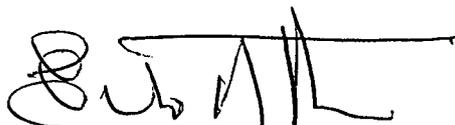
Florianópolis, 1992

MARCIA d'ACAMPORA

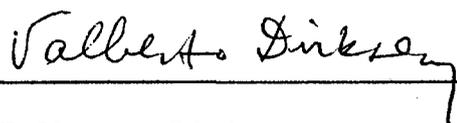
A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO INIMIGO:
O PAPEL DOS JORNAIS DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL
EM FLORIANÓPOLIS (1939/1945)

Dissertação apresentada ao curso
de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito básico
para a obtenção do grau de
Mestre, sob a orientação do
Prof. Dr. Ernesto Aníbal Ruíz.

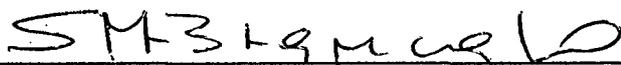
Dissertação defendida e aprovada como requisito básico para a obtenção do grau de Mestre, no Curso de Pós-Graduação em História pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:



Prof. Dr. Ernesto Anibal Ruiz (Orientador)



Prof. Dr. Valberto Dirksen



Prof^a. Dra. Sandra Maria Lubisco Brancato

Florianópolis, março de 1993

A família e aos amigos, pelo
carinho, compreensão e auxílio.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo mostrar como os jornais de Florianópolis, através das notícias publicadas entre os anos de 1939 à 1945, construíram a imagem do inimigo.

A análise das notícias sobre a Segunda Guerra Mundial, desde a forma como são editadas, até o tipo de vocabulário utilizado, permite que se observe, em duas etapas distintas, como foram sendo descritos os alemães, italianos e japoneses. Do início do conflito, em 1939 até agosto de 1942, antes da entrada do Brasil na Guerra, e de setembro de 1942 até setembro de 1945, quando o Brasil rompe relações com os países do Eixo e se une aos Aliados, até o final do conflito.

A análise deste período permite também que se verifique, como a imprensa transmitiu as notícias da Guerra, para uma população composta por uma significativa parcela de imigrantes alemães e italianos, de forma a tornar a crise mundial mais próxima e real.

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyse how the image of the enemy was constructed by the news, printed by O Estado and A Gazeta, during the World War II, in Florianópolis.

The analysis of the news about the World War II, since the way they are edited to the type of the vocabulary used, allow to observe how German, Italian and Japanese were being described in two different stages. From the beginning of the conflict in 1939 to august 1942, before Brasil has gone in War, and from september 1942 to september 1945, when Brasil breaks off its relations with "axes" country and join up with "allied" ones, until the end of the conflict.

The analysis of this period also allows to examine in wich way the printing broadcast news about the War to people formed by a significant number of German and Italian immigrants, making the world crisis closer to reality.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
I- Os Meios De Comunicação.....	9
1.1- A Comunicação De Massa.....	13
1.2- Função Jornalística.....	15
II- A Notícia Como Fonte Documental.....	20
2.1- A Notícia no Jornal.....	20
2.2- O Historiador e a Notícia como Fonte Documental...	30
III- O Controle dos Meios de Comunicação Nacionais e a Segunda Guerra.....	36
3.1- O governo de Vargas.....	36
3.2- A Guerra na Europa.....	37
3.3- A Centralização do Poder e o Controle da Informação.....	41
IV- Metodologia.....	48
4.1- Coleta e Seleção da Documentação.....	48
4.2- Fichamento.....	50
V- As Notícias Dos Jornais.....	60
5.1- Primeira Parte: janeiro de 1939 a agosto de 1942.....	63

5.2- Segunda Parte: setembro de 1942 a setembro de 1945.....	105
VI- Conclusão	153
VII- Anexos.....	159
VIII- Bibliografia.....	161

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é mostrar como foi construída a imagem do inimigo através das informações transmitidas pelos jornais de Florianópolis durante a Segunda Guerra Mundial. A partir da análise da descrição dos inimigos, pode-se avaliar como as notícias sobre a Guerra iam compondo uma imagem sobre os alemães, italianos ou japoneses, aproximando-os e tornando-os mais reais, eliminando as distâncias, procurando levar a sociedade local a sentir-se como parte atuante frente ao conflito.

Diferentemente dos dias atuais, onde a televisão gera as imagens visuais dos acontecimentos, praticamente ao mesmo tempo que suas ocorrências, cabia aos jornais, como um dos meios de comunicação de massa da época entre os anos de 1939 a 1945, propiciar ao público catarinense, uma população composta etnicamente por um expressivo número de descendentes de imigrantes das regiões em conflito, essas imagens através de palavras.

O interesse deste trabalho é verificar qual foi o tipo de informação divulgada pelos jornais locais e como, através da

análise das notícias veiculadas, compostas por uma linguagem específica, se deu a construção da imagem do inimigo transmitida ao público .

O uso dos jornais, como fonte principal de pesquisa para o estudo de um período ou um evento histórico, já foi utilizado por Walnice Nogueira Galvão em seu livro O Calor da Hora (1977), onde, através de vários jornais pernambucanos, a autora verificou como foi noticiado o problema da Guerra dos Canudos. Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado em O Bravo Matutino. Imprensa e Ideologia: o jornal O Estado de São Paulo (1980), também mostraram a possibilidade de acompanhar-se a História do Brasil, em seus diversos períodos, através da história do jornal O Estado de São Paulo. Vários outros autores utilizam os jornais como fonte auxiliar de pesquisa, porque o dia a dia de uma sociedade pode ser acompanhado pela leitura de seus jornais.

Para a elaboração deste trabalho, primeiramente foram selecionados os jornais de Florianópolis que tinham tiragens diárias, esperando-se, assim, retratar com maior fidelidade o cotidiano da época. A carência de fontes específicas, que tratem dos jornais, mostrando-os como extensões da sociedade a qual pertence, com suas implicações político-ideológicas, é muito grande em Santa Catarina. Para este trabalho, foi necessário que se recorresse a várias fontes de consulta para que se soubesse quem eram os jornais pesquisados⁽¹⁾.

Foram selecionados O Estado inaugurado em 1914¹⁹¹⁵, existente até os dias atuais, e A Gazeta, fundada em 1933 e extinta em 1980. Foram coletadas 3470 notícias, sendo 1753 do jornal O Estado, e 1717 do A Gazeta, desde janeiro de 1939 até setembro de 1945.

O jornal O Estado, cujo diretor na época era Altino Flores, podia ser considerado um jornal mais voltado para a elite sócio-econômica catarinense. Através de sua leitura pode-se perceber que, o vocabulário utilizado e o cuidado com sua composição, são mais apurados⁽²⁾. Já o A Gazeta, cujo diretor, Jairo Callado, tinha ligações com a UDN, podia ser considerado um jornal mais popular⁽³⁾. O jornal A Gazeta, em contraponto ao jornal O Estado, era o que veiculava, em maior quantidade, as notícias enviadas pelas agências alemãs de informações, durante o período analisado.

Sabendo-se que, segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 1940, existiam no Estado de Santa Catarina um total de 970.336 habitantes, dentre os quais 476.884 sabiam ler e escrever, acredita-se que os jornais foram, por sua área de distribuição e rapidez na divulgação das últimas notícias, uma das fontes através da qual o público pôde acompanhar o desenrolar daquele confronto armado.

Para a construção do primeiro capítulo, elaborou-se uma seleção bibliográfica inicial onde se pudesse esclarecer a significação da "mensagem" dentro de um meio de comunicação. O passo seguinte foi a caracterização de "meio de comunicação de massa", no caso os jornais, e a função jornalística, além da verificação do que é a notícia, componente principal das mensagens estudadas no presente trabalho.

No segundo capítulo, trata-se especificamente do jornal. Sua composição e seus objetivos, enquanto veículo de comunicação. Mostra-se qual é o tipo de linguagem utilizada e o porquê desta linguagem, além da importância do estudo de seu "layout", sua aparência gráfica e sua distribuição. Neste capítulo utiliza-se como parâmetro, para o estudo da imprensa florianopolitana das décadas de 1930 e 40, contrapontos entre o jornalismo mundial, dos primeiros jornais europeus até os dias atuais, e o apoio da História Oral para a compreensão dos mecanismos de composição dos jornais de Florianópolis. Este expediente se fêz necessário devido a carência de material relativo ao período abordado.

No capítulo seguinte mostra-se, a princípio, como estava politicamente o Brasil durante o período da Segunda Guerra, a posição brasileira frente ao conflito e as medidas tomadas por Getúlio Vargas no decorrer daquele episódio. Em seguida, trabalha-se a atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, órgão criado pelo governo brasileiro como um mecanismo

ideológico de mobilização do Estado Totalitário, dirigido por Getúlio Vargas. Pelo DIP passaram as notícias divulgadas durante o período estudado.

As fontes bibliográficas disponíveis possibilitaram a criação de uma metodologia através da qual foram estabelecidos certos critérios para a avaliação das informações contidas nos jornais. O capítulo quatro esclarece como criou-se um modelo de ficha com o auxílio de um computador e de um software de banco de dados, onde os critérios eleitos pudessem mostrar a criação da imagem do inimigo, através de sua correlação e posterior análise.

Para seleção das notícias utilizou-se os seguintes critérios: tratar da guerra, nos seus vários aspectos; ser visualmente chamativa, destacar-se pelo seu "layout"; conter a descrição dos inimigos, quer no exterior ou mesmo no Brasil; e, finalmente, aquelas cujos títulos utilizassem uma linguagem de sentido dúbio ao tratar dos aspectos da Guerra.

As análises feitas a partir das informações selecionadas, e principalmente as que se referissem aos inimigos, conforme se observa no quinto capítulo, foram divididas nas seguintes categorias:

- a) Diagramação- onde se verifica a importância do Layout para prender a atenção do leitor e a forma como se transmite a informação;
- b) Teor da notícia- ou conteúdo da notícia, permite que se observe sobre o que, ou sobre quem tratam as informações divulgadas;
- c) Manchetes Apelativas- através das manchetes impressas analisa-se o apelo conotativo e visual;
- d) Linguagem Conotativa- através do estudo da linguagem, das associações feitas da figura do inimigo a seus atos, observa-se como se cria uma imagem com o passar dos tempos.

Através deste tipo de abordagem, objetiva-se mostrar como a imagem de um inimigo foi sendo construída no decorrer da Guerra e como as notícias divulgadas, principalmente, após o rompimento do Brasil com os países do Eixo, fizeram que o povo compreendesse a Guerra e se sentisse como parte comprometida na batalha ao lado dos países Aliados, contra um inimigo comum.

Pretende-se com esta pesquisa contribuir para a historiografia catarinense, particularmente, para o estudo da História da Imprensa Florianopolitana.

Sabendo-se ser a pesquisa histórica passível de interpretações diversas e conhecendo-se as limitações deste.

trabalho, espera-se fornecer através dele, dados capazes de propiciar novos estudos sobre a participação dos meios de comunicação na História das sociedades. Espera-se também que, através dessas análises, se possa mostrar o panorama da imprensa local nas décadas de 1930 e 40.

NOTAS:

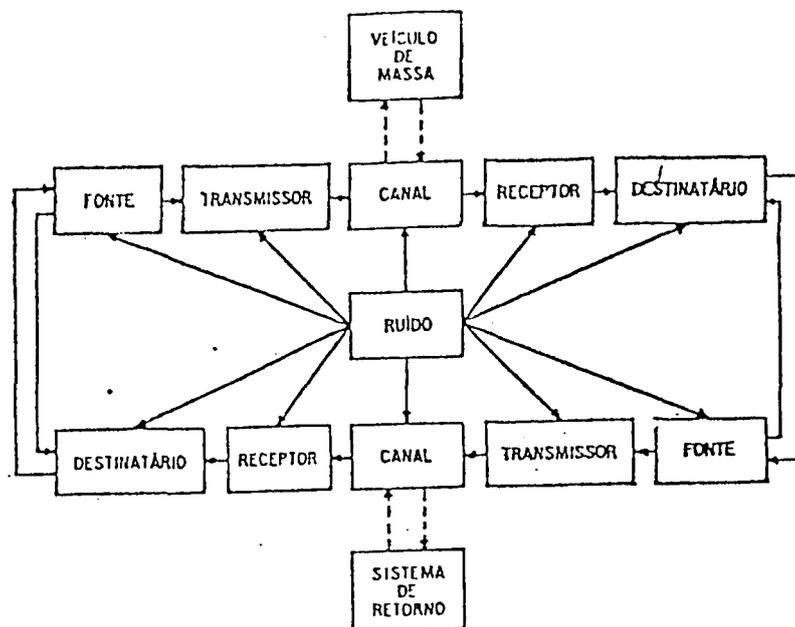
- (1) Sobre a ligação político-partidária de um dos jornais em questão, A Gazeta, foram encontradas duas interpretações, totalmente diversas. Para Silveira Lenzi, A Gazeta foi, a partir de 1945, órgão oficial do Partido Social Democrata -PSD-. Para Carlos Humberto Corrêa, aquele jornal tinha ligações com a União Democrática Nacional -UDN. Por um consenso entre os historiadores, este trabalho baseia-se nas afirmações de Corrêa.
- (2) MEIRINHO, Jalí. Entrevista de 30 de setembro de 1992 com a autora. Acervo particular.
- (3) CORREA, Carlos Humberto. Um Estado entre duas Repúblicas. A Revolução de 30 e a política em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1984. pp.173-174.

I. MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O estudo da estrutura e classificação dos meios de comunicação permite a verificação e a importância destes meios como agentes de ligação entre o evento, a notícia e o leitor. O objetivo deste capítulo é explicar quais são os mecanismos utilizados pelos meios de comunicação, os tipos de comunicação e os elementos que os envolvem.

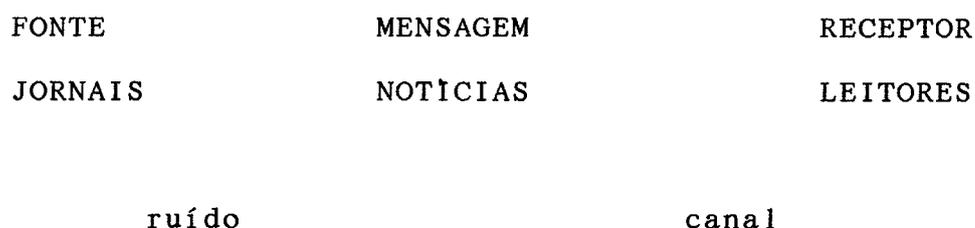
A comunicação é tão antiga quanto a história do homem e tão velha quanto a necessidade da humanidade em trocar informações. O ato elementar da comunicação implicam a existência de um emissor, de um canal para a transmissão da mensagem (informações) e de um receptor. O emissor, que elabora a mensagem, pode ser um indivíduo, um grupo, uma cadeia de jornal ou de televisão, entre outros. A mensagem para ser transmitida necessita de um canal físico para encaminhar-se através do espaço e do tempo⁽¹⁾.

Para Melvin de Fleur, no livro Teorias de Comunicação (1976)⁽²⁾ comunicação pode ser compreendida da seguinte maneira:



Nesse quadro, o veículo de massa, aquele que atinge a vários receptores ao mesmo tempo, funciona como uma fonte de transmissão de mensagens, através de seus canais específicos. Essas mensagens são recebidas pelos destinatários que podem, ou não, devolvê-las ao meio de comunicação de origem, através de um sistema de retorno, como uma resposta à mensagem recebida. Todos os componentes do sistema de comunicação podem sofrer a interferência do ruído. Este pode ser entendido como uma falha do aparelho transmissor, ou da linguagem do emissor, ou ainda como erro do receptor ao assimilar a mensagem recebida.

Para a compreensão desse trabalho, que analisa as mensagens transmitidas pelos jornais, pode-se esquematizar, de forma simplificada, a comunicação da seguinte maneira:



Nesse diagrama a fonte são os jornais, que recebem as informações dos correspondentes ou de agências noticiosas, por exemplo, e encarregam-se de editá-las para a publicação. A publicação vem repleta de mensagens, que são as notícias em suas diversas formas, como artigos, reportagens, notícias simples, etc. Essas mensagens são recebidas pelos receptores, que partindo de suas leituras, vão percebendo um quadro informativo sobre o panorama mundial.

Segundo Emery, em seu livro Introdução à Comunicação de Massa (1973)⁽³⁾, a comunicação pode ser definida simplesmente como a arte de transmitir informações, consiste em estimular os sentidos do receptor e através desse estímulo demonstrar idéias e atitudes. O estímulo recebido pelo receptor é a mensagem, que baseia-se na linguagem escrita, falada ou por símbolos pre-

determinados como por exemplo o código Morse, linguagem utilizada pelos telégrafos.

Os canais utilizados para as transmissões das mensagens podem ser classificados como canais espaciais (como os de comunicação a distância) e os canais temporais (que são os que transportam-se de uma época a outra). A comunicação a distância é veiculada através do espaço por mensagens visuais e sonoras comuns, por exemplo por telefone ou telégrafos. É a transmissão comum propriamente dita. A transmissão feita através do tempo é aquela que conserva mensagens através de décadas. São os registros feitos nos discos, sinais impressos, fitas magnéticas ou fotografias⁽⁴⁾.

O último elemento da cadeia de comunicação é o receptor. O receptor pode, após receber a mensagem, reenviar ao emissor a informação, havendo dessa forma uma circulação de informações, ou um "feedback". Essa circulação pode ser facilmente observada em uma comunicação homem à homem. Já nos meios de comunicação de massa como a grande imprensa, o rádio ou a televisão, esse feedback se dá através das cartas de leitores, dos ouvintes ou telespectadores, além de críticas nas colunas especializadas, telefonemas dados aos órgãos de comunicação ou outras manifestações.

Todo órgão de imprensa é, dessa forma, tanto emissor quanto receptor. Ele é receptor quando recebe despachos das agências de notícias, recebe as notícias enviadas pelos jornalistas e outras fontes. É emissor das mensagens quando torna pública suas informações⁽⁵⁾.

Amaral descreve o desenvolvimento da imprensa mundial como um fator paradoxo, quanto mais evolui a tecnologia a serviço das comunicações, menor se torna o mundo, devido a rapidez de veiculação das notícias⁽⁶⁾.

1.1- A Comunicação de Massa

Os meios de comunicação, que utilizam veículos para a transmissão de uma mensagem, podem ser divididos em duas categorias: Meio de Comunicação Simples e Meio de Comunicação de Massa.

O meio de comunicação simples é aquele que atinge a um número limitado de receptores, tais como o telefone e o telégrafo. O meio de comunicação de massa é aquele que consegue

atingir a um grande número de receptores, simultaneamente, como o rádio, a televisão e o jornal, entre outros.

Alguns veículos de Comunicação de massa, ou "mass mídia", podem ser caracterizados segundo a informação que transmitem. No jornal, por exemplo, o leitor encontra sobretudo anúncios e notícias; o livro apresenta, geralmente, um estudo mais aprofundado de assuntos específicos; o cinema informa, persuade e distrai. Finalmente a televisão e o rádio destacam-se, sobretudo, na cobertura dos grandes acontecimentos⁽⁷⁾.

Junto à "mass mídia" funcionam, geralmente, os seguintes órgãos:

- a) Agências de Notícias: responsáveis pela distribuição de informações e fotografias a rádios, jornais, estações de televisão e revistas;
- b) Os Sindicatos: que oferecem matérias leves, reportagens especiais e programas de entretenimentos aos "mass mídia" (no modelo americano);
- c) Agencias de Propaganda: produzem os anúncios para os clientes e se encarregam de distribuí-los aos veículos;
- d) Departamentos de Propaganda das grandes empresas: fazem o mesmo que as agências mas se limitam a organização onde funcionam;

e) Departamento de Relações Públicas: tem por função criar e manter uma boa imagem da instituição que representam junto ao público;

f) Grupos de Pesquisa: auxiliam na aferição do impacto causado pelas mensagens e orientam os veículos no sentido de obterem desempenho mais eficiente⁽⁸⁾.

O objetivo dos meios de comunicação de massa é atingir o máximo de pessoas com o máximo de informações. Pode-se considerar os meios de comunicação de massa como uma indústria de transformação, que recebem as mensagens, as estruturam através de uma vasta gama de operações (filtragens, embalagens, melhoramentos) para condicioná-las ao consumo⁽⁹⁾.

1.2 Função Jornalística

As informações transmitidas pela mídia são elaboradas à partir de uma base jornalística, ou seja, as informações coletadas são trabalhadas para se adaptarem a divulgação. Isso implica que, para serem divulgadas, as informações recebem um tratamento na sua estrutura e linguagem, de acordo com as diretrizes estabelecidas pelo veículo de comunicação que irá divulgá-la. Esse tratamento será trabalhado no próximo capítulo,

quando serão mostrados, especificamente os componentes e as informações de um jornal, objeto da análise desse trabalho.

A função jornalística deve consistir em apurar, selecionar e difundir os acontecimentos, com a maior rapidez possível, para leva-los ao grande público durante seu desenrolar ou, no máximo, após poucas horas de seu final. A missão do jornalismo é estar em sintonia com a linguagem coletiva social e, através dela, difundir as notícias.

1.2.1- A Informação Transmitida pelos Veículos: a Notícia

A notícia é a base do jornalismo, é seu objeto e sua finalidade. Ela é sinônimo de acontecimento, informação e comunicação. Somente é considerada notícia a informação que vai a público. Em última instância, a notícia é a informação, devendo interessar os leitores, de forma a fazê-los compreender o seu teor.

As fontes de informação, essenciais à apuração das notícias, são de modo geral diretas, indiretas ou complementares. O informante de um acontecimento, seus autores, suas vítimas, testemunhas ou comunicados oficiais, são fontes diretas. Informantes envolvidos circunstancialmente nos fatos, papéis e

documentos de consulta ou relatos parciais, são fontes indiretas. Todas as informações adicionais, como depoimentos ou referências (de livros, pesquisas, recortes), que auxiliam a apuração para determinar com precisão a notícia, são fontes complementares⁽¹⁰⁾.

As notícias podem ser classificadas como previstas, imprevistas ou mistas. Essa classificação baseia-se no tempo e no modo como as notícias ocorrem. As previstas são aquelas que permitem um conhecimento antecipado, anunciado com antecedência, e geralmente ocupam o maior espaço nas agendas (ou pautas) dos veículos. As imprevistas são as de caráter inesperado, tais como crimes, enchentes, acidentes, incêndios. As mistas são as que reúnem, num só informativo, as previstas e as imprevistas. Um exemplo de notícia de caráter misto é o vôo do ônibus espacial Challenger, em 1986, anunciado com antecedência e, que na decolagem explodiu matando todos à bordo, fato imprevisto.

A notícia para ser compreendida em toda a sua extensão deve ser detalhada e clara. Quando uma notícia tem significação e uma proeminência maior junto a sociedade à qual esta sendo veiculada, a sua explicação e interpretação tornam-se necessárias. A interpretação não é a opinião que o veículo, ou melhor, o jornalista tem a respeito da notícia.

Para exemplificar os conceitos de notícia, interpretação e opinião, Juarez Bahia em seu livro Jornal, História e Técnica. As técnicas do jornalismo, (1990) se explica da seguinte forma:

- a) Informar que os Estados Unidos resolveram lançar um plano de paz para o Oriente Médio- é a notícia;
- b) Explicar ou mostrar que os Estados Unidos resolveram inferir na questão e as reações que essa atitude provocou- é a interpretação;
- c) Analisar e concluir que qualquer interferência americana no assunto, à revelia da ONU, deve ser rejeitada liminarmente- é a opinião⁽¹¹⁾.

Uma notícia deve ser formulada de modo a responder as seguintes perguntas: o que aconteceu; por que aconteceu; quando aconteceu; onde aconteceu; como aconteceu e quem estava envolvido. A notícia só é completa quando responde a todas estas perguntas.

NOTAS:

- (1) KIENTZ, Albert. Comunicação de Massa, análise de conteúdo. Rio de Janeiro: Eldorado, 1983. p.2.
- (2) DE FLEUR, Melvin. Teorias de Comunicação. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p.130.
- (3) EMERY, Edwin. Introdução a Comunicação de Massa. São Paulo: Atlas, 1973. p.21.
- (4) KIENTZ, Albert. Op.cit. p.19.
- (5) KIENTZ, Albert. Ibidem. p.77.
- (6) AMARAL VIEIRA, R.A. Comunicação de Massa: o impasse brasileiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978. p.14.
- (7) EMERY, Edwin. Op.cit. p.26.
- (8) EMERY, Edwin. Ibidem. p.27.
- (9) KIENTZ, Albert. Op.cit. p.54.
- (10) BAHIA, Juarez. Jornal, História e Técnica. As técnicas do jornalismo. São Paulo: Atica, 1990. p.37.
- (11) BAHIA, Juarez. Ibidem. p.39.

2. A NOTÍCIA COMO FONTE DOCUMENTAL

Numa constante ligação entre a realidade atual do serviço de imprensa e a realidade do período analisado, este capítulo trata dos vários aspectos dos eventos, transformados em informação, e como essas informações são transmitidas sob a forma de notícias.

Caracterizadas essas informações preliminares, tratou-se de compreender a postura do Historiador na utilização da notícia como fonte documental.

2.1. A Notícia no Jornal

Ainda antes do nascimento da Cristo, os romanos já afixavam nos logradouros públicos folhas noticiosas, as "acta diurna". Mas a idéia moderna de veiculação de notícias tem sua origem na Inglaterra do século XV.

Na Alemanha, no início de 1600, desenvolveu-se um jornal que constituiu-se no primeiro esboço da concepção contemporânea de jornal.

O primeiro veículo da massa, na forma de um jornal atual, foi o "penny press", veiculado por volta de 1830, nos Estados Unidos, com o preço correspondente a um tostão.

O conteúdo desses primeiros jornais possuíam, de certa forma, os aspectos básicos do que se encontra atualmente nos diários divulgados pela imprensa.

O desenvolvimento da imprensa escrita empresta muitas características desses preceptores. O jornal atual trata de combinar os elementos básicos da sociedade na qual se encontra a serviço e os devolve em forma de notícias⁽¹⁾. As páginas de um jornal apresentam a História interna da comunidade em ação e interação⁽²⁾.

As informações são editadas nos jornais sob vários gêneros ou categorias. Estas categorias dependem do enfoque que se queira dar ao evento abordado. Para efeito metodológico, este trabalho classifica em quatro categorias as notícias impressas: manchetes, notícias, comentários e artigos. Estas categorias são baseadas nos conceitos utilizados por Nilson Lage em seus livros Ideologia e Técnica da Notícia (1979); Estrutura da Notícia

(1985); e Linguagem Jornalística (1986) e por Juarez Bahia em seus livros Jornal, Historia e Técnica (1990) vol. I e II⁽³⁾. As características das categorias das notícias são as seguintes:

Manchete: O próprio título é a notícia. Não há descrição do fato.

Notícia: O título dá o enfoque principal da notícia. A notícia é exposta de forma simples relatando os fatos a partir de seus aspectos mais importantes. São mais curtas, atendo-se ao enfoque principal dado pelo autor.

Reportagem: Redatores especialistas redigem as notícias em forma de relatos, tornando o evento em questão mais compreensível. As colunas assinadas, os comentários do jornalismo moderno, podem ser encaixadas nesta categoria.

Artigo: São contribuições de leitores ou outras personalidades que não são necessariamente jornalistas. Através dos artigos pode-se observar o que pensa a opinião pública sobre determinados eventos.

A concepção de um jornal, permite que este seja analisado segundo sua diagramação e linguagem utilizadas. Através deste entendimento, pode-se observar qual é o enfoque dado as mensagens divulgadas.

Nos moldes em que o jornal desenvolveu-se e fixou-se em nossa sociedade, isto é, com a concepção básica de repasse de

informações, ao ser analisada sua diagramação e sua linguagem, é possível verificar-se qual é o enfoque dado as mensagens divulgadas.

2.1.1 - Diagramação

Os jornais seguem um padrão de impressão geral onde a diagramação se encarrega de distribuir graficamente o material a ser impresso. O diagramador leva em consideração os destaques dos títulos, as fotos, as notícias e reportagens de forma a permitir ao consumidor uma leitura mais dinâmica e convidativa⁽⁴⁾. Conforme observa Antonio Celso Collaro, "desenhar uma página significa muito mais que apenas dispor textos e fotos no papel"⁽⁵⁾. Os termos diagramação e paginação tem praticamente o mesmo sentido, só que a paginação pressupõe um trabalho artesanal e a diagramação é um recurso mais moderno, onde há todo um estudo para o melhor aproveitamento do espaço a ser publicado.

Nos jornais florianopolitanos de 1939 a 1945, a composição das folhas impressas era feita artesanalmente, com a utilização de tipos móveis, letras de chumbo que eram arrumadas uma a uma, observando-se o efeito total a olho nú.

Assim, durante a divulgação da Segunda Guerra Mundial, o encarregado da composição nos jornais distribuía as notícias, previamente escolhidas pelo diretor do jornal, e as arranjava de forma a dar o destaque às notícias eleitas como as mais importantes da edição⁽⁶⁾. No período analisado constatou-se ser comum a utilização do "nariz de cera", como artifício para chamar a atenção do leitor para a matéria. Tratava-se de uma técnica para despertar o interesse pela informação. Esta técnica atualmente é conhecida por "lead"⁽⁷⁾.

Atualmente, toda a composição dos jornais, desde a escolha das fontes, até a distribuição das informações nas páginas é feita por programas editoriais. Na maioria das redações há computadores que fazem este serviço nas oficinas gráficas⁽⁸⁾.

Os jornais começaram, a partir da Revolução Industrial, a padronizar suas impressões, utilizando uma unidade métrica gráfica chamada paica⁽⁹⁾.

O processo de diagramação desenvolveu-se na Europa, no decorrer da especialização do serviço de imprensa. Na Inglaterra, as colunas impressas passaram a ter cerca de dez paicas ou 4.5 cm, de composição verticalizada, limite de caracteres por linha e o domínio gráfico das matérias principais, com manchetes ocupando o alto das páginas. Os franceses não adotaram a padronização gráfica, nem nos títulos, nem no alinhamento vertical das

composições, preferindo utilizar vários tipos de componentes gráficos. Os alemães utilizaram colunas largas, com mais de 5 cm, mas, em geral, com corpo pequeno e sem ilustrações. No Brasil, a diagramação técnica começou a ser utilizada à partir de 1941, quando veio da Argentina um profissional do setor, conhecido por Guevara, que foi trabalhar no jornal Meio-Dia⁽¹⁰⁾.

Nos dias atuais, juntamente com os programas de editoração, os jornais dispõem de vários tipos, ou letras, para sua impressão, que variam em relação ao tamanho⁽¹¹⁾ e a forma⁽¹²⁾.

2.1.2 - A Linguagem do Jornal

A linguagem utilizada pelos jornais sofreu modificações através dos anos. O jornalismo moderno eliminou da sua linguagem expressões características dos vários segmentos da população, buscando uma padronização que fosse compreendida por todos. Emil Dovifat diz que há uma linguagem dos doutores, outra dos comerciantes, outra dos soldados⁽¹³⁾. Para buscar esta padronização, tendo em mente que o jornal é um emissor falando a muitos receptores, o uso de adjetivos e substantivos, cujos significados podem sofrer diversas interpretações, devem ser evitados. Nilson Lage exemplifica este uso, mostrando que as

palavras bom, próspero, belo, grande, alto, chocante, entre outras, dependem para sua interpretação, dos valores, padrões e sensibilidade de cada um⁽¹⁴⁾.

Assim, atualmente a linguagem utilizada pelos jornais segue um padrão próprio que a torna adequada ao consumo imediato do leitor. O texto jornalístico procura transmitir a informação utilizando-se, na maioria das vezes, de uma mistura da linguagem formal própria da escrita, com uma linguagem coloquial que compreende as expressões correntes da fala do âmbito mais familiar⁽¹⁵⁾. O objetivo desta fusão é tornar o texto impresso acessível mantendo a distância entre o jornalismo didático e as expressões mais vulgares, categorizando assim o produto final. Essa acessibilidade é conseguida através de um texto claro, de períodos curtos e palavras simples e corriqueiras.

Segundo Emil Dovifat, todo aquele que se dispõe a escrever para um jornal deve, antes de tudo, saber fazer com que suas palavras sejam uma leitura interessante e atrativa⁽¹⁶⁾.

Entretanto essa não era a realidade florianopolitana. A falta de jornalistas especializados⁽¹⁷⁾ não permitiam a racionalização da linguagem. Dessa maneira, a linguagem encontrada nos jornais O Estado e A Gazeta, entre os anos de 1939 a 1945, compunha-se de uma mistura interessante de estilos. Esses

estilos diferentes, não padronizados, tornava os textos chamativos e a leitura muito atrativa. A possibilidade de se utilizar termos conotativos (pejorativos ou não) enriqueciam a mensagem, com a possibilidade de despertar nos leitores vários sentimentos.

Esses jornalistas também prendiam-se às terminologias e principalmente às idéias repassadas pelas agências de notícias. As agências de notícias foram as responsáveis parciais da difusão das notícias para os órgãos retransmissores, no caso em estudo, os jornais.

Entre os autores que abordaram a criação e o âmbito de ação das agências de notícias, para este trabalho optou-se pelos fundamentos utilizados por Emil Dovifat. O autor explica que no início de suas atividades as agências de notícias eram empresas especializadas que tratavam das notícias como mercadoria. Não podendo sustentar-se, ligaram-se entre si e com agências de anúncios e correspondentes.

Entre 1830 e 1840, Charles Havas reuniu, na França, várias agências antigas de correspondentes e utilizou a nova agência para transmitir aos bancos, firmas comerciais e

periódicos as notícias sobre a Bolsa de Londres, que recebia através de pombos correio. Em 1857 é fundada a agência Reuters, na Inglaterra.

Nos Estados Unidos a Associated Press (AP) é a mais antiga agência, sendo que seu modelo de uma corporação sem benefícios foi um exemplo para outras agências. A primeira AP foi criada em Nova York, em 1848, e uma outra em Chicago, em 1866. Outra agência americana é a United Press Association (UP), fundada em 1907 e por fim a International News Service (INS) fundada em 1909.

Na França, depois da ocupação alemã, a agência Havas se dissolveu e na França de Vichy, fundou-se a agência oficial Office Français d'Information (OFI). Enquanto isso, em Londres, o representante da extinta Havas, Louis Bret funda juntamente com imigrantes, a secreta Agence France Independant (AFI). Quando as tropas americanas desembarcaram na África, fundou-se a Agence France Afrique, que depois da libertação da França transformou-se na Agence France Presse, em 20 de agosto de 1944, devendo sua origem ao movimento de resistência.

Além destas agências, havia, no período da Segunda Guerra, a Tass soviética fundada em 1925, a ANS da Argentina, a Transocean alemã e a espanhola EFE, entre outras⁽¹⁸⁾.

Em Florianópolis, os jornais tratavam de retransmitir as informações veiculadas pelas agências de notícias internacionais, assim como, as formuladas pelas agências nacionais- Amorim Parga, Meridional, Agência Nacional, informes do DIP- e também cópias de notícias divulgadas por jornais das grandes cidades do país.

Em função da falta de verbas para a compra de notícias diretamente das agências internacionais, a imprensa catarinense usava o expediente de copiar, literalmente, as notícias dos principais jornais brasileiros⁽¹⁹⁾. Assim, observa-se que, as notícias publicadas pelos jornais O Estado e A Gazeta tinham, geralmente, um dia de atraso em relação a data publicada no corpo da informação.

A importância das agências de notícias reside na influência e rapidez da divulgação, ou retransmissão, com as quais dominaram o cenário sócio-político e econômico mundial

durante a Segunda Guerra Mundial, repassando sua interpretação sobre a realidade abordada.

2.2. O Historiador e a Notícia como Fonte Documental

A notícia é o reflexo de como um determinado fato foi registrado e mostrado à população, através dos meios de comunicação. Quando são utilizadas as informações transmitidas pelos meios de comunicação como fonte de pesquisa histórica, o que se procura é, entre outras coisas, uma nova forma de compreender um determinado período da História. As notícias divulgadas podem servir de matéria prima para analisar como determinados assuntos foram retratados em períodos específicos.

Os jornais e os rádios, ao transformar em palavras um acontecimento de impacto ou interesse para a população procuram, através desta mensagem, criar uma imagem para o público sobre o fato descrito.

Este trabalho procura, através da pesquisa junto aos meios de comunicação, particularmente o jornal, dar uma nova interpretação sobre a Segunda Guerra Mundial. Para chegar a esta

nova interpretação propõe-se verificá-la, através da utilização das notícias divulgadas pelos jornais de Florianópolis entre 1939/1945, como foi repassada a imagem desta guerra, como foi mostrado o inimigo, quem eram os aliados, como se mobiliza a população brasileira, e em especial a florianopolitana, a participar desta guerra.

A importância da análise das notícias transmitidas, reside no impacto que ela tem sobre a opinião pública. Para Nilson Lage as notícias, como mensagens transmitidas, podem comover, motivar revolta ou conformismo em seu público alvo. É através de suas colocações que, a notícia pode levar o público a mudar sua postura, mediante acontecimentos determinados⁽²⁰⁾.

Quem escreve a notícia tem a preocupação de saber qual a importância, ou interesse, que determinada informação terá para seu público. Segundo Marshall McLuhan os donos dos meios de comunicação "sempre se empenham em dar ao público o que o público deseja..."⁽²¹⁾. Partindo deste pressuposto, o jornalista procura ressaltar os aspectos do acontecimento, que em sua opinião, podem ser de maior interesse para o público.

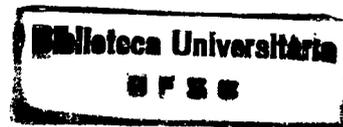
Maria Helena Capelato afirma que, através das análises do conteúdo dos jornais, pode-se acompanhar o dia à dia das sociedades através do tempo. O papel da imprensa é o de registrar, comentar e participar da História. Em cada página,

aparecem aspectos significativos da vida de nossos antepassados que nos permitem recuperar suas lutas, ideais, compromissos e interesses⁽²²⁾. Desta forma, pode-se acompanhar, através das análises das notícias divulgadas, como acontecimentos significativos são transmitidos, levando o público a participar do evento em questão durante o seu desenrolar.

Para José Honório Rodrigues, o jornal é uma das principais fontes de informação histórica, e pode passar ao leitor a cor e a vivacidade de uma época. Mas é necessário ponderar sobre sua interpretação, pois ele vem carregado da personalidade do responsável pela sua publicação⁽²³⁾.

Uma mesma notícia varia seu conteúdo conforme o veículo de comunicação utilizado. No caso dos jornais, as diferentes categorias de notícias permitem a análise do tratamento dispensado a determinadas informações. Percebe-se qual o espaço dedicado ao fato, qual a linguagem utilizada, quantas vezes a informação veio a público, enfim, todo o enfoque dispensado ao evento e qual o grau de importância que lhe foi atribuído.

Através da seleção e das análises do material obtido é possível, também, perceber como eram abordadas as informações referentes aos acordos diplomáticos, às ofensivas militares, à união das forças entre os países. Mas principalmente, é possível



observar como o Brasil se envolveu com o conflito e de que forma isto foi passado à sociedade.

Pierre Nora diz que nas sociedades contemporâneas, é por intermédio da "mass media" que o acontecimento marca sua presença⁽²⁴⁾. Baseando-se nestas afirmativas, através da utilização das informações transmitidas pelos jornais é possível a obtenção de novos dados, para verificar de que forma a história da guerra foi inserida no cotidiano da sociedade florianopolitana, e catarinense, e quais as transformações ocorridas nessas mesmas sociedades com o passar dos anos estudados.

No período que durou o conflito bélico, poucos meios de comunicação tiveram o alcance que os jornais e as rádios atingiram, devido a sua periodicidade e amplitude de área de divulgação.

Baseando-se nesta capacidade de penetração dos jornais junto a opinião pública, a análise de suas informações torna-se uma importante fonte de estudos para a revisão, ou recriação, da História da Segunda Guerra Mundial lida pelo povo de Florianópolis.

NOTAS:

- (1) DE FLEUR, Melvin. Teorias de Comunicação. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. pp.20-31.
- (2) MCLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem. São Paulo: Cultrix, 1979. p.232.
- (3) BAHIA, Juarez. Jornal, História e Técnica. As técnicas do jornalismo. São Paulo: Atica, 1990; LAGE, Nilson. Ideologia e Técnica da Notícia. Petrópolis: Vozes, 1979; ----. Linguagem Jornalística. São Paulo: Atica, 1986;----. Estrutura da Notícia. São Paulo: Atica, 1985.
- (4) BAHIA, Juarez.Op.cit. p.114.
- (5) COLLARO, Antonio Celso. Projeto Gráfico. Teoria e Prática da Diagramação. São Paulo: Summus, 1987. p.15.
- (6) MEIRINHO, Jalí. Entrevista de 30 de setembro de 1992 com a autora. Acervo particular.
- (7) O uso do lead, substituto do nariz de cera, é posterior aos anos 50. O lead é a chave da matéria. Nos dias atuais os jornalistas tem a preocupação de escrever suas matérias com frases curtas e contando a cada frase, como uma pirâmide invertida, os fatos acontecidos, dos mais importantes aos menos relevantes. Desta forma, se por qualquer motivo houver problemas de espaço na hora da impressão, o redator pode cortar as últimas linhas, sem perder o sentido da matéria.
- (8) COLLARO, Antonio Celso. Op.cit. p.25
- (9) A paica equivale, segundo Nilson Lage a 4.218mm, e segundo Antonio C. Collaro a 4.212 mm.
- (10) LAGE, Nilson. Op.cit. pp.12-13.
- (11) Em relação ao tamanho observa-se que a altura do tipo é medida em Ponto Didot, que vale 1/72 de polegada e a largura é medida em Cícero, que equivale a 1/6 de polegada.
- (12) Quanto a forma dos tipos sua divisão é feita em quatro itens que são: inclinação, largura, tonalidade e uso ortográfico. A inclinação pode apresentar as letras em

redondos, que são normais; negritos, para dar maior destaque no texto e itálicos, que são tipos oblíquos que também se destacam no texto. A largura refere-se aos brancos internos e externos das letras. A tonalidade é a força das hastes e a predominância das mesmas sobre o branco interno, e são conhecidas como Pretos (Extra Bolds), 1/2 Pretos (Bolds), Normais e Claros (Lights e Extra Lights). Finalmente o uso ortográfico é a utilização de Caixa Alta (Maiúsculas) e Caixa Baixa (Minúsculas)

- (13) DOVIFAT, Emil. Periodismo. México: Uteha, vol.II, 1959. p.117
- (14) LAGE, Nilson. Op.cit. 1986. p.40.
- (15) LAGE, Nilson. Ibidem. pp.34-46.
- (16) DOVIFAT, Emil. Op.cit. p.124.
- (17) MEIRINHO, Jalí. Entrevista de 30 de setembro de 1992 com a autora. Acervo particular.
- (18) DOVIFAT, Emil. Periodismo. México: Uteha, vol.I, 1959. pp. 62-94
- (19) MEIRINHO, Jalí. Entrevista de 30 de setembro de 1992 com a autora. Acervo particular.
- (20) LAGE, Nilson. Op.cit. 1985. p.25.
- (21) MCLUHAN, Marshall. Op.cit. p.245.
- (22) CAPELATO, Maria Helena. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Contexto\ Edusp, 1988. p.13.
- (23) RODRIGUES, José Honório. Teoria da História do Brasil. São Paulo: Cia Ed Nacional, 1978. p.198
- (24) LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História Novos Problemas. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. p.215.

III. O CONTROLE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NACIONAIS E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

3.1 O GOVERNO DE VARGAS

O estudo sobre a criação da imagem do inimigo foi feito à partir das informações divulgadas pelos jornais durante a Segunda Guerra Mundial⁽¹⁾.

Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939 na Europa, o Brasil estava passando por uma grande mudança político-administrativa sob a ditadura de Getúlio Vargas que, após o golpe de 1937, instaurou o Estado Novo.

Uma das várias mudanças impostas pelo novo regime foi a centralização do poder nas mãos do Executivo, que, nesse contexto ditatorial, era a própria figura do presidente. Como é típico nos sistemas ditatoriais, Vargas também tomou nas mãos o controle da informação divulgada no país. De acordo com Carl Friedrich, citado por Châtelet, o regime totalitário coordena a divulgação

da ideologia, através de seu controle sobre a comunicação de massa.

Friedrich indica um modelo segundo o qual é possível, no nosso entender, identificar, de certo modo, as diretrizes do governo de Getúlio Vargas, a partir de 1937. Para ele, um governo totalitário podia ser identificado pela detenção de cinco monopólios: o político, o ideológico, o policial, o militar e o dos meios de comunicação⁽²⁾.

Assim, por deter o controle da informação divulgada no país, a ditadura Vargas pôde determinar "o que" e "como" seriam divulgados em todo o território, as informações sobre os vários combates travados nas áreas em conflito e também decidir a participação, com o respaldo popular, do Brasil, na Guerra.

3.2 A GUERRA NA EUROPA

A produção historiográfica, de uma forma geral, mostra a Segunda Guerra Mundial como uma continuação da Primeira Guerra. Devido aos ajustamentos que vários países tiveram que passar, até adequarem-se com as novas realidades econômicas, políticas e sociais e após a crise de 1929, os antigos antagonismos acentuaram-se. Essas crises também facilitaram a subida ao poder

de alguns grupos extremistas que queriam ampliar as fronteiras de seus países.

A primeira manifestação de repercussão internacional, a nível de conflito armado, foi a invasão da Manchúria pelo Japão, em 1931. A Alemanha de Hitler começou, à partir de 1935, o rearmamento do exército. Posteriormente Hitler assinou com o Japão, em 25 de novembro de 1936, e com a Itália, em 6 de novembro de 1937, pactos de interesses mútuos, passando a ser conhecidos como os países do Eixo.

Em 1º de setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia. Em reação a essa agressão, a França e a Inglaterra declararam guerra a Hitler, configurando-se, assim, o início da Segunda Guerra Mundial.

Nos Estados Unidos, o Presidente Roosevelt adotou a política panamericanista que visava a união dos países do continente contra um inimigo comum. Essa política foi consolidada através de várias conferências e reuniões realizadas em vários países americanos. Reuniam-se representantes de todos os países. Procurava-se encontrar soluções para problemas comuns aos povos americanos.

A posição brasileira, assim como a dos demais países do continente americano, era a de manter neutralidade face à guerra.

Essa resolução foi adotada após a 1ª. Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, realizada no Panamá de 23 a 30 de setembro de 1939. Nessa reunião foram tiradas as condutas dos países americanos em relação à guerra⁽³⁾.

Getúlio Vargas, em discurso proferido em agosto de 1939, na Casa do Jornalista, afirmou que o Brasil não tinha nenhuma justificativa, quer econômica, quer política, que levassem o país a tomar parte nos conflitos que estavam ocorrendo fora do continente⁽⁴⁾. Conforme declarou o chanceler Osvaldo Aranha à imprensa, o Brasil ficaria neutro face a Guerra⁽⁵⁾.

Após a invasão da Polônia pelos alemães, foram realizadas três conferências panamericanas reunindo os ministros das Relações Exteriores, de onde foram extraídas as seguintes resoluções: Na Conferência do Panamá, em setembro de 1939, ficou decidida a neutralidade dos países americanos e criada uma zona marítima de segurança de 300 milhas ao redor do Continente Americano. A segunda Conferência foi a de Havana, em julho de 1940, onde foram criados os princípios de cooperação, para a defesa do Continente, contra as forças antidemocráticas e as bases para a ajuda material, no caso de uma agressão a qualquer país membro. Finalmente, após o ataque japonês a Pearl Harbor em dezembro de 1941, ficou decidido que seriam rompidas as relações

diplomáticas com os países do Eixo e seriam tomadas medidas de ordem policial contra espões e sabotadores⁽⁶⁾.

Apesar da posição brasileira de neutralidade, Getúlio Vargas proferiu um novo discurso no dia 11 de junho de 1940, que causou polêmica, devido ao seu teor, repercutindo internacionalmente. Nesse discurso, Vargas disse, entre outras coisas, que as nações fortes estavam-se impondo pela organização baseada no patriotismo e sustentando-se pela sua convicção de superioridade⁽⁷⁾. O Chanceler Osvaldo Aranha foi chamado pelo governo americano para dar explicações sobre as palavras de Vargas⁽⁸⁾.

O governo brasileiro rompeu oficialmente relações diplomáticas com os países do Eixo, em 15 de janeiro de 1942, conforme ficou acertado na Conferência do Rio de Janeiro. A partir de 4 de fevereiro deste mesmo ano, vários navios brasileiros começaram a ser torpedeados em águas americanas. Até o mês de agosto o Brasil teve, pelo menos, 13 embarcações agredidas, dentro dos limites estabelecidos de 300 milhas. Em 15 de agosto, o navio "Baependi" foi torpedeado na costa brasileira matando 270 pessoas. No dia 16 de agosto o jornal florianopolitano A Gazeta dedica toda a primeira página as notícias sobre o naufrágio⁽⁹⁾.

Diante da violação da soberania nacional, em 21 de agosto de 1942, o Ministério das Relações Exteriores enviou à Itália e a Alemanha uma carta avisando da entrada oficial do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

3.3 A CENTRALIZAÇÃO DO PODER E O CONTROLE DA INFORMAÇÃO

O objetivo desta seção é esclarecer como, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), o Governo Federal controlou todas as notícias que circularam no território nacional, durante o período da Segunda Guerra Mundial.

3.3.1 A Nova Ordem Política

Em 1937, Getúlio Vargas instalou um novo regime político ditatorial que veio substituir, entre outras coisas, a Constituição de 1934. O novo regime instalado, o Estado Novo, além de dissolver os partidos políticos, a Assembléia e o Senado, concentrava todos os poderes na figura do Presidente, com a assessoria dos Ministérios. Todo o quadro político-administrativo ficava subordinado ao Chefe da Nação.

A política de Vargas apoiou-se em três pontos. Primeiro o gabinete da presidência. Segundo, o reaproveitamento de Interventorias, criadas após a Revolução de 30 e aperfeiçoadas no Estado Novo, que mantinham o controle nos Estados. O terceiro ponto de apoio foi a criação do Departamento de Serviço Público (DASP), criado em 1938, cuja função era assessorar em cada Estado os seus interventores.

Através da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), pelo decreto-lei nº.1915 de 27 de dezembro de 1939, o Estado passou a controlar também a informação. Através do Dip, Vargas centralizou e controlou toda a informação divulgada pelos meios de comunicação de massa da época tais como rádio, cinema e jornal, veiculando, através deles seu projeto político-ideológico⁽¹⁰⁾. Foi, portanto, sob a censura do DIP que todas as notícias referentes a Segunda Guerra Mundial e a posição brasileira frente ao conflito foram divulgadas em todo o território nacional.

3.3.2 A Criação do DIP e da Agência Nacional

O controle de informação pelo Estado é anterior a criação do DIP. Em 1931, foi criado o Departamento Oficial de Propaganda (DOP), vinculado a Imprensa Nacional, que elaborava

um programa radiofônico oficial e fornecia informações à imprensa. O DOP foi reorganizado, em 1934, sob o nome de Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), com a tarefa de estudar a utilização dos meios de comunicação para a produção de filmes educativos e de orientação física. Esse departamento vai gerar, posteriormente, a Agência Nacional encarregada da distribuição de notícias para a imprensa.

O controle sobre a imprensa foi uma forma de divulgar a informação nos moldes governamentais. Através da Agência Nacional eram atendidos, a partir 1938, cerca de dois mil jornais brasileiros e mais de mil estrangeiros, além de serem distribuídos semanalmente, doze mil folhas mimeografadas com notícias e comentários sobre a vida nacional. A Agência Nacional, também, era encarregada de analisar as notícias vindas do exterior, para depois repassá-las aos diversos jornais brasileiros⁽¹¹⁾.

A criação do DIP, em 1939, foi o resultado da junção de dois departamentos já existentes, desde 1935. De um lado o DNP, e de outro, o Serviço de Inquéritos Políticos e Sociais (SIPS), que era encarregado de coordenar os elementos informativos de interesse da polícia preventiva. O DIP absorveu todas as funções de censura e propaganda e foi organizado com cinco divisões: Divulgação, Radiodifusão, Cinema e Teatro, Turismo e Imprensa, passando a ter poderes vinculados ao controle de informações.

O decreto-lei nº 1915 que criou o DIP, estabeleceu especificações para cada área de divulgação, no tocante às responsabilidades e formas de veicular as informações, ou no caso dos cinemas e teatros, o que poderia ser mostrado ao público em geral. Para as empresas jornalísticas ficou estabelecido, através do artigo 131, que estariam sujeitos a receber punição nos seguintes casos:

- "a) se divulgassem notícias, com o intuito de exploração de assuntos militares;
- b) se a empresa procurasse perturbar a harmonia do Brasil com as nações estrangeiras;
- c) se ficasse provado auferir compensações materiais para combater os interesses nacionais e leis do país;
- d) se fizesse, direta ou indiretamente, campanha desagregadora e dissolvente da unidade nacional;
- e) se divulgasse segredos de Estado, que comprometessem a tranquilidade pública ou fossem contrários aos interesses do país;
- f) se provocasse animosidade, descrédito ou desrespeito a qualquer autoridade pública;
- g) nos casos de inobservância das normas e instruções dos serviços competentes em matéria de imprensa;

- h) se tentasse diminuir o prestígio e a dignidade do Brasil no interior e no exterior, o seu poder militar, a sua cultura, a sua economia e as suas tradições;
- i) se fizesse a propaganda política de idéias estrangeiras contrárias ao sentimento nacional;
- j) se provocasse desobediência às leis ou elogiasse uma ação punida pela justiça⁽¹²⁾."

Nos rádios e jornais a censura funcionava através da presença de um censor. Em cada empresa havia uma pessoa encarregada de fazer cumprir as determinações da censura, e só divulgar as informações liberadas. Herman Lima, citado por Nelson W. Sodré, diz que nenhum original descia as oficinas sem o visto do fiscal do governo⁽¹³⁾.

A garantia que toda a regulamentação seria cumprida, quanto ao controle de informação, foi efetivada com a criação dos Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda(DEIPs), criado através do decreto-lei nº 2557, de 4 de setembro de 1940, conforme o Diário Oficial de Santa Catarina, de 13 de setembro de 1940 (p.5).

A documentação de DEIP, referente a Santa Catarina, a partir de agosto de 1942, encontra-se no Arquivo Público do Estado. Trata-se basicamente de coletâneas de telegramas enviados

ao diretor do DEIP, e que depois eram repassados aos órgãos de comunicação.

Os arquivos foram consultados para verificar se ocorreram modificações de forma ou conteúdo nas publicações do O Estado e A Gazeta. Mas o que se pôde observar, durante o período analisado, foi que ambos os jornais transcreviam as notícias conforme vinham nos telegramas enviados, não demonstrando em suas publicações quaisquer tendência política que porventura tivessem.

NOTAS:

- 1) Sobre a Segunda Guerra Mundial ver:
MANDEL, Ernest. O Significado da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Atica, 1989; TAYLOR, A.J.. A Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Zahar, 1979; VIZENTINI, Paulo G.F.. Segunda Guerra Mundial: história e relações internacionais.1931-45. Porto Alegre: UFRGS, 1979.
- (2) CHATELET, François et alii. História das Idéias Políticas. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p.252.
- (3) SCHARTZMAN, Simon (org). Estado Novo, um auto-retrato (arquivo Gustavo Capanema). Brasília: UNB, 1983. p.310.
- (4) VARGAS, Getúlio D. A Nova Política do Brasil. Rio de Janeiro: José Olimpyo, 1940. p.24.
- (5) A Gazeta, Florianópolis, 10 de agosto de 1939. p.1.
- (6) PINSKY, Jaime in MOTA, Carlos G. Brasil em Perspectiva. São Paulo: Difel, 1984. p.1343.
- (7) A Gazeta, Florianópolis, 13 de junho de 1940. p.1.
- (8) SILVA, Hélio. 1942: A Guerra no Continente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p.208.
- (9) A Gazeta, Florianópolis, 16 de agosto de 1942. p.1.
- (10) GOULART, Silvana. Sob a Verdade Oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero, 1990. p.19.
- (11) GOULART, Silvana. Ibidem. pp.54-61.
- (12) GOULART, Silvana. Ibidem. p.54.
- (13) SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p.381.

IV- METODOLOGIA

Este capítulo apresenta o procedimento metodológico adotado para a análise das informações dos jornais. Essa metodologia foi criada após a revisão bibliográfica, apresentada nos capítulos anteriores, e é apresentada em três partes. A primeira parte explica qual a metodologia utilizada para a coleta e seleção das fontes. A segunda parte trata do armazenamento da informação obtida. A metodologia, nesta etapa, mostra a criação do modelo de ficha, com o nome e definição dessas categorias. A terceira parte desse capítulo trata de descrever os procedimentos a serem utilizados para a análise das informações coletadas.

4.1. Coleta e Seleção da Documentação

A metodologia utilizada para esse trabalho foi estruturada a partir da leitura de diversos autores que tratam de Teorias de Comunicação e da utilização dos meios de comunicação como fontes da pesquisa histórica⁽¹⁾.

Conforme mostrou-se no capítulo anterior, embora as notícias sejam únicas, as formas para sua transmissão variam conforme os veículos utilizados. Nos jornais impressos considerou-se quatro categorias para a divulgação das notícias: manchetes, artigos, notícias e reportagens.

Depois de feita a coleta e a seleção do material obtido junto aos jornais procurou-se analisar, também, a documentação armazenada no Arquivo Público do Estado. Através das pastas referentes ao Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) e aos Diários Oficiais do Estado e da União foi possível verificar como eram compostas as informações que, posteriormente, no caso do DEIP, foram divulgadas pelos meios de comunicação. Procurou-se acompanhar toda a trajetória de uma notícia, desde o recebimento das informações do exterior mandadas pelas agências internacionais, passando pela censura do D.E.I.P. até sua retransmissão junto aos órgãos divulgadores. Esses dados também permitiram a análise do papel do Estado Novo de Getúlio Vargas, sobre o controle da informação.

O material obtido foi armazenado em fichas criadas com o auxílio de um computador pessoal e um software de banco de dados. As categorias que compõem as fichas, permitiram registrar os dados pertinentes ao tipo de estudo proposto.

4.2. Fichamento

O modelo de ficha utilizado para o armazenamento dos dados obtidos foi o seguinte:

```
=====
Fonte:           Data:           Ano:           N.F.:
Tipo:           Pag.:           T1:
T2:           T.F.:           C.T.:
Assunto:
:
Des:
:
:
:
:
:
:
:
P.C.:
OBS:
Ag.Not.:           Local.:
-----
```

A seguir, exemplifica-se como, partindo de uma página do jornal O Estado, algumas fichas são preenchidas com as notícias divulgadas:

Impediu a guerra

u vida e os
Grã-Bretanha

31. (U. P.) --
ção de árabe,
pelo sr. Hughes
bil, ex-primeiro
aprovação do
leatório para de-
matéria de pe-
dispositiva a or-
da e com base
Grã-Bretanha.

é primeira
rde.

31. (U. P.) -- Os
recoberam in-
comulados pe-
nem e seguir
aba à primeira

o Tyrone
p acreditaam
guerra

1. A.) -- Chega-
na, a bordo do
nosso desemba-
heia o Tyrone
egressam a Ho-
ndões com a ru-
ta que recua na

procuraram in-
journalistas, dis-
com êxito os
omes foram re-
entrevistados.

ciários que re-
Hollywood não
poder demorari-
pular, sorreem
próximo filme
u com seu ma-
Fermisou dizer
ditar que haja

crise inter-
cional

1. (U. P.) -- A
crise em comen-
to a avulsa
política interna
trande calca-
la de jornal-
istas notáveis,
fisar aglomera-
na na presença
e de seguir a
crise e também
manifestações

Varsóvia, 1. -- As primeiras horas da madrugada as tropas alemãs invadiram as fronteiras polonesas, em três pontos, mas estão sendo combatidas com toda a valentia.

Varsóvia, 1. -- ARA madrugada, esta capital foi violentamente bombardeada pela aviação alemã.

Londres, 1. -- Continua a evacuação das crianças, desta capital, temendo-se qualquer ataque súbito da aviação alemã.

Paris, 1. -- Logo que o sr. Daladier foi informado do ataque alemão contra a Polónia, con-

vocou urgentemente o gabinete e teve longa conferência com o general Gamelin.

Berlim, 1. -- O governo acaba de ditar um decreto, pelo qual Dantzig é anexado ao território do Reich.

Berlim, 1. -- Adolfo Hitler acaba de dar poderes ao marechal Goring, para que o substitua no governo caso ele venha a morrer na guerra.

Berlim, 1. -- Adolfo Hitler assumiu a chefia da guerra, dizendo fazê-lo em nome da "Justiça e do Direito alemães."

Presos durante uma manifestação nazista

Budapest, (V. A.) -- Durante uma manifestação nazista realizada em frente à le-
gacão da Itália e da Alemanha, a policia prendeu 185 pessoas.

Conven lembrar que, em razão da tensão internacional e para salvaguardar a ordem, as autoridades policiais proibiram manifestações de simpatia a qualquer país, preparadas pelas "Cruzes com Flechas."

"Traição soviética"

Estrasburgo, (V. A.) -- O Bureau da Federação Socialista da S. F. I. O. do Baixo Reno aprovou uma moção condenando a situação política e apelando para a criação de uma comissão para apoliar o partido socialista nos esforços que vem fazendo para a manutenção da paz e para a sustentação da República.

As crianças londrinas
LONDRES, 31. -- O serviço de evacuação das crianças, desta capital, começará amanhã e durará 4 dias.

Fechada a fronteira com a França

Nice (V. A.) -- O governo italiano fechou a fronteira com a França e não permitirá transito nas subidas da Itália.

Vários destacamentos de carabinieri e guardas alpinos ocuparam as montanhas, além da costa, fronteira a ponte de São Luis, entre Dentone e Ventimille.

Permite-se que os turistas passem de automóvel pela fronteira por terra, de acordo com a nova determinação, são obrigados todos os turistas a descer dos veículos.

Na noite anterior, segundo câmara de lucratórios italianos dos comunistas em Nice e outras cidades da Riviera passaram para a Itália com suas famílias ocupando seus apartamentos e mobiliário.

A palavra francesa

Paris, 31. -- Depois de uma reunião que durou 1 hora e meia, o gabinete publicou uma nota oficial, dizendo ter a França garantido assistência à Polónia, caso venha a ser agredida.

Foram rejeitadas

Roma, 31. -- As duas últimas propostas feitas por Hitler, por intermédio do sr. Mussolini, à Grã-Bretanha, França e Polónia, foram rejeitadas por todos três países. (Conclua na 6ª página)

O Estado

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

Director-gerente: Altino Flores

ANO XXV

Florianópolis Sexta-feira, 1 de Setembro de 1939

N. 7755

"Plenamente ao lado da França e da Inglaterra"

LONDRES, 31 (U. P.) -- O gurm sabe interpretar o le-
"Diário da Manhã", órgão o- teresse nacional nenhuma-
licioso, diz: "Sejam quais for as consequências da guerra, o-
rem as consequências da guerra e com a nação do-
arcentamentos que se su- que esta tranquilidade de-
cedem na Europa, os portu- espírito no cumprimento de-
gustos devem continuar a todos os serviços indicados
manter os mesmos serviços pelos nossos chefes."

Uma posição mais exagere- (O "Século" publica um e-
do, nem otimismos que os ditam à câmbio de todos o-
latos não permitir, todos, situações internacionais, di-
os portugueses continuão zando: "O admirável esforço
com o mesmo espírito de do tesamento britânico
disciplina a cumprir habilitado deixa passar em julga-
tamente as suas obrigações, do as ambições desmedidas
Alemanha no diretrizes do go- governo seriam discutidas pela
vêrta, que melhor que na Inglaterra. Ninguém quer a

guerra, mas todos sustentam a e da Inglaterra, visto não
ter obgado o momento de se poder aceitar ou crer que
acabar com as exigências os problemas entre os povos
desmedidas a França e a- tentam que se resolver sob
Inglaterra estendem por esta ameaça de guerra. Recor-
ramos ocasião única se del- plivemos que, embora atra-
samos camagar a Polónia, vos dos maiores sacrifícios
teriam de ceder o resto, por e provocações dolorosas, esta
são está pronta para a situação precisa sealar de-
lato".

Terminando, acrescenta- mundo poder organizar se-
"Quanto à posição de Por- trabalhar e viver pacifica-
tugal relativamente a um, mente o mundo não pôde
conflicto tão difícil de ser viver em paz sem progre-
villado, estamos convencidos ditir sob a ameaça de (caeres-
de que a força moral está ou de Napoleões, figuras i-
plenamente do lado da Fran- ncertáveis no século XX.

Explicando as medidas de racionamento

Berlim, 31. -- O Kádo germanico dilandia por vezes as
disposições tomadas pelo sr. Walter Darré, ministro da Alimen-
tação, tendentes a esclarecer as medidas de racionamento aplica-
das na Alemanha.

O ministro da Alimentação menciona "os stocks inega-
láveis" de que disporia o Reich em cereais, batatas e açucar,
mostrando-se mais reservado em relação às carnes e graxas.

Segundo o sr. Darré, as alemães comem demasiada carne
e gordura e é no benefício da própria população que se
tomam tais medidas.

Quando a questão de saber por que as carnes de racio-
namento foram introduzidas com tanta rapidez, o ministro de
Alimentação respondeu que o Reich quis assim "reduzir a nada
as tentativas das potências que realizam o cerco".

TUDO PREPARADO PARA A LUTA

Berlim, 31 (U. P.) -- Fontes mercadoras do crédito informam
que todos os preparativos militares alemães foram terminados.

Sobretudo que todos as unidades convocadas já se acham nos
postos de guerra.

Foram ultimadas todas as providências para a distribuição de
viveres, munições e gasolina, bem como para o desenvolvimento de
outros serviços.

A proposta alemã

Berlim, 31. -- Divulgou-se a proposta alemã para a solu-
ção de sua disputa com a Polónia. Conssta de 15 artigos.

Exige a anexação imediata de Dantzig à Alemanha e um
plebiscito na chamada "corredor" para ver se a sua popu-
lação deseja ou não voltar ao Reich. Uma plebiscito seria
(como foi o de Sarre) controlado por uma comissão interna-
cional.

Esta proposta foi enviada a Varsóvia, juntamente com
o pedido de mandar um emissário a Berlim para discutila.
Como até agora nenhuma resposta foi dada pelo governo
polaco, a Alemanha do Reich considera a recusada, e reser-
va-se, por isso, o direito de agir como entender.

A vida no Reich

Berlim, (V. A.) -- Uma estação de rádio local divul-
ga que os racionos que cabem a cada indivíduo, nas que-
ras próximas seguintes, são os seguintes: carne (incluindo
ou conservas) 700 gramas por semana; batatas (manei-
ra e que) 400 gramas por semana; margarina 110 gramas por
semana; graxas 20 gramas por semana; margarina 110 gramas por
semana; margarina 110 gramas por semana; farinha de aveia
150 gramas por dia; café 25 gramas por semana; leite, 20
centilitros por dia (as crianças de menos de seis anos,
mediante autorização, terá atribuído mais leite puro por
dia, medida extensiva de alimentos grávidas ou de mães
que amamentam).

Os operários que trabalham em ofícios particulares
recebem, além do direito a 1.100 gramas de carne
por semana. Cada habitante terá direito a 180 gramas de
carne por mês. O carne ainda não foi racionado, assim
como o pão, a farinha e legumes secos.

A introdução eventual de outras determinações foi re-
pellido diversas vezes durante o dia.

O último jornalista

Varsóvia, 31. -- A Agência
Polonesa em Dantzig correu
uma perna e o último jor-
nalista polaco que ali se a-
chava retirou-se hoje para o
seu país.

Até 45 anos!

Atoas, 31. -- Os elementos
alemães na Grécia estão
vendo todos os alemães
aqui residentes, até a idade
de 45 anos, a regressar no
seu país para prestarem ser-
viço militar.

Pacto ratificado

MOSCOU, 31. -- O Supre-
mo Conselho, jespêdo de
Parlamento dos sovietes, ratificou integralmente o pacto
de não-agressão firmado com
a Polónia.

Tropas alemãs

PARIS, 31. -- Sabe-se aqui
que as tropas alemãs no
loger de marechal de rio Rá-
ce estão todas em pé-
do-

dro Catalão Clínica médico-cirurgica
plestia da cabeça e pescoço
ESPECIALISTA EM
NARIZ, GARGANTA e OUVIDOS
Consultorio: Rua Trajano, 18
Lente das 10 às 11 e das 4 às 6 horas
Residência: Phone 1565

Saíram do Báltico
Oslo, 31. -- Três "destru-
yeras" polonesas abandonaram
o mar Báltico, havendo
passado pelos estreitos de Kat-
tegat e Skager-Rak a toda
velocidade. Presume-se que
vão cooperar no Mar do
Norte, com a esquadra britá-
nica.

Dr. João de Araújo-OLHOS, OUVIDOS, NARIZ, GARGANTA
Especialista do Centro de Saúde - Anstituto do qual fazem
Consultas das 4 às 6 1/2 - Rua Victor Meireles, 94 - Tel. 144.

Grande descoberta para a mulher
FLUXO-SEDATINA
(O Regulador Vltro)
A mulher não sofrerá dores
ALIVIA AS COUÇAS UTERINAS EM 3 HORAS
Empregue-se com ventagem para
combater as Flvora Branca, Câ-
nca Uterina, Menstruação, epi e
parto, Hemorragias e Doras nos
Ovários.
E' poderoso calmante e Regu-
lador por excelência.
FLUXO SEDATINA, pela sua
comprovação efêcia, é recetada
por mais de 18.000 médicos.
FLUXO SEDATINA economiza
se em toda a parte.



O Estado

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

Diretor-gerente : Altino Flores

O XXV

Florianópolis Sexta-feira, 1 de Setembro de 1939

N. 7755

Plenamente ao lado da França e da Inglaterra"

31 (U. P.) - O quem sabe interpretar o in-
teresse nacional. Nenhuma
«Sejam quais fo-
consequências dos
ntos que se su-
Europa, os portu-
vem continuar a
calmas, serenos
mismos - exagera-
timismos que os
permitem, todos
omes continuarão
esmo espírito de
a cumprir habi-
suas obrigações,
dizetrixes do go-
melhor que um

guerra, mas todos sustentam çã e da Inglaterra, visto não
ter chegado o momento de se poder aceitar ou crer que
acabar com as exigências os problemas entre os povos,
desmedidas a França e a tenham que se resolver sob
Inglaterra entendem per esta ameaça de guerra. Reco-
uma ocasião unica, se dei bheremos que, embora atra-
nassem esmagar a Polónia, ves dos maiores sacrificios
teriam de ceder o re- lta, por e provocações dolorosas, esta
isso estão prontas para a situação precisa acabar de
luta»

Terminando, ~~se~~centa mundo poder organizar-se
«Quanto à posição « Por- trabalho e viver pacifica-
tugal relativamente a um mente O mundo nao pôde
conflicto tão difícil de ser e viver em paz nem progres-
vitado, estamos convi- ditos sob a ameaça de Cesares,
de que a força morã esta ca de Napoleões, figuras 1,

=====

Fonte: O Estado Data: set\01 Ano: 1939 N.F.: 1
Tipo: Artigo Pag.: 01 T1: Prep. para Guerra
T2: Direta T.F.: 2\n C.T.: sim
Assunto: "Plenamente ao lado da França e da Inglaterra"

:
Des: Artigo extraído do "Diário da Manhã" onde pedem para o povo
português ficar calmo frente a guerra na Europa, afirmando que o
governo sabe o que é melhor para todos

:
:
:
:
:
:
P.C.: Portugal, posição frente a guerra
OBS: Lisboa, 31
Ag.Not.: U.P.

Local.: B.P.Fpolis

REPUBLICA FEDERAL DO BRASIL

Brasília, 1 de Setembro de 1939

Rompeu a guerra

Varsóvia, 1. -- As primeiras horas da madrugada as tropas alemãs invadiram as fronteiras polonesas, em três pontos, mas estão sendo combatidas com toda a valentia.

Varsóvia, 1. -- Alta madrugada, esta capital foi violentamente bombardeada pela aviação alemã.

Londres, 1. Continua a evacuação das crianças, desta capital, temendo-se qualquer ataque súbito da aviação alemã.

Paris, 1. Logo que o sr. Daladier foi informado do ataque alemão contra a Polônia, con-

vocou urgentemente o gabinete e teve longa conferência com o general Gamelin.

Berlim, 1. -- O governo acaba de ditar um decreto, pelo qual Dantzig é anexado ao território do Reich.

Berlim, 1. -- Adolfo Hitler acaba de dar poderes ao marechal Goering, para que o substitua no governo caso ele venha a morrer na guerra.

Berlim, 1. -- Adolfo Hitler assumiu a chefia da guerra, dizendo fazê-lo em nome da justiça e do Direito alemães.

=====
 Fonte: O Estado Data: set\01 Ano: 1939 N.F.: 1
 Tipo: Notícia Pag.: 01 T1: Guerra
 T2: Direta T.F.: 4\n C.T.: sim
 Assunto: "Rompeu a guerra"

:
 Des: Várias notícias referentes a invasão alemã a Polônia, a preocupação inglesa com possíveis ataques aéreos, e sobre a posição de Hitler

:
 P.C.: Alemanha, Polônia, Inglaterra

OBS: Varsóvia, Londres, Paris, Berlim, 1

Ag.Not.: não tem

Local.: B.P.Fpolis

4.2.1. Definição operacional dos campos

Utilizando esse fichamento é possível observar, através dos campos criados, os vários aspectos da notícia divulgada.

- 1) Fonte: indica de onde foi retirada a informação da ficha, se do jornal, do arquivo, ou do diário oficial.
- 2) Data: registra o dia e o mês que a notícia, ou outro tipo de informação, foi divulgada. Este campo, permite observar, com referência as notícias, se todos os órgãos a transmitiram no mesmo dia.
- 3) Ano: através do ano pode-se acompanhar as modificações ocorridas na forma de tratamento das notícias sobre o inimigo, durante os anos do conflito.
- 4) N.F.: número da ficha. Indica se o teor da informação foi dividido em mais de uma ficha.
- 5) Tipo: Refere-se ao tipo da informação. No caso das informações dos jornais, este campo indica qual é a categoria da notícia (artigo, comentário, etc.). Para as pastas do arquivo, este campo serve para anotar o nome da pasta (DEIP, etc.).

- 6) Pag: o número da página onde se encontra a informação.

- 7) T1: Utiliza-se este campo para esclarecer o teor da notícia que são divididas em três categorias: "acordos diplomáticos", "preparativos para a guerra" e "guerra". Sob "acordos diplomáticos" são catalogadas as notícias referentes a negociações entre os diversos países envolvidos com a guerra. "preparativos para a guerra" são as notícias referentes a união de exércitos ou notícias sobre compras de armas, ou movimentos de tropas, etc.. Em "guerra" são anotados os conflitos armados entre Nações.

- 8) T2: Nesse campo anotasse o tipo de linguagem utilizada nos diversos informes fichados. A linguagem é dividida em duas categorias: direta ou conotativa. Linguagem direta é aquela onde não há qualquer implicação pejorativa ao tratar os inimigos, já a linguagem conotativa utiliza-se de adjetivos para dar ênfase aos aspectos negativos do elemento abordado na notícia em questão⁽²⁾

- 9) Local.: Localização. Refere-se ao local onde o documento foi consultado ou também de onde é este documento. No presente trabalho, por exemplo, indica que o jornal O Estado é de Florianópolis e que está na Biblioteca Pública de Florianópolis.

- 10) Assunto: Serve para indicar o conteúdo da informação. Pode ser o título de uma notícia, ou de informes oficiais, etc.
- 11) Des.: Descrição ou transcrição propriamente dita das notícias ou informações utilizadas para as análises posteriores.
- 12) P.C.: Palavras chaves. Este campo permite que, através de palavras significativas, se saiba o conteúdo das fichas.
- 13) Obs: Observações. Anotação de informações que ajudem a esclarecer o conteúdo da ficha.
- 14) Ag. Not: Anota-se de qual agência de notícia originou-se a informação.
- 15) T.F.: Tipo de fonte. Refere-se ao tipo e tamanho dos caracteres utilizados para a impressão informação. Este campo é específico para o estudo do Layout do jornal.
- 16) C.T.: Conteúdo do Título. Este campo é para as anotações referentes aos títulos, destaques dados as informações. A função deste campo é observar a quantidade de títulos apelativos, não condizentes com o conteúdo da informação.

Após o fichamento do material coletado houve a possibilidade de recuperar as informações transmitidas sobre a guerra, a maneira como foram tratados os inimigos do Brasil e quais as mudanças ocorridas no sentido da criação da imagem de um inimigo comum entre os anos 1939/ 1945.

A análise desse estudo foi possível partindo do relacionamento entre os diversos campos contidos nas fichas preenchidas com as notícias. Essas relações possibilitaram as seguintes conclusões:

- 1) A comparação entre o campo fonte e a descrição possibilitou a análise de como os diferentes órgãos consultados abordaram uma mesma informação;
- 2) A relação entre a descrição da notícia com a data permitiu a comparação das notícias transmitidas pelos vários órgãos ou, ainda, se todos transmitiram a mesma notícia no mesmo dia;
- 3) A análise do ano, juntamente com a descrição, permitiu que se observasse como a descrição do inimigo muda através dos anos de guerra e como esta imagem vai criando contornos mais nítidos;
- 4) Outra relação feita foi entre o tipo de informação (tipo) e a descrição. Esta análise mostrou a quantidade de vezes que a

mesma notícia aparece e em quais categorias ela foi transmitida, permitindo assim a observação da importância dada ao evento;

5) Através da relação entre o título (tema) e a descrição observou-se qual a ênfase dada à notícia. Se o tema foi realmente condizente com o teor contido na notícia ou se foi apelativo, para chamar atenção do leitor.

6) As análises dessas relações aliadas ao estudo da linguagem utilizada (T2) se direta ou conotativa, permite que se perceba se houve alguma forma apelativa ao referir-se ao inimigo.

7) Quanto ao teor da notícia (T1), de acordo com o enfoque dado as três categorias- acordos diplomáticos, preparativos para a guerra e guerra- permitiram que se observasse como, através dos meios de comunicação, criou-se a imagem do inimigo.

8) Uma outra categoria de análise é obtida do cruzamento do campo linguagem (T2) e do título (C.T.), onde através da linguagem conotativa e dos títulos apelativos foi possível verificar quais foram os cunhos pejorativos utilizados para caracterizar o inimigo.

Notas:

- 1) CAPELATO, Maria Helena R.. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: EDUSP, 1988.; LAGE, Nilson. Ideologia e Técnica da Notícia. Petrópolis: Vozes, 1979; LAGE, Nilson. Linguagem Jornalística. São Paulo: Atica, 1986; LAGE, Nilson. Estrutura da Notícia. São Paulo: Atica, 1985; BOND, F. Faser. Introdução ao Jornalismo. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

- (2) Dicionário de Linguística Jean Dubois. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1991. p.142

V. AS NOTÍCIAS DOS JORNAIS

Partindo da metodologia criada para a coleta das notícias divulgadas pelos jornais O Estado e A Gazeta de Florianópolis, e seguindo os critérios já expostos, foram coletadas nos 81 meses analisados, entre janeiro de 1939 e setembro de 1945, um total de 3470 notícias, fazendo uma média aritmética de 43 notícias por mes ou 516 por ano. Estas notícias correspondem a 1753 de O Estado e 1717 de A Gazeta.

TABELA I

A SEGUNDA GUERRA NOS JORNAIS- 1939\1945

ANOS	O ESTADO	A GAZETA	TOTAL
1939	208	199	407
1940	270	268	538
1941	270	272	542
1942	286	290	576
1943	289	278	567
1944	230	212	442
1945(*)	200	198	398

(*) até setembro de 1945

FONTE: Jornal O Estado de Florianópolis, de 1939 a 1945

Jornal A Gazeta de Florianópolis, de 1939 a 1945

Conforme se pode perceber houve uma média constante de publicações em ambos os jornais. Em 1939, comparativamente aos anos posteriores, ainda eram poucas as informações sobre a Guerra. O Estado, até 1940, publica mais sobre os conflitos do que A Gazeta. Mas a diferença é muito pequena, sendo que, em 1940 e 1941, é o jornal A Gazeta quem traz mais notícias sobre o conflito. A grande diferença, até 1942, entre ambos os jornais, está no teor dessas informações. Apesar de numericamente A Gazeta trazer mais notícias, na realidade quem mais explora o seu conteúdo é o jornal O Estado.

Após agosto de 1942, tanto O Estado quanto A Gazeta começam a trazer notícias mais aprofundadas e, passam a fazer parte das edições, alguns artigos e reportagens, copiadas de outros jornais ou não, onde procurava-se esclarecer aos leitores a situação em que se encontravam os países em guerra.

Neste capítulo encontram-se as informações, divulgadas pelos jornais O Estado e A Gazeta, que se referissem aos vários aspectos da Guerra, desde os acordos diplomáticos até a guerra em si, passando pela compra ou fabricação de armamentos e pela descrição dos inimigos e de seus atos.

Para efeito de análise, dividiu-se o capítulo em duas partes. A primeira vai de janeiro de 1939 a agosto de 1942, acompanhando desde o início do ano as informações sobre o

desenvolvimento das hostilidades até a entrada oficial do Brasil na Guerra, e a segunda vai de setembro de 1942 ao final da Guerra em 1945, contando com a participação efetiva do Brasil nos conflitos armados.

A análise foi dividida em quatro partes. A primeira parte é a diagramação, ou seja, a distribuição das notícias, onde o impacto visual é o maior artifício para vender a informação. A segunda parte discute o teor, o conteúdo das informações, onde se observa qual o significado e o espaço dedicado às notícias da guerra dentro das categorias analisadas. Na terceira parte mostra-se como foram utilizados os títulos das notícias para chamar a atenção dos leitores para a informação, pelo uso de uma linguagem apelativa. E finalmente, a última parte, a linguagem conotativa, trata da vinculação utilizada, no corpo da notícia, para dar maior ênfase a informação.

PRIMEIRA PARTE
JANEIRO DE 1939 A AGOSTO DE 1942

5.1- DIAGRAMAÇÃO

A diagramação (distribuição gráfica do material a ser publicado nas páginas dos jornais), durante este período ainda não tinha uma padronização fixa para sua publicação. Os elementos gráficos, as fontes, os clichés (ou fotos) e as charges eram distribuídas de forma artesanal.

Nos jornais A Gazeta e O Estado, observou-se que, a cada dia eram utilizadas fontes diferentes para impressão. As fontes (tipos de letras) utilizadas variavam conforme o dia e a notícia a ser divulgada. As vezes, um mesmo título possuía mais de uma fonte. Por exemplo: misturavam-se caixa alta com itálicos ou ainda elementos vazados com letras desenhadas.

Outro elemento utilizado como artifício para chamar a atenção dos leitores era o tamanho das letras. Em relação ao espaço total das folhas do jornal, a largura utilizada por

algumas manchetes era descomunal, quebrando toda a noção de distribuição espacial. Também o "layout", ou o diagrama de página, dos jornais O Estado e A Gazeta não tinha uma padronização. A única semelhança diária entre ambos os jornais era em relação a escolha da tonalidade das fontes para as manchetes, todas impressas em "extra bolt", ou "negrito".

No jornal O Estado as manchetes vinham impressas, na sua grande maioria, com fontes pequenas de até 1,5 cm (3,561 paicas). Apesar de estarem todas em "extra bolt", não havia uma uniformidade em relação aos destaques dados nas manchetes, resultando assim numa variação quanto ao tamanho e a família das fontes utilizadas. Já no A Gazeta foi, quase sempre, dado um destaque maior à manchete, sendo todas impressas em letras grandes, acima de 1,5 cm, dificultando as vezes a leitura do jornal. Quando utilizado este tipo de artifício, as letras se embaralham quando lidas de perto, facilitando, entretanto, sua leitura a distância. Segundo Jalí Meirinho esta prática realmente era observada, pois os jornais expunham seus exemplares afixando-os nas portas das suas redações⁽¹⁾.

Em ambos os jornais não havia uma prática diária de divisão das composições em colunas, como atualmente se observa nos jornais. As notícias e outras informações vinham impressas conforme a noção de importância que os responsáveis pelos jornais lhes davam. Uma mesma notícia sofria variações tanto na opção das

fontes, quanto na posição na página. Ainda podia acontecer, de uma mesma notícia ser divulgada em seu teor total em dias diferentes, ou ainda não ser publicada por nenhum dos dois jornais. Um exemplo foi a declaração do chanceler Osvaldo Aranha sobre a neutralidade do Brasil frente a Guerra, que foi publicada pelo A Gazeta de 10 de agosto de 1939 na primeira página e, no jornal O Estado não se constatou, na mesma data, esta publicação.

Com relação ao "layout", observou-se que o jornal O Estado procurava uniformizar mais suas publicações de forma a propiciar ao leitor uma paginação mais suave e espaçada. O A Gazeta era mais agressivo visualmente devido ao tamanho das letras e a mistura de fontes e tipos. Pela característica de publicar, geralmente, em suas primeiras páginas, notícias curtas ou manchetes, A Gazeta pode, a primeira vista, dar a impressão de que continha a maior quantidade de informações.

Os dois jornais eram semelhantes quanto à distribuição de suas informações. As primeiras páginas de ambos eram as que continham as informações mais importantes, como se observa nos jornais atuais. Essa importância, no período da Guerra, não significou notícias apenas referentes ao conflito, pois havia uma grande divulgação de notícias policiais nas primeiras páginas. As páginas seguintes divulgavam, geralmente, esportes e propagandas. Nessa mistura de interesses no tocante as informações impressas, percebe-se que, nos primeiros meses do conflito, ainda não havia

um comprometimento da imprensa com a divulgação maciça das notícias sobre a Guerra.

Era característica dos jornais, nesse período, trazer, na sua quase totalidade, nas primeiras páginas as notícias sobre a Guerra. Por isso, as notícias utilizadas para análise neste capítulo, só trarão indicações de páginas quando as mesmas se encontrarem em outras páginas que não a primeira. 

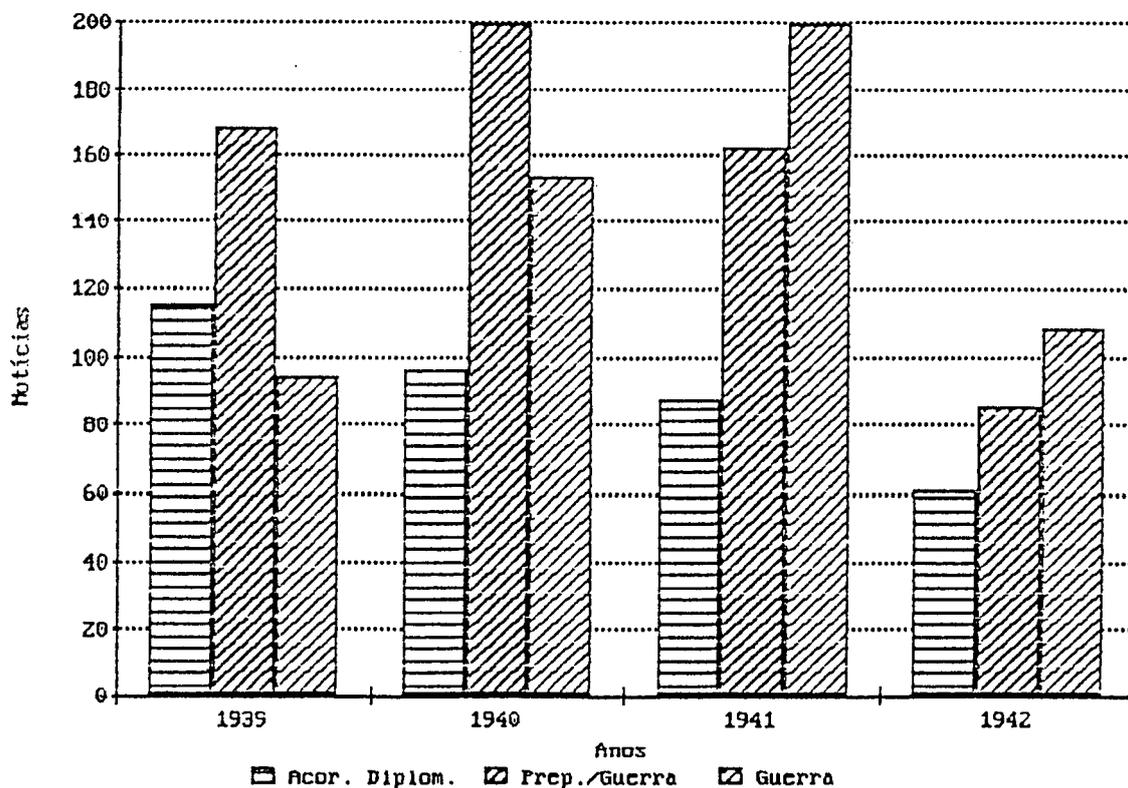
5.2.- TEOR DA NOTÍCIA

Este item trata do conteúdo das notícias, do tipo de informações que foi transmitida sobre a Guerra. O teor da notícia foi dividido em três categorias para que se pudesse observar qual o espaço dedicado as diversas informações referentes a Guerra. A análise geral dessas categorias permitiu, por exemplo, verificar quantas vezes falou-se sobre o acordo entre Alemanha e Rússia, ou sobre a compra de armamentos pelos ingleses. Estas categorias serviram de base para a verificação de quais informações foram divulgadas como notícia, como reportagem, ou outras. Enfim, para que se pudesse ter uma idéia da importância dada, pela imprensa aos acontecimentos que envolveram a Segunda Guerra.

De uma maneira geral, essa análise permitiu a verificação, através de outras fontes, do que a produção historiográfica mostra sobre a Segunda Guerra Mundial.

O gráfico I, permite saber quantas foram as notícias divulgadas em ambos os jornais nesse período, seguindo os critérios propostos, nas três categorias de análises:

Gráfico 1
Notícias Sobre a Guerra (1939-1942)



Fonte: Tabela II (ANEXO I)

Percebe-se pelo gráfico acima que até a entrada oficial do Brasil na Guerra, nos 44 meses pesquisados, que houve pouca variação na quantidade de informações divulgadas sobre a Guerra, principalmente considerando-se que, em 1939 com a deflagração da guerra, a grande maioria das notícias só começa a ser divulgada a

partir de setembro. Já em 1942, as notícias relacionadas são as coletadas até setembro. Desta forma, em relação a quantidade total das notícias, não houve grandes mudanças.

Em relação ao conteúdo das notícias, percebeu-se uma diferença mais significativa. Os "acordos diplomáticos" sofreram um decréscimo natural, à medida que os países foram se envolvendo no conflito. Em "preparativos para a Guerra", depois de um aumento na divulgação de compra de armamentos, que em 1940 começam a diminuir, mas notícias passam a ser mais elaboradas e tratam de explicar os avanços sobre os territórios. O que se confirma com o aumento das divulgações da "guerra", onde passa a haver uma maior cobertura, por parte da imprensa, dos conflitos armados.

Em "acordos diplomáticos" foram selecionadas as notícias referentes aos acordos e pactos firmados, às motivações e reclamações, e os efeitos dos mesmos sobre os países envolvidos, direta ou indiretamente neste conflito. Mas, preferencialmente, foram utilizadas para as análises as notícias que contivessem referências aos alemães, italianos e japoneses, e ainda aos brasileiros, para a verificação do envolvimento dos mesmos, no desenrolar dos acontecimentos.

Em 1939, a imprensa registrou que o pacto assinado entre Roma e Berlim- países do "Eixo"- foi recebido pelos poloneses com

frieza. Em Varsóvia, para não provocar litígio com a Alemanha, o governo polonês resolveu não tomar nenhuma atitude⁽²⁾. Com a crescente tentativa alemã em formar novas coalizões, a Inglaterra procurou contrabalançar forças buscando a adesão da Romênia, Grécia e Iugoslávia para o bloco anti-germânico, que formou com a França⁽³⁾.

Adolf Hitler fez enérgicas declarações ameaçando retirar seus diplomatas dos países que apoiavam a Inglaterra⁽⁴⁾ e propôs novos pactos, com a Espanha e Portugal, que não aceitavam assinar nenhum compromisso com o Eixo. Ainda em 1939, a 7 de julho, nos Estados Unidos, o consulado alemão convocou todos os alemães nascidos em 1920 para retornar a Alemanha e servir o Reich, o que gerou muitos protestos dos descendentes que não concordaram com esta atitude. Em Londres os súditos alemães também foram chamados de volta à Alemanha⁽⁵⁾.

A preocupação inglesa com a situação da Polônia, pressionada pelos alemães continuou, e segundo O Estado, em 10 de julho de 1939, a Câmara dos Comuns aprovou a decisão que de ante qualquer ameaça a Dantzig, entraria em ação o pacto anglo-polonês.

As tentativas de ambas as partes, de um lado o Eixo Roma/Berlim e de outra os Aliados Inglaterra e França, de tentar novos acordos continuou. O jornal A Gazeta anunciou, em 16 de julho de

1939, que "Fracassaram as negociações em Moscou" com a tentativa de fazer que a Rússia participasse do bloco com a Inglaterra e a França e ressaltou que o Eixo acompanhava de perto essas negociações. Em 25 de julho anunciou-se que os meios diplomáticos alemães diziam que Berlim não provocaria a guerra e que a "Alemanha só queria a volta incondicional de Dantzig"⁽⁶⁾. O Estado noticiou que foram "Reiniciadas as conversações entre Berlim e Moscou" e que "O pacto ainda não foi ratificado"⁽⁷⁾ tentando esclarecer sobre o pacto de não-agressão germano-soviético.

Em 1939, os Estados Unidos acompanhavam de perto, como o resto do mundo, o desenrolar dos acontecimentos. E em 23 de maio estavam "otimistas" com a "decisão de Tóquio em recusar aliança com Roma/Berlim"⁽⁸⁾. Nesse ano foram celebrados os "85 anos de paz entre Japão e EEUU"⁽⁹⁾. Mas o tratado foi rompido, e em agosto foi noticiado que era eminente a adesão do Japão ao Eixo⁽¹⁰⁾.

A questão polonesa foi se agravando e von Ribbentrop, emissário de Hitler, aconselhou "a França que não auxilie a Polônia"⁽¹¹⁾. Em 24 de agosto, Berlim noticou que, conforme já havia previsto com a Áustria e a Checoslováquia, "Está decretada a extinção da Polônia"⁽¹²⁾, mas que, entretanto reinaria a paz na Europa, garantia uma mensagem enviada por Hitler a Londres⁽¹³⁾.

Apesar dessa garantia, Bulgária, Suíça, Lituânia, Líbano e Grécia preparavam-se para conflitos eminentes⁽¹⁴⁾.

Na Europa todo o povo aguardava ansioso pelo desenrolar dos acontecimentos. Finalmente saíram as manchetes "Rompeu a Guerra", no O Estado em 1º de setembro e "Deflagrou a guerra na Europa. Hitler anexou Dantzig e o corredor polonês", em 02 de setembro de 1939 no A Gazeta.

Nos primeiros dias de setembro de 1939, Brasil, Chile, Itália, Rússia e Japão declaram-se neutros. Em Santa Catarina foram "proibidas as manifestações sobre a guerra" por ordem de Ivens de Araújo, secretário da Segurança Pública⁽¹⁵⁾. A Agência Nacional recebeu de Washington uma notícia que falava sobre "A coragem de Hitler" em propor paz enquanto deflagrava a guerra⁽¹⁶⁾. Devido a essa e outras notícias sobre as ações alemãs houve um "Protesto alemão contra jornal brasileiro", onde alegava que o jornalismo brasileiro estava sendo ludibriado pela propaganda anti-germânica e manipulado para noticiar contra o povo alemão⁽¹⁷⁾. Dessa forma o governo alemão, através de seus órgãos de imprensa, procurava difundir a idéia que os Aliados distorciam as informações à respeito da Guerra. Mas como que para corroborar com a versão Aliada, e ao mesmo tempo deixando claro o desgosto de seu povo, foi distribuída uma nota do ex-presidente da República da Polônia, o pianista Paderewski, dizendo que:

"Para salvar o mundo, a cristandade, a cultura, a civilização, a liberdade do homem, sua dignidade pessoal e sua honra, esta guerra teve que ser aceita por nós e uma vez mais a Polônia desempenhou seu histórico papel de barricada contra o barbarismo em sua marcha da conquista do mundo"⁽¹⁸⁾

Os países Aliados esperavam que Hitler propusesse a paz com seu discurso proferido no Reichstag⁽¹⁹⁾ o que não ocorreu. Após a assinatura do pacto anglo-franco-turco⁽²⁰⁾, Berlim declarou "Uma nova medida diplomática" na qual a Turquia não era mais considerada neutra⁽²¹⁾. Roosevelt, por seu lado, declarou que interferiria "pela paz em Haia" empenhando-se junto a Rainha Guilhermina e o Rei Leopoldo⁽²²⁾.

Em 1940, o governo italiano retirou seu embaixador de Moscou⁽²³⁾. No mesmo ano, a "Alemanha pede a retirada de todos os cónsules estrangeiros" de Varsóvia⁽²⁴⁾, demonstrando suas novas diretrizes, fechando os canais diplomáticos.

No Brasil, "o chefe da nação" Getúlio Vargas discursou sobre a política continental, na instalação da Comissão Interamericana de Neutralidade⁽²⁵⁾ confirmando assim a posição dos brasileiros em não se envolver no conflito. Mas os meios diplomáticos deixavam claro que "Os Estados Unidos se oporiam a vitória dos totalitários"⁽²⁶⁾, deixando entrever que os países americanos deveriam estar juntos nesse posicionamento.

No dia 10 de abril de 1940, o jornal A Gazeta noticiava que a Dinamarca e a Suécia "aceitaram a proteção do Reich" por causa da violação por parte dos Aliados de sua neutralidade. Devido ao bloqueio às águas norueguesas, haveria um "novo governo chefiado pelo nazista norueguês Quisling"⁽²⁷⁾. Quisling tornou-se o símbolo da traição, do homem vendido, do anti-patriota. Na luta contra a traição, muitos foram julgados, como "a jornalista suíça Carmen Mory, 34 anos, e o alemão Fritz Erner, produtor cinematográfico" que foram condenados à morte por espionagem, em Paris ⁽²⁸⁾.

A vaga alemã continuava a avançar sobre outros países, mas afirmava que "A Alemanha age por espírito de justiça"⁽²⁹⁾. Para justificar seus atos o Reich utilizava-se de vários tipos de explicações, como por exemplo um memoradum que dizia: "A Alemanha, para evitar o ataque anglo-franco, através dos territórios da Bélgica e da Holanda, resolveu invadir esses países"⁽³⁰⁾.

A Grã-Bretanha, por sua vez, garantia que pretendia "lutar até o fim" e não aceitaria insinuações de paz da Alemanha⁽³¹⁾. Para "assegurar a vitória britânica" Roosevelt enviou uma missão a Londres para verificar se havia necessidade de ajuda⁽³²⁾. Por essas atitudes, Hitler manifestou-se dizendo que Roosevelt seria "um dos responsáveis pela destruição da Inglaterra"⁽³³⁾.

A luta pelo poder entre Alemanha e Inglaterra descrita pela imprensa, chegou ao final do ano de 1940 com a divulgação de uma ameaça de "Represália alemã", onde dizia-se que para cada bomba jogada pelos ingleses, os alemães mandariam dez⁽³⁴⁾. Segundo um jornal italiano, para garantir a vitória alemã, havia sido feita uma "oferta" repelida pelo Brasil, quando o Eixo ofereceu para os Estados Unidos, Brasil e Argentina as colônias britânicas, se eles permanecessem neutros⁽³⁵⁾.

Em abril de 1941 "famílias alemãs deixam a Iugoslávia", voltando para a Alemanha. Fontes autorizadas nazistas diziam que a Alemanha não se deixaria provocar pelos agentes ingleses na Iugoslávia, nem ficaria em Belgrado para ser atacada e insultada⁽³⁶⁾.

Em 15 de novembro de 1941, A Gazeta publicou que Roosevelt havia sancionado a revisão da Lei de Neutralidade. Por parte do Brasil, Osvaldo Aranha declarou que "se um só país da América entrasse na guerra, o Brasil não ficaria neutro"⁽³⁷⁾. Em contrapartida, em Berlim "unidos contra o comunismo", assinaram o pacto-antikomintern a Alemanha, a Itália, o Japão, a Espanha, a Hungria, o Mandchukuo, a Bulgária, a Finlândia, a Dinamarca, a Croácia, a Romênia, a Eslováquia e o Governo Nacional da China⁽³⁸⁾.

O jornal A Gazeta publicou, no dia 6 de dezembro de 1941 que, segundo um anúncio de Washington, provavelmente iriam cessar. Naquele dia as relações diplomáticas com o Japão. Em 9 de dezembro, noticiava-se o ataque japonês a Pearl Harbor, ocorrido no dia 7, e também a solidariedade empenhada aos Estados Unidos pelo Brasil, Cuba, Argentina e Uruguai⁽³⁹⁾. Sobre o conflito armado em Pearl Harbor, a agência UP manifestou-se com uma notícia onde afirmava que, os americanos primavam pelo respeito ao direito internacional, mas os japoneses estavam "rindo para essas velharias"⁽⁴⁰⁾.

No Brasil, o ano de 1942 começou com um discurso do presidente Vargas dizendo que:

"se formos agredidos, se tentarem contra a nossa soberania, o valor, a honra, a bravura e a disciplina das nossas forças armadas e o patriotismo da gente brasileira, cumprirão o seu dever no momento de perigo..."⁽⁴¹⁾

Após a "Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro"⁽⁴²⁾, houve a declaração de que seria "unânime o rompimento das relações diplomáticas dos países americanos com a Alemanha, Itália e Japão"⁽⁴³⁾. Mas, apesar de empenhar sua solidariedade aos Estados Unidos, a Argentina proibiu que fossem veiculados os filmes anti-nazistas em seu território para não melindrar o "Eixo"⁽⁴⁴⁾. As notícias sobre a atitude da Argentina com os alemães, foram motivo de várias notícias divulgadas nesse

período, mas nunca de uma forma mais agressiva, como se o governo brasileiro não quisesse se indispor, de fato, com seus vizinhos portenhos.

No Rio de Janeiro, segundo noticiou A Gazeta, em 5 de março de 1942, deixaram o Brasil "800 representantes do Eixo" entre diplomatas, professores universitários, funcionários, etc . E a preocupação com um ataque em terra pelos eixistas, fez com que o governo decidisse que o povo deveria "treinar nos serviços da luta contra o fogo, do Maranhão a Porto Alegre"⁽⁴⁵⁾.

Devido às denúncias de brasileiros presos nos campos de concentração, Getúlio Vargas autorizou, em despacho oficial, que os diplomatas dos países inimigos podiam retornar ao seu país. Mas que "Os alemães residentes no Brasil" ficariam como "reféns" por Compiègne, campo de concentração onde, segundo noticiado, havia brasileiros presos⁽⁴⁶⁾ e o Brasil entraria em "Estado de Guerra" como medida de represália⁽⁴⁷⁾.

Um segundo item analisado nas informações transmitidas nesse período, foi catalogado como "preparativos para a guerra". Selecionou-se as notícias referentes a compras de material bélico, de movimentação de tropas, ou outras onde não se caracteriza-se a guerra. Nesse sentido, o jornal O Estado publicou uma notícia sobre a "organização militar alemã" onde eram analisadas as forças humanas e bélicas, a distribuição

territorial e o poder quantitativo das mesmas em toda a Europa⁽⁴⁸⁾, e que havia sido dada a permissão para a construção de submarinos para a Alemanha e que, com isso, as forças ficariam desequilibradas, pesando contra a Inglaterra⁽⁴⁹⁾. E, já a 4 de abril, O Estado publicou que a "Alemanha driblou a boa fé da Eslováquia" e tomou-lhe 30 km quadrados de seu território.

A movimentação de tropas alemãs e japonesas rumo ao Mediterrâneo serviu de base para uma notícia que a agência Associated Press enviou mas esclareceu que não havia uma confirmação oficial sobre o assunto⁽⁵⁰⁾. Já em Dantzig, era dado como certa a presença de 20 mil soldados alemães⁽⁵¹⁾. "A Checoslováquia devastada" pelas tropas alemãs, acusava o Reich de ter levado de seu território 3,5 bilhões em bens⁽⁵²⁾.

O medo das invasões fez com que muitos países tentassem guarnecer suas fronteiras, como a Finlândia e a França. Essa última afirmou que na zona do Reno, "grandes contingentes de tropas alemãs" instalaram-se nas suas fronteiras⁽⁵³⁾. A "mobilização britânica" também foi levantada e fez-se um balanço das forças navais dos países aliados⁽⁵⁴⁾. Ainda no mês de julho, O Estado noticiou sobre a presença de tropas alemãs na Líbia e que, pelas novas fronteiras italianas, "Trieste é dada a Alemanha"⁽⁵⁵⁾.

No Brasil, as forças navais entraram em manobras⁽⁵⁶⁾ e divulgou-se que, apesar do Brasil não ter entrado na corrida armamentista, seu material bélico poderia comparar-se a dos Estados Unidos⁽⁵⁷⁾.

Vários países começaram a anunciar suas forças. O Estado divulgou que, entre os países da Europa, já havia "quase 7 milhões em pé de guerra"⁽⁵⁸⁾ e que a Rússia poderia mobilizar "12 milhões de homens", uma força esmagadora⁽⁵⁹⁾.

Após a deflagração da Guerra, os "escandinavos e os balcânicos" ficaram alarmados, e a Estônia e a Letônia reforçaram suas fronteiras, enquanto a Lituânia convocava seus reservistas⁽⁶⁰⁾. Em 4 de outubro de 1939, o jornal O Estado divulgou uma notícia dizendo que a Holanda sentia que seria "o próximo país a ser invadido".

Enquanto isso, na Alemanha, Adolf Hitler advertia, através do noticiário, aos chefes de Estado que não tentassem lutar como a Polônia, pois essa também resistira e fôra subjugada⁽⁶¹⁾. Para a manutenção da Guerra, o povo alemão sofreu um grande racionamento, que era constantemente divulgado⁽⁶²⁾, mas mesmo assim o Reich continuava com seu avanço e, segundo se informou, havia um impasse entre os alemães e os aliados, esperando quem atacasse primeiro⁽⁶³⁾.

Em 1940, na Bélgica, um decreto real proibiu que qualquer palavra impressa nociva ao espírito da população e dos militares, circulasse pelo país⁽⁶⁴⁾. Em 26 de janeiro deste mesmo ano, foi veiculado pelo jornal O Estado que teriam sido encontrados planos de invasão da Bélgica com um soldado alemão capturado. Com o bloqueio naval instalado pelos britânicos, foram capturadas as malas postais que iam dos Estados Unidos para a Europa, o que gerou grandes protestos por parte dos americanos⁽⁶⁵⁾.

Em vista da situação, a escassês de matéria prima para a indústria bélica, levou o Reich a aproveitar tudo o que conseguia, desde papéis, ossos e até vidros⁽⁶⁶⁾. Apesar desta situação, a Alemanha planejava lançar "300 divisões sobre Paris, através dos campos de Flandres"⁽⁶⁷⁾. Para garantir a continuidade da campanha de Guerra, Goering apelava ao povo para que no dia do aniversário do Fuher todos presenteassem "o sr. Hitler com metais velhos"⁽⁶⁸⁾. Na Alemanha, Goebels tivera uma idéia para levar os árabes a apoiar a Alemanha, que consistia em dizer que Hitler era o novo profeta enviado por Alá para dar castigo aos judeus e cristãos⁽⁶⁹⁾. Enquanto isso, nas trincheiras, os soldados alemães e franceses insultavam-se mutuamente e eram feitos bonecos irônicos pelas tropas inimigas, os alemães de Daladier e os franceses, de Hitler⁽⁷⁰⁾.

O ex-embaixador americano em Berlim, Gerand, declarou que os Estados Unidos estariam ameaçados com a vitória alemã, e o

maior perigo seria a complicação na América Latina⁽⁷¹⁾. Segundo o ex-embaixador, dois dos Estados brasileiros mais prósperos, eram praticamente alemães, e seriam responsáveis pela transmissão do poderio alemão partindo pela Argentina e México em direção aos Estados Unidos⁽⁷²⁾. Em Paris, os traidores foram acusados de facilitarem a entrada dos alemães⁽⁷³⁾, e divulgou-se que havia sido descoberta "uma vasta rede de espionagem nas Américas"⁽⁷⁴⁾.

No Brasil, o catarinense Eduardo Fuchs foi condenado a três anos de prisão por ter bradado pelas ruas que a "Alemanha dominará a Europa e depois virá tornar esta porcaria uma colônia alemã⁽⁷⁵⁾". E, segundo um artigo da Revista Seleções, do Readers Digest, o Brasil era um alvo fácil da saga inimiga⁽⁷⁶⁾. Desta forma o avanço inimigo era associado a presença de traidores, provavelmente, de descendentes alemães e italianos residentes no país que, através de suas informações, facilitariam suas conquistas.

Em 1941, foi publicado que a frota americana ficaria "estacionada no Hawai" até que a situação internacional se definisse⁽⁷⁷⁾ e que Roosevelt não havia ligado para as ameaças de Hitler, e continuaria ajudando a Inglaterra⁽⁷⁸⁾. Como se fosse uma resposta dos inimigos à atitude americana, foi publicado que "Após sucessivos ataques sofridos pelos países americanos neutros" foi pedido, junto a Washington, a revisão da Lei de Neutralidade⁽⁷⁹⁾.

A situação estava ficando tensa e passou-se a considerar o Pacífico "um imenso barril de pólvora"⁽⁸⁰⁾. Uma rádio italiana disse que importantes unidades japonesas estavam cruzando ao norte de Luçon, nas Filipinas e ao sul de Formosa⁽⁸¹⁾. Na América Latina estavam sendo feitos preparativos para a guerra. Cuba e Chile na tentativa de preparar-se para qualquer contingência, pediram o apoio dos Estados Unidos e do programa de defesa continental⁽⁸²⁾.

Em 29 de janeiro de 1942, segundo o jornal A Gazeta, o povo brasileiro clamava por justiça e vibrava com o rompimento das relações com a Alemanha e a Itália. Getúlio Vargas convocou todos os aviadores civis e reservistas da Força Aérea Brasileira, a FAB⁽⁸³⁾. E, logo após foi publicado que, "400 indivíduos foram presos por espionagem no Brasil", na cidade do Rio de Janeiro⁽⁸⁴⁾. Em Florianópolis, ambos os jornais informaram que, em 20 de agosto de 1942 houve várias manifestações em favor dos Aliados. No dia 23 de agosto, O Estado e A Gazeta informaram que "O Brasil adotou o Estado de Guerra", cumprindo a expectativa criada em torno desta questão. O jornal serviu como veículo articulador para concretizar, junto a vontade pública, a adesão ao movimento anti-nazista.

A partir da deflagração da "Guerra", várias foram as notícias referentes aos conflitos. Informava-se, principalmente

sobre os combates propriamente ditos, as perdas de homens e armas dos diversos países que foram envolvidos na Segunda Guerra Mundial. Em 14 de agosto de 1939, o jornal O Estado publicou que "Travaram-se combates sangrentos" na fronteira envolvendo polonêses, tchecos e alemães. Noticiou-se também, que Varsóvia havia sido bombardeada⁽⁸⁵⁾, e apesar de sitiada, resistiu bravamente⁽⁸⁶⁾, mas que foram feitas "10.000 vítimas neste bombardeio"⁽⁸⁷⁾.

Ao mesmo tempo era noticiado que a Inglaterra tratava bem os "prisioneiros alemães"⁽⁸⁸⁾ e, mesmo assim, os alemães recebiam ordens de não fazerem prisioneiros, promovendo com esta atitude um "gigantesco massacre"⁽⁸⁹⁾. Foi publicado em dezembro que a "Alemanha já perdeu metade de sua frota submarina" e seria muito difícil que conseguisse se refazer⁽⁹⁰⁾. Com este tipo de notícia, os jornais procuravam demonstrar que, apesar do inimigo ser "feroz" e "desumano", as forças Aliadas estavam conseguindo detê-los, envidando todos os esforços possíveis.

Em 1940, as notícias sobre a guerra foram mais frequentes. O jornal A Gazeta publicou que "58 mil germânicos foram massacrados na Polônia" desde Versalhes⁽⁹¹⁾, segundo uma notícia da agência Transocean. Os alemães acusavam os ingleses de estarem "Bombardeando cidades sem qualquer objetivo militar"⁽⁹²⁾, e que Gênova havia sido bombardeada por aviões britânicos⁽⁹³⁾.

O jornal O Estado dizia que teriam sido afundados, ao todo, desde o início da Guerra, até o dia 20 de dezembro de 1940, 205 navios⁽⁹⁴⁾. Publicou, também, que "enormes fogueiras com cadáveres" eram feitas pelos alemães, pois eles já haviam perdido 67 mil homens e devido a tão grande número eram forçados a queimá-los⁽⁹⁵⁾.

A campanha a favor dos países aliados era uma constante nas notícias. As informações tentavam induzir ao entendimento de uma Alemanha cruel e desfalcada, tanto materialmente quanto aos contingentes efetivos disponíveis.

De um modo geral, as notícias eram mais detalhadas a respeito das lutas, sobre qual era o poder bélico, sobre o número de homens envolvidos. Em 1941 quando se publicou que a Royal Air Force bombardeou os alemães, fazendo que recuassem 80 km abandonando as costas francesas⁽⁹⁶⁾ ou ainda quando o navio americano I.C.Wite foi afundado em zona neutra⁽⁹⁷⁾. Foi também muito explorada a morte nos campos de batalha, por exemplo, a notícia que "foram encontrados mortos no campo de batalha 66 oficiais do Estado Maior soviético"⁽⁹⁸⁾.

Outro tipo de informação que merecia destaque eram as referentes a resistência nos países ocupados. Em 11 de julho de 1942, O Estado publicou, destacando-se a presença de espírito do povo durante tempos tão negros, que os holandeses receberam um

bombardeio da Royal Air Force que muito os agradou. O artigo dizia:

"Neste bombardeio não foram jogadas bombas, mas um milhão de caixas de cigarros, cobertas por um papel cor de laranja, cor da família real. Os envólucros levavam as iniciais da Rainha Guilhermina e as do grito de vitória holandês - "Orange zal overwinnen" (Orange triunfará)(...) um holandês colocou uma corôa de flores ao pé de uma estátua, das que existem nas praças públicas de Amsterdam. Um agente da Gestapo que presenciou a cerimônia, não molestou o depositante, acreditando que se tratava de comemorar o natalício de algum proeminente patriota holandês. Depois que o homem partiu, acercou-se da estátua e notou um cartão atado á corôa. Nele se lia "Ao único homem da Holanda que não resiste aos invasores"⁽⁹⁹⁾.

Tentava-se conquistar adeptos para a luta anti-nazista através da geração de imagens do heróico povo da resistência européia, frente as tentativas de avanço comandadas por Hitler.

Em 1942, as notícias referentes ao afundamento de embarcações brasileiras tornaram-se constantes em ambos os jornais. Falava-se também, sobre os fuzilamentos em massa que os alemães perpetraram contra as populações aldeãs como represália⁽¹⁰⁰⁾. Noticiou-se que estavam "comendo gatos e cachorros" nos países ocupados depois que os alemães retiravam tudo o que podiam para o seu país⁽¹⁰¹⁾. Enfim, podia-se perceber que os alemães eram, sem sombra de dúvida, os mais retratados pela imprensa florianopolitana.

Como se pode observar pelas notícias selecionadas para esta análise, o inimigo foi sendo descrito com o passar do tempo com maior profundidade. Tratou-se de informar com riqueza de detalhes os atos realizados, principalmente, pelos alemães. Fez-se uma descrição pormenorizada dos ataques a países e a indivíduos em particular, gerando na população brasileira forte senso de revolta. Destacou-se a tortura e massacres injustificáveis sobre populações aldeãs que não contavam com poder de fogo para sua defesa.

A notícia passa a influenciar a população brasileira para a tomada de uma postura ética a favor dos valores adotados como os certos a serem seguidos pelos defensores da integridade da raça humana.

5.3- MANCHETES APELATIVAS

As manchetes apelativas são aquelas que exploram o sentido dúbio, o jogo de palavras, como forma de chamar a atenção para as matérias publicadas. Este tipo de artifício funciona, porque a informação é dada ao público com sentido diferente - o habitual não chama atenção⁽¹⁰²⁾. Durante os anos de 1939 a 1942 este tipo de expediente já era utilizado, conforme observou-se

nas palavras utilizadas para descrever alemães, italianos, japoneses ou brasileiros considerados traidores. Também foram usadas palavras carregadas de um cunho mais acentuado de emoção ao descrever-se as torturas, não só físicas, como também morais, dos judeus e outros povos que sofriam nas mãos dos inimigos.

Os exemplos que seguem podem dar uma visão do tipo de linguagem utilizada pelo jornal O Estado:

"Hitler tentará o domínio do mundo" (3/4/1939);

"Milhões para a chacina" (6/4/1939);

"A Checoslováquia devastada" (6/6/1939);

"A Rússia não quer a paz" (4/7/1939);

"Mais uma culpa lançada aos judeus"
(18/7/1939);

"Infelizes judeus" (21/7/1939);

"Gigantesco Massacre" (22/9/1939);

"Cadáveres em meio a manchas de óleo"
(16/4/1940);

"Um milhão de famintos" (15/8/1940);

"Enormes fogueiras feitas com cadáveres"
(30/11/1940);

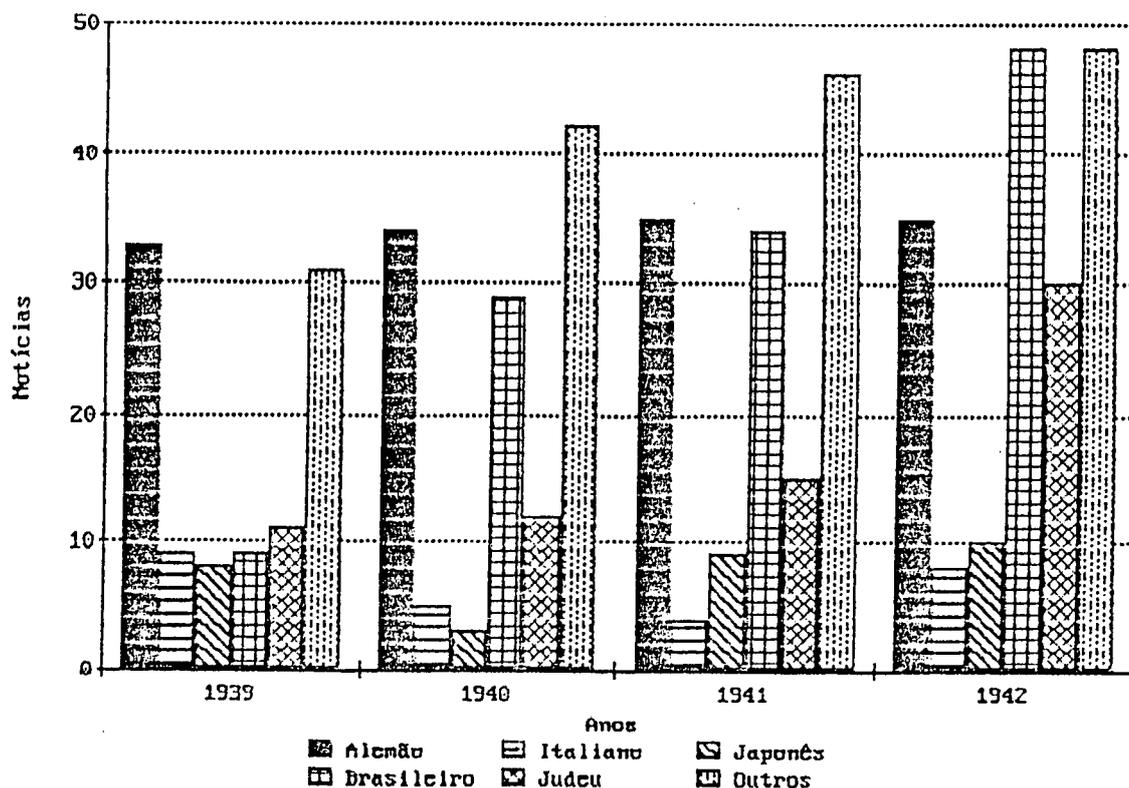
"As águas do rio Don estão rubras de sangue"
(15/7/1942);

"Banha de cadáver" (25/7/1942).

De um modo geral as palavras mais utilizadas eram "massacre", "carnificina", "perseguição", "racismo". Mas também viam-se as palavras "épico", "açoitadas", "tragédias", "animais", "selvageria" e "sangue". Não há como não perceber, através desta leitura, como os jornais enfatizavam o colorido trágico da Guerra. Como exemplo ilustrativo vê-se que, pelos títulos acima, o enfoque vai passando da ação de Guerra para a carnificina da população.

O gráfico seguinte foi montado partindo das manchetes das notícias fichadas das quais selecionadas as mais representativas, que se enquadrassem nos critérios de análises já expostos anteriormente. O gráfico II mostra com que frequência a notícia usava uma linguagem apelativa, ou o jogo do duplo sentido, ao tratar dos povos considerados como inimigo, entre os membros do Eixo e os adeptos do chamado nazi-facismo, e também dos outros povos envolvidos, como poloneses, belgas, tchecos e judeus, enfim, todos os que tiveram participação na Guerra, quer como agressores, quer como vítimas.

Gráfico 2
Manchetes Apelativas (1939-1942)



Fonte: Tabela III (anexo II)

Conforme pode-se notar, as manchetes apelativas eram muito frequentes durante o período. Em 1939, do total de notícias divulgadas, as que continham mensagens apelativas nos seus títulos, tratavam, na grande maioria, dos alemães. No decorrer do primeiro período analisado, a utilização de palavras conotativas, na sua forma pejorativa, contra os alemães, são uma constante. Na medida em que aumentam o número de informações publicadas sobre a guerra, aumentam também o uso das manchetes apelativas.

Os italianos também foram motivo para o uso da manchete apelativa, mas juntamente com os japoneses, foram poucas as informações sobre eles neste primeiro período de análises. Do

povos envolvidos no conflito, de uma forma direta, até agosto de 1942, foram as notícias referentes aos judeus que sofreram um grande aumento. Enquanto nos primeiros anos de conflito elas mantinham uma certa média, a partir de 1941 e, principalmente, 1942, houve um aumento significativo das notícias que utilizavam a figura do povo judeu nos seus títulos.

Em relação aos brasileiros, que ainda não estavam envolvidos diretamente com a guerra, houve uma grande divulgação sobre aqueles considerados espiões e traidores, entre os descendentes de alemães, italianos e, em menor número, de japoneses, principalmente em 1942.

A quase totalidade das notícias tinham suas manchetes centradas no sentido de mostrar o sofrimento dos povos envolvidos pela guerra. Ambos os jornais procuravam, através delas, estimular a imaginação do leitor para as atrocidades de Hitler e seus adeptos, mostrando-os como verdadeiros animais sem sentimentos, vendendo a idéia de que os crimes perpetrados não eram atitudes de homens civilizados. Esses tipos de manchetes tinham, por objetivo, além de transmitir a informação, a necessidade de pintá-las com cores fortes para que a sensibilidade do leitor fosse aguçada e, na falta de imagens, ele mesmo as criasse em sua imaginação.

Ainda em relação às manchetes apelativas, havia aquelas referentes ao Brasil, onde aconteceram grandes "caçadas" contra qualquer brasileiro que deixasse dúvidas sobre sua lealdade. Nestas situações a reação era realmente violenta, sendo o indivíduo exposto pela imprensa nacional e a sociedade, e conseqüentemente desmoralizado. Verificou-se notar que as notícias sobre brasileiros considerados espiões ou traidores eram provenientes, na sua grande maioria, de cidades portuárias como, Rio de Janeiro, Recife e Salvador, entre outras.

Em Santa Catarina a realidade era diferente. A maioria das notícias procediam de cidades onde a maior parte dos moradores eram descendentes de imigrantes originários dos países do Eixo. Como por exemplo, em 18 de abril de 1942, quando, segundo o jornal A Gazeta, foram presos em Santa Catarina alemães acusados de pertencerem a "Quinta Coluna". Eram eles: "Friedrich Kroener (médico), João Aurich (engenheiro), Heine Mueller (ex-secretário do Consulado), Vítor Holtz (oficial do exército alemão), e mais quinze homens de Joinville empregados de uma empresa de eletricidade".

Em 4 de fevereiro de 1942, A Gazeta publicou que foi fechado o Pensionato Evangélico da Comunidade de Blumenau por seu diretor ser acusado de permitir que se dessem aulas em alemão "secretamente". Falava-se, também, que até japoneses teriam sido

presos com um caminhão cheio de explosivos na estrada que liga São Paulo a Santa Catarina⁽¹⁰³⁾.

O aumento das denúncias contra os descendentes de imigrantes estrangeiros, principalmente contra os alemães, pode ter sido em decorrência da Nacionalização, anterior à guerra, mas intensificada no seu desenrolar⁽¹⁰⁴⁾.

As manchetes geralmente eram apelativas para dar uma ênfase maior à matéria. Mas havia casos em que o corpo da notícia não era exatamente o proposto pelo título. Como por exemplo "A Rússia não quer a paz", onde o que se discutia era a posição russa frente a um acordo proposto pela Inglaterra para que rompesse o seu pacto de não agressão germano-soviético. E para isso a Rússia exigia vantagens que a Inglaterra considerou inaceitáveis⁽¹⁰⁵⁾. Uma outra notícia falava sobre "Os alemães derrotados", mas referia-se a uma batalha no nordeste da Rússia e não que os alemães houvessem perdido a Guerra, como o título indicava⁽¹⁰⁶⁾. Estes, e outros exemplos, mostram que utilizava-se vários tipos de expediente para atrair os leitores e, com isto, transmitir as informações consideradas importantes pelos jornais, para que se compreendesse o que acontecia no mundo em Guerra.

5.4.- LINGUAGEM CONOTATIVA

A linguagem conotativa é aquela que faz associações, pejorativas ou não, vinculadas as informações que, com o tempo, podem tornar-se sinônimos. Na presente análise identificou-se as conotações depreciativas com as quais os inimigos, quer os do Eixo, alemães, italianos e japoneses, ou os brasileiros considerados traidores, os chamados colaboracionistas eram descritos. Para isso foram selecionadas as notícias que descreviam os atos inimigos no desenrolar da guerra, e como a imprensa descreveu estes atos.

Durante o ano de 1939, até setembro, ainda não havia uma divulgação maciça da figura do inimigo, mas já se podia observar algumas notícias de cunho conotativo. O Estado, no dia 24 de agosto, noticiou sobre o que foi considerado como o "Crepúsculo da civilização européia", dizia ainda que "séculos de trabalho serão sacrificados pelos modernos hunos", querendo com isso dizer que essa guerra seria um retorno ao primitivismo. Outra notícia de Londres, afirmava que Hitler era "o maior perigo desde Napoleão" com suas idéias de conquistar o mundo. A associação étnica foi utilizada nos primeiros meses de 1939, contra os japoneses e os russos, os amarelos e os vermelhos, que foram chamados de "sádicos" e "covardes".

O jornal O Estado publicou em 26 de junho de 1939, que o brasileiro Adolfo Petersen, envolvido no bloqueio de Tientsin, reclamou do tratamento recebido pelos japoneses, dizendo que foi maltratado pelos mesmos.

Ao comentar sobre uma notícia enviada pela imprensa japonesa aos Estados Unidos, a agência Reuters referiu-se ao fato como a "Audácia Amarela"⁽¹⁰⁷⁾, como se fosse um absurdo os japoneses questionarem qualquer atitude americana.

Já na luta da Rússia contra a Finlândia, o jornal descreveu-a como desigual e covarde, a notícia falava sobre "As hordas russas batidas pelo pequeno exército finlandês"⁽¹⁰⁸⁾, onde comparava o exército russo a um bando de bárbaros, mas que mesmo assim foram rechaçados pelos "heróicos" finlandeses.

As associações feitas partindo de uma linguagem conotativa, principalmente com os alemães, eram mais frequentes em 1940. Eles são comparados a "bestas" e ao próprio "anti-cristo", sendo seus aviões como o "anjo da morte", que espalhavam a miséria e a dor por onde passavam. Eles eram acusados de desumanos, traidores e covardes. Um exemplo de seu desrespeito com a dignidade do ser humano, segundo A Gazeta de 8 de março de 1940, foi a notícia "Até com os mortos", onde informava-se que os aviões ingleses haviam tirado uma foto de um cemitério onde não

existia nenhuma lápide, e constataram que os mortos eram tantos que não tinham nem epitáfio. A agência de notícias alemã Transocean contestou a foto dizendo que era uma montagem dos ingleses.

A agência Transocean, por sua vez, enviou uma notícia que falava do "Trágico e desumano massacre de freira. Numa rua de Louvain, a religiosa foi abatida impiedosamente pelos soldados ingleses"⁽¹⁰⁹⁾. As acusações eram mútuas. Em O Estado comparava-se Hitler à Frankstein⁽¹¹⁰⁾ e dizia-se que, com a ajuda dos aliados, a civilização ficaria livre desse pesadelo⁽¹¹¹⁾.

Uma outra forma encontrada para mostrar o nazismo como obra do Anti-Cristo foi enfatizado no artigo sobre as "atrocidades nazistas", que levantava a pergunta "Pode um católico simpatizar com o nazismo?". Neste artigo, entre outras afirmações, dizia-se que os nazistas eram a favor da promiscuidade⁽¹¹²⁾. Também os facistas foram acusados de anti-catolicismo. A agência Havas, francesa, enviou uma notícia dizendo que "Para os facistas são imbecis os que lêem o "Observatore Romano", o jornal da Santa Sé⁽¹¹³⁾. A exploração da religiosidade popular foi uma constante nas diversas notícias publicadas, enfatizando através dela os aspectos negativos dos inimigos tidos como ateus, pois, segundo as informações publicadas, somente pessoas sem senso religioso poderiam cometer tamanhas barbaridades contra seus semelhantes.

Os facistas italianos foram descritos pela imprensa como incompetentes e sempre subjugados a Hitler. Eram acusados de não fazerem nada certo. Para os americanos eles significavam "Zeros à esquerda"⁽¹¹⁴⁾. Segundo uma notícia do A Gazeta de 23 de fevereiro de 1941, a incompetência italiana era tanta que, foram "Atacados os italianos por sua própria artilharia" durante o conflito ítalo-grego.

O ano de 1942, até agosto, trouxe em ambos os jornais, várias notícias que mostravam os inimigos como "Cancros que devem ser extirpados"⁽¹¹⁵⁾. Em A Gazeta, foram publicadas as seguintes matérias que, já em seus títulos, mostravam as associações feitas entre os inimigos e seus atos:

"Selvageria Japonesa - 50 oficiais britânicos capturados, foram amarrados de ponta cabeça até a morte" (12/03);
"Terror nazista" (14/04);
"Mercado de escravos - alemães vendem na Ucrânia camponeses para trabalhos braçais" (07/06);
"Os nefandos crimes dos bandoleiros nipo-nazi-facistas" (19/08);
"Exércitos nazistas avassalariam o mundo" (02/07);

"Banho de sangue. 1123 pessoas assassinadas pelos nazistas em represália" (07/07);

"Represália bestial que não encontra menor justificativa" (28/07);

"O vandalismo totalitário continua na sua faina criminosa" (21/08).

No jornal O Estado, os exemplos destacados nas publicações são os seguintes:

"Nada menos que 103.000 poloneses executados" (01/03);

"Horível matança" (17/04);

"Morrendo de fome em Atenas em consequência da Guerra (27/04);

"Vai-se derretendo a neve e milhares de cadáveres aparecem ao tépido sol de primavera" (28/04);

"Como passavam as vítimas do archi-inimigo Adolfo Hitler" (23/05);

"Matam seus soldados feridos - os alemães tem ordem de não transportar seus feridos (01/06);

"Os mais horrorosos e repugnantes ultrajes, na Polônia as crianças são obrigadas a assistir os enforcamentos" (15/06).

Os jornais noticiavam que os nazistas estariam usando gases venenosos contra os camponeses russos e que Hitler era, comprovadamente, um doente mental⁽¹¹⁶⁾. Informavam também, em relação a Hitler e aos nazistas, para que pudessem seguir com sua proposta absurda de dominação mundial, estavam-se utilizando de todos os expedientes possíveis. Para cuidar da Bélgica ocupada foram mandados soldados velhos e defeituosos, os alemães disponíveis para dar continuidade do avanço alemão. Também para a garantia dessa continuidade, foram acusados os "eixistas" de roubar dinheiro dos países ocupados para pagar seus espiões⁽¹¹⁷⁾.

No mês de agosto, o último estudado nesta seção, foram selecionadas notícias que tratavam sobre as últimas atitudes de Hitler. Entre elas, dizia-se que estava dando "Golpes insanos de besta em agonia"⁽¹¹⁸⁾, e que os "terríveis hunos" iriam ter uma surpresa, invocando para o leitor a imagem dos aliados. A utilização de determinadas palavras mostraram o inimigo como um ser sem sentimentos humanitários, que utilizava-se de qualquer artifício para atingir seu fim, o "domínio absoluto do mundo"⁽¹¹⁹⁾. A linguagem das notícias também deixava claro o sofrimento impingido aos povos em luta, passando fome, frio, além de sofrerem toda sorte de torturas físicas e morais. As associações feitas com o passar do tempo foram dando aos nipo-nazi-facistas a imagem de torturadores cruéis e verdadeiras bestas do Apocalipse, renunciando o fim dos tempos.

Através da análise do uso da linguagem conotativa foi possível verificar como foram descritas as "maldades" e "perseguições" característica dos inimigos mostradas pela imprensa, nas notícias referentes aos judeus. A caçada aos judeus comandada pelo nazismo, e seguida pelos facistas italianos, foi segundo Hitler, necessária para a purificação da raça ariana e para a soberania no contexto sócio-político-econômico mundial dos alemães.

A imprensa florianopolitana, através de seus dois jornais não exploravam muito essa perseguição, nos primeiros anos do conflito, mas mesmo assim as notícias existentes demonstraram, especialmente por parte dos alemães, esta arbitrariedade. Em 1939, o jornal O Estado publicou, em 7 de janeiro, que foi feito um levantamento cadastral entre a classe médica da Romênia e descobriu-se que entre os 8.800 médicos romenos, apenas 4.200 "não são judeus". O mesmo jornal informou que todos eles, na Alemanha, teriam que registrar-se novamente, os homens como Israel e as mulheres como Sarah, continuando apenas com o sobrenome original⁽¹²⁰⁾.

O cerco foi se fechando e os judeus alemães fugiram para outros países, conforme noticiou O Estado. São "Acolhidos pelo Chile os judeus alemães" que foram impedidos de desembarcar em Buenos Aires, apesar de terem os passaportes em ordem⁽¹²¹⁾. Josef

Goebels, o Ministro de Propaganda alemão, que foi o principal articulista desta campanha anti-semita, justificava a posição nazista com argumentos da seguinte natureza "a América está alimentando a psicose da guerra, Roosevelt cercou-se de muitos judeus" no alto escalão e, portanto, "tudo que está acontecendo é culpa dos judeus"⁽¹²²⁾. Na Itália facista, os judeus também foram perseguidos e "Condenados 40 judeus" por não terem declarado sua raça ao governo, suas penas variavam de 8 a 10 dias de detenção e uma multa e de 100 a 150 liras⁽¹²³⁾. Além disso, na Alemanha, os judeus estavam sujeitos a um toque de recolher⁽¹²⁴⁾. Duas outras notícias informavam que eles não poderiam mais freqüentar qualquer escola⁽¹²⁵⁾ e que eram acusados por Goebels de terem acabado com a estética alemã nas artes⁽¹²⁶⁾. Assim, uma gama infundável de culpas lhes eram imputadas, e eles estavam sujeitos a toda sorte de sanções.

Essa perseguição aos judeus encontrou eco fora do eixo Itália/ Alemanha. No Peru, um deputado propôs que fosse feita uma lista contendo os nomes de todos os judeus residentes no País. Ele alegava que eram os responsáveis pelo aumento do custo de vida. A câmara peruana rejeitou o que a imprensa chamou de "moção racista"⁽¹²⁷⁾.

A Alemanha continuou sua perseguição aos judeus confiscando todos os seus bens, inclusive no exterior⁽¹²⁸⁾, passando a perseguí-los em outros países que estivessem sob seu

domínio, como na França⁽¹²⁹⁾. Os judeus viam-se forçados a fugir do alcance dos alemães, procurando refúgio inclusive no Brasil. Segundo a notícia de O Estado, de 31 de dezembro de 1940, existiam "400 mil judeus no Brasil" que haviam entrado no país nos últimos anos, devido a perseguição nazista.

Em 1941, O Estado informava que o governo romeno havia ordenado a evacuação dos judeus da Moldávia⁽¹³⁰⁾. E, em Berlim, o Ministério dos Transportes decretou que, como todos os judeus usavam a estrela de David e eram facilmente identificáveis, estavam proibidos de sentar-se nos transportes públicos, se alguma pessoa ainda estivesse em pé. Eles eram obrigados a dar preferência aos não judeus⁽¹³¹⁾ e eram também, proibidos de freqüentarem cinemas⁽¹³²⁾.

Na Itália, os judeus de 18 a 55 anos, eram obrigados a prestar serviços públicos, como limpar ruas e praças⁽¹³³⁾. Em 21 de março de 1942, o jornal A Gazeta publicou uma notícia informando que, Albert Mershyele, um judeu perseguido pela sanha nazista havia se suicidado, deixando uma carta que acusava Hitler de destroçar sua família e de forçá-lo a tomar tal atitude.

Assim, desde 10 de janeiro de 1939, quando publicou-se que os judeus foram excluídos da Real Sociedade de Geografia de Roma⁽¹³⁴⁾ até 1942, quando a United Press americana comunicou que os alemães mataram todos os judeus nas áreas dominadas da

Rússia⁽¹³⁵⁾, pôde-se perceber que as atrocidades cometidas pelos inimigos foram descritas de forma a mostrá-los como perseguidores implacáveis e assassinos cruéis. Com esse tipo de notícias, percebeu-se que a imprensa demonstrava que os judeus estavam sendo tratados, não apenas como uma raça inferior, mas também como animais, que tinham suas famílias separadas, sua força física utilizada para o trabalho e, quando esta força tornava-se desnecessária, eram eliminados.

Também brasileiros passaram nas mãos dos "eixistas". O jornal O Estado noticiou que dois marinheiros brasileiros serviam em um navio estrangeiro torpedeado⁽¹³⁶⁾ e, em 1942, ambos os jornais falavam sobre brasileiros presos em campos de concentração nazistas, e que 25 brasileiros e um cônsul estavam presos injustamente⁽¹³⁷⁾. Também injusta era a detenção do corpo diplomático brasileiro, por parte dos japoneses⁽¹³⁸⁾.

Essas notícias sobre o que representava o inimigo fez com que os brasileiros evitassem sua presença. Neste período, houve um aumento significativo de notícias sobre perseguição e delação dos seguidores do Eixo e espões, procurados entre brasileiros, estrangeiros ou descendentes das nações conflitantes, o que, como já foi mencionado, pode ter sido devido a questão do Nacionalismo.

Começaram a ser fechados jornais e agremiações. Muitos estrangeiros partiram para seus países de origem, como no caso de retirantes alemães, em número de 174, de Santa Catarina, que seguiram pelo vapor "Monte Olívia", conforme publicado por O Estado, 16 de julho de 1939. Em 1940, começaram as comparações, através da imprensa, dos suspeitos de traição e espionagem com Quisling⁽¹³⁹⁾ e, ameaçava-se os traidores com 3 anos de cadeia⁽¹⁴⁰⁾. As suspeitas cresciam mais ainda com a publicação de que os nazistas gastavam milhões em propaganda na América do Sul⁽¹⁴¹⁾.

Nos meses de julho e agosto de 1942, alguns títulos davam uma idéia da perseguição aos "eixistas" no Brasil: O Estado divulgou:

- "Brasileiro vendido e traidor" (3/7);
- "Pena de Morte aos Quinta Coluna" (6/7);
- "Entre nós existem pessoas a serviço do Eixo" (10/7);
- "Não haverá Quislings no Brasil" (14/7);
- "Inimigos do Brasil entre eles um italiano que há trinta anos enriquecia em nosso país" (14/7);
- "O traidor recebe cinquenta contos" (21/7);
- "Juiz de paz amigo dos nazistas" (28/7);
- "Apontemos os quinta-colunistas" (4/8);

"Não, não pode ser catarinense quem age assim" (21/8);

"Nossos ônibus não devem transportar súditos do eixo"(29/8).

Em 1º de janeiro de 1942, enquanto A Gazeta divulgava um discurso do presidente Vargas dizendo que "se fossemos agredidos lutaríamos para vencer ou morrer", a mesma página trazia um comentário a respeito de um pronunciamento de Goebels onde ele incentivava os alemães residentes no exterior a continuarem com suas reuniões, secretamente. Dessa forma, os jornais confirmavam as apreensões do povo, que, por sua vez, continuava as perseguições.

A Gazeta divulgou em 1942, algumas notícias sobre a perseguição aos suspeitos, como por exemplo:

"Em Curitiba são apedrejadas casas de alemães e italianos" (20/3);

"A Quinta Coluna, inimigos do Brasil posto em custódia" (18/4);

"400 indivíduos presos por espionagem no Brasil" (2/6) ;

"Estudantes e o povo clamam por vingança" (15/7);

"Pena de morte aos traidores do Brasil?"

(21/7);

"Os alemães residentes no Brasil ficarão como reféns" (21/8).

As notícias sobre os brasileiros considerados traidores, se traziam o nome da pessoa, eram carregados de sentimentos patrióticos. Mostravam o acusado como um pária, que levava a vergonha a todos os seus familiares. Um exemplo explorado pela imprensa foi o do engenheiro Luís Eugênio Lacerda, acusado de vender o traçado de uma base militar de Natal. A notícia publicada dizia o seguinte:

"Traiu sua pátria, enlameou o nome de sua tradicional família pernambucana e mostrou-se indigno de dizer-se brasileiro. Todo castigo será pouco para punir indivíduos desta marca"⁽¹⁴²⁾

O uso da linguagem conotativa ajudou a fortalecer tanto o sentimento patriótico, quanto a criar um sentimento de medo. Assim todo o estrangeiro, particularmente, os alemães, os italianos ou os japoneses, passaram a ser encarados como possíveis inimigos ou espiões.

Pôde-se notar, ter havido um aumento do uso da linguagem conotativa com o passar dos anos analisados. Houve uma vinculação da figura do inimigo a palavras depreciativas, tais como "bestas", "hunos" (relacionados com a barbárie) e "racistas",

entre outras, mas sempre demonstrando, ou procurando demonstrar, que Hitler e seus seguidores eram feras inumanas que teriam que ser detidas para garantir a integridade da raça humana.

SEGUNDA PARTE**SETEMBRO DE 1942 A SETEMBRO DE 1945**

Conforme ficou indicado na primeira parte deste capítulo, foi sendo criada uma imagem do inimigo no decorrer da guerra. O foco das informações foi se modificando, passou-se do relato das lutas territoriais para a conquista de povos pela força bélica, pelo relato de assassinatos, enfocando, principalmente as torturas. Segundo a imprensa mostrou, na maioria das notícias divulgadas, o uso da violência e da crueldade passaram a ser uma marca registrada dos alemães.

Esse período passa a tratar das notícias já com o envolvimento do Brasil no conflito. A princípio, apenas como um país posicionado, diplomaticamente, à favor dos Aliados, e em seguida, como país contendor.

5.5- DIAGRAMAÇÃO

Foram poucas as diferenças observadas nesse segundo período. As composições permaneceram as mesmas, apesar de perceber-se um cuidado maior na composição dos títulos. Já não eram tão frequentes a mistura de fontes num mesmo título.

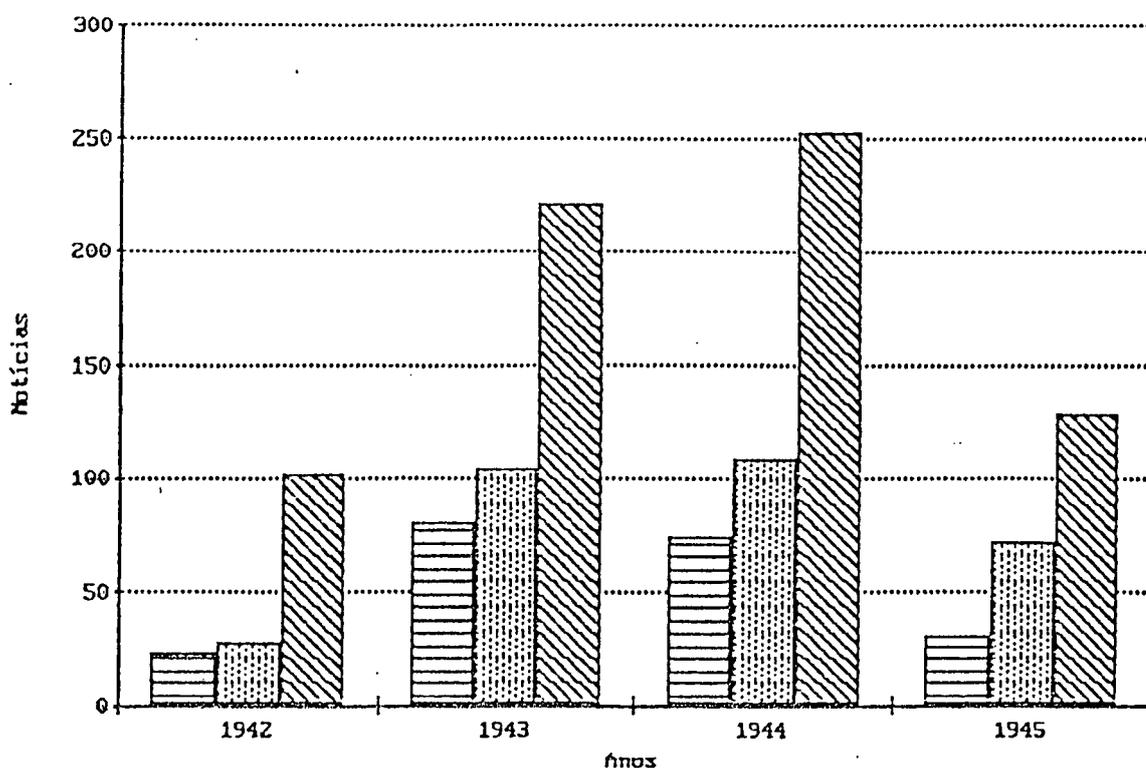
Outra mudança que se observou foi a composição das notícias de forma mais alinhada. Depois de 1943, pôde-se observar que, apesar de não ter uma padronização conforme se vê nos dias atuais, as colunas já eram compostas de uma forma mais simétrica.

Passou-se a utilizar um maior número de clichés (fotos), ilustrando as matérias, principalmente no jornal O Estado. No primeiro período analisado eram bem poucas as fotos. As fotos, neste segundo período, são basicamente de militares, de aviões ou tanques, de uma forma geral. Na seção local do jornal O Estado, havia também algumas fotos de oficiais catarinenses, demonstrando com isto o envolvimento da sociedade local na crise mundial.

5.6- TEOR DA NOTÍCIA

O teor das notícias sofreu uma grande modificação nesta segunda parte, conforme a Tabela III vai indicar:

Teor da Notícia (1942-1945)



Fonte: Tabela IV (ANEXO III)

☐ Acor. Diplom. ☐ Prep./Guerra ☐ Guerra

Após de setembro de 1942, houve uma diminuição das notícias referentes aos "Acordos Diplomáticos", devido ao fato de que a grande maioria dos países já encontrava-se em Guerra. Os acordos feitos entre os aliados, apesar de coletados junto aos jornais pesquisados, não utilizados para esta análise, onde só

foram selecionadas as informações que se referissem diretamente aos povos considerados inimigos. Os "preparativos para a Guerra" continuaram a ser divulgados, na condição de se mostrar aos leitores que, os países envolvidos continuavam comprando e fabricando materiais bélicos, e acionando seus homens. As notícias sobre a "guerra" foram as que tiveram maior quantidade de publicações, mas, como será mostrado adiante, esse aumento se deu também, em relação ao tipo de notícia divulgada.

Sobre as notícias dos acordos diplomáticos, não foram analisadas as que não tratassem, diretamente, sobre a imagem do inimigo, do "destruidor", como por exemplo, acordos feitos entre os países aliados. Mas se pode perceber que essas notícias não receberam da imprensa o destaque que foi dado às que tratavam de mostrar os inimigos.

As notícias sobre acordos, que foram consideradas sob este aspecto, são as que informavam sobre a rendição dos italianos, alemães e japoneses quando estava terminando a Guerra. Também sobre as últimas tentativas dos diversos governos, que ainda tentavam negociar uma rendição sem derramamento de sangue. De uma forma geral, a partir de 1942 pouco á pouco, todos os países vão sendo envolvidos na Guerra, inclusive o Brasil. Mas as notícias de maior destaque foram as referentes as rendições dos países do "Eixo".

Em 27 de julho de 1943, O Estado publicou várias notícias informando que a Itália, após a queda de Mussolini, iria capitular e fazer a paz com os Aliados. Dessa forma, o Eixo ficaria reduzido a Alemanha e ao Japão. A Itália, estaria então, em situação semelhante a da França, em 1940, quando foram feitos inúteis e tardios esforços para salvá-la. Durante este período foram publicadas várias notícias especulando sobre a saúde de Mussolini, sobre sua possível captura e morte. A grande maioria das notícias tratavam o assunto de forma sensacionalista, utilizando-se de manchetes apelativas e de textos com grande acento conotativo.

A Alemanha teve sua rendição contada de diversas formas, ora colocando as causas da derrota no Alto Comando, ora em Hitler. Mas havia também as que se referiam ao fato como uma questão de erro de estratégia, como por exemplo o Marechal de Campo inglês Bernard Montgomery, que declarou que o motivo pelo qual a Alemanha perdeu a guerra baseava-se em três pontos: entrar na guerra contra a Rússia; arrastar os Estados Unidos para a guerra; e travar a batalha Oeste do Reno"⁽¹⁴³⁾. Esse tipo de informação foi veiculada de diversas formas, depois da rendição alemã. Os únicos tipos de notícias que não mudaram, pelo contrário tornaram-se mais frequentes, foram as que descreviam as experiências e torturas cometidas contra os povos dominados, principalmente os judeus e os poloneses.

A rendição do Japão também foi motivo de várias notícias no decorrer desse segundo período analisado. De uma maneira geral, informou-se que após o lançamento da bomba atômica em Hiroshima, foi dado um ultimatum pelos americanos, de forma que o "Império do Sol Nascente" teria vinte e quatro horas para se render⁽¹⁴⁴⁾, e logo após outra bomba foi atirada sobre Nagasaki, destruindo-a totalmente. Os japoneses não tiveram mais como reagir e renderam-se. Em 12 de agosto foi noticiado que os japoneses se entregam aos milhães na Manchúria, onde o primeiro conflito armado havia começado em 1931⁽¹⁴⁵⁾.

Em relação aos "preparativos para a guerra", também se observou muitas diferenças em relação aos primeiros anos do conflito. O mês de setembro começou com a notícia que Churchill havia feito um discurso na Câmara dos Comuns e que considerava "inestimável para a vitória a entrada do Brasil na Guerra"⁽¹⁴⁶⁾. No mesmo dia, foi publicado que o presidente Getúlio Vargas disse, em discurso ao povo que veríamos "nossas forças unidas e vitoriosas", na garantia da segurança nacional⁽¹⁴⁷⁾.

Por outro lado, o medo dos "eixistas" continuou a ser explorado pelas notícias publicadas. Percebia-se que a caçada aos espões e traidores continuava. Em setembro de 1942, o jornal O Estado publicou os seguintes exemplos: "quebrou o retrato do presidente", "ameaça nazista de bombardear o Rio", "podem deixar

os súditos do "Eixo" casar com brasileiras?", "alemães que fogem do Brasil e de Buenos Aires".

No jornal A Gazeta, em 18 de setembro de 1942, informou-se que a OAB havia cancelado as inscrições de todos os súditos do eixo. Em uma notícia local foi dito que haviam sido apreendidas duas estações transmissoras pela polícia⁽¹⁴⁸⁾. Com isto, o capitão Antonio de Lara Ribas determinou que só poderiam comprar rádios transmissores e receptores aqueles que tivessem uma licença⁽¹⁴⁹⁾.

De um modo geral, as notícias sobre preparativos para a guerra foram muito poucas, pois a esta altura todos os países já estavam envolvidos no conflito. Em 1944, os destaques noticiários ficaram por conta dos "soldados que vão à Guerra" onde, do Rio de Janeiro, a Agência Nacional informou que:

"(...)esta capital viverá um espetáculo inédito e inesquecível. A despedida final da Força Expedicionária Brasileira. O chefe do governo falará a tropa e para que todos apreciem esse espetáculo incomparável, cessarão as atividades às treze horas. Será uma espécie de feriado. O Rio inteiro ovacionará e consagrará seus soldados que vão à Guerra"⁽¹⁵⁰⁾

A chegada dos brasileiros em solo europeu foi noticiário em julho. Foi dito que uma Força Expedicionária chegou a Nápoles no dia 16, para participar com exércitos aliados de operações no

território italiano⁽¹⁵¹⁾. Outra notícia, informou que "teve extraordinária repercussão nos círculos oficiais norte-americanos a notícia da chegada das forças brasileiras", e dizia ainda que "várias personalidades públicas externaram a excelente impressão que o fato lhes causou"⁽¹⁵²⁾. Ainda uma última notícia informou que as forças que desembarcaram eram o primeiro contingente latino que participava da Guerra⁽¹⁵³⁾.

As informações sobre a entrada do Brasil na Guerra exortavam os nossos soldados e a bravura do povo brasileiro. Era como se a entrada dos soldados brasileiros naquele cenário, como força ativa, fosse mudar o panorama geral. Como se a presença deles fizesse a vitória ficar mais próxima.

As notícias catalogadas como "guerra" também foram diferentes, neste segundo período estudado. Elas eram mais extensas e descreviam mais os efeitos do conflito sobre a população. No ano de 1943, especulava-se sobre a morte de Mussolini "entre dores atrozes" que teriam lhe corroído as "venenosas entranhas"⁽¹⁵⁴⁾. O tom apelativo das palavras foi uma constante nas notícias da Guerra após 1943. Falavam sobre o massacre promovido contra os poloneses, o tratamento dispensado aos doentes, aos ingleses, aos russos e iugoslavos em suas prisões. Todas as notícias divulgadas convergiam para um mesmo ponto: mostrar que os inimigos, especialmente os alemães, passaram todos os limites considerados "normais" em uma guerra.

Mas, foi a partir de 1945, que a grande maioria das notícias sobre o tratamento dispensado aos prisioneiros veio à tona.

Em 2 de janeiro de 1945, o jornal O Estado publicou uma notícia enviada de Londres, comunicando ter havido mais execuções em Oswilcim, na Polônia. Ali, foram executados prisioneiros políticos poloneses em câmaras de gás. O correspondente que enviou a notícia dizia:

"os prisioneiros" (...) faziam maioria, atiraram-se contra os verdugos alemães. Durante a luta desigual, na qual os alemães atiraram contra as barracas dos prisioneiros com metralhadoras, os poloneses conseguiram por termo à vida de seis carrascos alemães. Infelizmente morreram duzentos prisioneiros poloneses"

Ainda na Polônia, anunciou-se que foram assassinados mais de "20 mil judeus" nos campos de concentração existentes naquele país. A fonte desses dados foi o Movimento Patriota Polonês⁽¹⁵⁵⁾. Na aldeia italiana de Madona del Albero, os nazistas foram acusados de massacrar cinquenta e cinco homens, mulheres e crianças. Segundo a notícia, os nazistas agiram assim por suspeitarem que alguns dos duzentos habitantes da aldeia haviam dado informações às tropas aliadas⁽¹⁵⁶⁾.

Através de informações transmitidas pelos jornais, na Polônia, correu um boato que os alemães planejavam destruir os campos de concentração na área não libertada e matar todos os

prisioneiros, "com o fim de extinguir os vestígios de seus crimes". Diziam ainda que "os chefes dos campos de concentração", em uma conferência teriam decidido que o plano de destruição seria executado pelas unidades "SS", por esquadrilhas aéreas de bombardeio e, ainda, por trabalhadores recrutados pelos nazistas para deixarem a área inteiramente limpa⁽¹⁵⁷⁾.

A agência de notícias United Press, informou que os alemães mostravam cansaço e desespero, pois metade de Berlim já estava em poder dos russos e mais da maior parte do resto da cidade seria ocupada nas próximas horas. Dizia a notícia que:

"a despeito de todo o fanatismo, os defensores de Berlim já estão dando mostras de cansaço e desespero, diante de todo o fogo e aço a que foram submetidos(...) cada vez é maior o número de alemães que fogem das ruas ocupadas pelos nazistas para as zonas da cidade ocupadas pelos russos, onde há uma relativa calma e além disso os próprios soldados nazistas e em maior escala os membros do Volksturm já não se mostram dispostos a resistir até a morte, e sempre que podem, levantam bandeiras brancas passando para o lado dos russos(...) não se esqueçam de que os trabalhadores escravos, cuja maior parte são russos, poloneses e franceses colaboraram para a queda de avenidas e, as vezes, de bairros ao poder russo"⁽¹⁵⁸⁾

Dos Estados Unidos foi enviada uma notícia dizendo que o presidente Truman, baseando-se em informações autorizadas, declarara que "Hitler estava realmente morto"⁽¹⁵⁹⁾. Os russos, por seu lado, diziam que só acreditariam "depois de verem o

cadáver", pois segundo o jornal Isvéstia o anúncio da morte de Hitler era apenas para facilitar sua fuga⁽¹⁶⁰⁾. No dia 25 de maio de 1945, publicou-se, em ambos jornais analisados, que Hitler havia morrido no dia 10 de maio. Segundo a notícia do jornal O Estado, esta morte deu-se em consequência de uma injeção letal, sendo seu corpo cremado logo em seguida.

Após a confirmação da morte de Hitler, várias notícias sobre seus últimos dias começaram a circular. Em 21 de junho de 1945, O Estado divulgou que:

"Hitler havia se casado pouco antes do suicídio, segundo o depoimento de seu chofer. Ele declarou ainda que depois que ambos, Hitler e Eva Brawn, suicidaram-se usando pistolas tiveram os corpos cremados usando gasolina afim de que os cadáveres não caíssem nas mãos dos russos. Para testemunhar suas declarações disse ainda que estiveram presentes a cremação os dirigentes Martin Bormann, Otto Gesche, Heinz Linge e o próprio Goebbels."⁽¹⁶¹⁾

Uma notícia informou que o policial Karman, guarda da Chancelaria do Reich, acreditava que Hitler tinha sido envenenado por seu médico, o dr. Stumpfegger, e não que tivesse se suicidado com um tiro. Segundo Karman, Hitler havia chegado à Chancelaria em fins de fevereiro e ali ficou até sua morte. Desde o dia 18 de abril, Hitler teria ficado no profundo abrigo anti-aéreo sem jamais sair dali. Em fins de abril, começaram os boatos que Hitler teria se casado. O guarda declarou que a última vez que o

viu vivo, foi cerca das dezesseis horas, quando ele saiu para o corredor e, quando intensificou-se o canhoeiro russo, mais ou menos às dezoito e trinta horas, ele viu os cadáveres de Hitler e Eva Brawn em chamas⁽¹⁶²⁾.

Essas, entre outras notícias, eram muito explicativas, todos tinham coisas para contar sobre o que viram ou souberam a respeito daquele que foi responsável pela "selvageria nazista". Mesmo após a morte de Hitler, continuaram as publicações sobre os atos nazistas.

Conforme foi divulgado, os alemães assassinaram quase noventa e cinco, dos cem mil judeus holandeses deportados durante a ocupação nazista⁽¹⁶³⁾. Publicou-se também, que durante a remoção dos escombros de um prédio em Varsóvia, encontrou-se uma câmara de torturas que, segundo a notícia afirmava, nem a Idade Média havia conhecido. Eram aparelhos especiais que serviam para encher os torturados de líquidos, aparelhos elétricos para marcar vários símbolos e aparelhos para esfolar as vítimas com vida, ainda. Essa notícia dizia que os aparelhos não foram destruídos pelos nazistas, devido a pressa na hora da fuga⁽¹⁶⁴⁾.

Em Amsterdam, as autoridades holandesas, falaram sobre a esterilização em massa que os nazistas promoveram, e garantiram que a maioria dessas operações diabólicas haviam sido feitas durante a ocupação. A notícia dizia:

"É difícil para o governo reunir todos os capítulos dessa história tenebrosa, pois muitas vítimas desapareceram mais tarde nos crematórios ou câmaras de gás nazistas, enquanto outras, que foram poupadas à deportação, em virtude da psicopatia, se recusam a discutir seu caso. Mas todos os hospitais holandeses registraram casos de mulheres esterilizadas que ficaram mentalmente desequilibradas em consequência da perversidade dos alemães. Os judeus devem ter sofrido a maioria dessas indignidades, mas esposas e maridos de casamentos mistos também foram submetidos a essas operações. Como médicos holandeses se recusaram a tomar parte nessas operações, os nazistas importaram da Alemanha cirurgiões especializados no assunto".(165)

Outra notícia sobre a "inaudita monstruosidade alemã" contou que uma das vítimas da brutalidade nazista, examinada por membros da organização Amigos dos Voluntários Franceses e da Sociedade Britânica de Socorro de Guerra, dos Estados Unidos, foi um menino de 13 anos no qual os alemães aplicaram injeções com o propósito de provocar a papeira e a deficiência mental. Essa seria uma das seis mil crianças deportadas para os campos de concentração da Alemanha, das quais só 60 haviam voltado, mas que se tinham tornado "trágicos destroços humanos"(166).

Continuando nesse mesmo tom, explorava-se detalhadamente as informações de ex-prisioneiros dos campos de concentração alemães.

Sofia Monczka, que também foi apresentada como vítima dos nazistas, declarou para a imprensa que, nos 16 meses que havia passado em Ravenbrücken, viu 20 médicos fazendo experiências, principalmente nas mulheres polonesas, nas quais submetiam as pacientes a mini cirurgias sem anestesia. Os médicos, segundo ela, substituíram órgãos inteiros por artificiais, inocularam nas suas vítimas doenças, as mais repugnantes, experimentaram a resistência dos organismos vivos contra novos remédios, fizeram experiências com fecundação artificial e cometeram atos de violência puníveis por todas as leis do mundo. A notícia continuava dizendo que os cientistas eram brutais; os médicos e as enfermeiras, além dos guardas, espancavam as internas e dando-lhes pontapés. As crianças que nasciam, se não eram destinadas às cirurgias ou experiências médicas, eram mortas pelos próprios médicos de maneira brutal e horripilante⁽¹⁶⁷⁾.

Por todas essas atrocidades cometidas, os jornais publicaram que, as Forças de Libertação Aliadas empreenderam uma caçada aos nazistas que tentavam fugir de todas as formas. As tropas americanas teriam entrado em uma Berlim transformada em "gigantescas ruínas"⁽¹⁶⁸⁾, da qual os oficiais nazistas tentavam escapar. A rádio norueguesa informou que foram capturados 50 oficiais alemães disfarçados de camponeses⁽¹⁶⁹⁾. Sob a manchete "dez mil nazistas na Espanha. A maioria deles adquiriu cidadania espanhola", foi denunciado por Moscou que uma grande quantidade

de membros da organização nazista havia conseguido fugir dos Aliados⁽¹⁷⁰⁾.

Ainda era grande a preocupação sobre a veracidade da morte de Hitler. O A Gazeta publicou em 7 de agosto de 1945 que as autoridades militares aliadas ainda não haviam se convencido da morte de Hitler e estavam vigilantes. A grande preocupação era, ao que parecia, que a história que circulava sobre os sócias de Hitler fossem verdadeiras. O correspondente Denis Martin dizia que a carbonização dos cadáveres correspondia a verdade, mas que havia sido encontrada uma falha. O cadáver carbonizado fora examinado por peritos e não era o de Hitler, mas de um sócia⁽¹⁷¹⁾.

As notícias relacionadas a Hitler e aos nazistas foram ricas em detalhes, mas a tônica constante das informações divulgadas era sobre a responsabilidade de Hitler nas atrocidades cometidas.

Assim, desde setembro de 1942, até a morte de Hitler, e a destruição de Hiroshima e Nagasaki pela bomba atômica, observou-se a utilização da linguagem conotativa como uma constante na descrição da guerra e de seus contendores. A diferença observada, neste segundo período, foi relativa a uma descrição mais pormenorizada das ações alemãs, fazendo uso de palavras fortes como "fábricas de morte", "assassinatos em massa", "selvageria",

"monstruosidade", "perversidade diabólica", "horripilantes atrocidades", "requintada perversidade", "enterrados vivos", etc. Também houve as notícias sobre os italianos e japoneses, mas sem dúvida, foram os alemães que receberam o maior número de notícias e descrições.

Em relação aos brasileiros, houve a divulgação dos feitos dos seus soldados. Em janeiro de 1945, O Estado publicou sobre "mais uma vitória da FAB", onde os aviadores brasileiros haviam obtido uma destacada vitória contra os nazistas no norte da Itália, destruindo uma ponte ferroviária, ao norte de Treviso⁽¹⁷²⁾. Em outra notícia informava que aviadores da FAB atacaram depósitos de munições nas vizinhanças de Brescia, provocando três grandes explosões, que atingiram também fábricas de petróleo sintético no sudoeste de Parma⁽¹⁷³⁾.

Em abril de 1945, noticiou-se sobre a grande vitória brasileira. A 148ª divisão alemã composta de seis mil oficiais e soldados, mil veículos e quatro mil cavalos, "rendeu-se no norte da Itália aos bravos soldados brasileiros"⁽¹⁷⁴⁾.

A rendição de todas as forças inimigas na Holanda, Alemanha, Dinamarca e Ilhas Meligoland e Frígias, foi divulgado⁽¹⁷⁵⁾. O destaque local foi a volta dos expedicionários catarinenses que eram aguardados ansiosamente⁽¹⁷⁶⁾, em uma nota distribuída à imprensa, o Ministro da Guerra disse que a Força

Expedicionária Brasileira, a FEB, que com tanta eficiência e brilho lutou no teatro de operações da guerra, na Itália, realizava o seu deslocamento para as imediações da cidade de Nápoles, preparando-se para regressar ao Brasil. O retorno da FEB seria feito em navios brasileiros e americanos⁽¹⁷⁷⁾. O jornal A Gazeta disse, quando da volta dos soldados da FEB, que "Deus permitiu que voltassem triunfantes" e que eles começaram a desembarcar as 11 horas do dia dezanove de julho de 1945. A multidão que os aguardava "agitava bandeiras brasileiras, americanas e russas". Esse fato mostrava que já haviam sido esquecidos os "covardes vermelhos" do início de 1939, e que, em 1945, eles eram os salvadores da humanidade, que ajudaram a derrotar "os terríveis hunos".

As últimas notícias sobre a Guerra diziam que centenas de aviões continuavam atacando o território japonês desde Tóquio até Yokoama⁽¹⁷⁸⁾. Outra notícia falava sobre "o grande poder das atômicas" onde o leitor foi informado que, com duas delas, se podia destruir Londres completamente⁽¹⁷⁹⁾.

No dia 9 de agosto de 1945, o A Gazeta trazia a manchete "A bomba Atômica atirada contra Hiroshima ocasionou 100 mil mortes". No mesmo dia, foi também divulgado que teria sido dado ao Japão vinte e quatro horas para se render. E, em 10 de agosto, os dois jornais noticiaram que "Nagasaki foi destruída, arrasada pela Bomba Atômica".

Assim terminou a Guerra, com a rendição incondicional do Japão, o último dos países do Eixo a concordar com o cessar fogo. Até o mês de setembro de 1945, os jornais ainda falavam sobre a grande devastação, principalmente na Rússia e nos países europeus, saldo de uma Guerra que, devido a atuação de alguns dos meios de comunicação da época, foi trazida para dentro de todos os lares do mundo.

5.7-MANCHETES APELATIVAS

Depois de setembro de 1942, não apareceram mudanças em relação na forma de utilizar o título para chamar a atenção do leitor em manchetes apelativas. Ainda eram utilizados pelos jornais palavras de conotação acentuada e o jogo dúbio de interpretação.

Em O Estado, de 1942, destacavam-se as manchetes :

"Castigados pelo povo"(02/09);

"Esqueletos vivos arrastavam pelas

ruas"(02/09);
"Meninos de 16 anos entre os
prisioneiros"(11/09);
"O "carniceiro" de Estalingrado" (12/09);
"Hitler planeja enviar a Espanha ao
matadouro" (19/09);
"O pão que Hitler amassou"(21/09);
"O Eixo pede mais carne humana"(25/09).

Em A Gazeta, no mesmo período, foi publicado que:

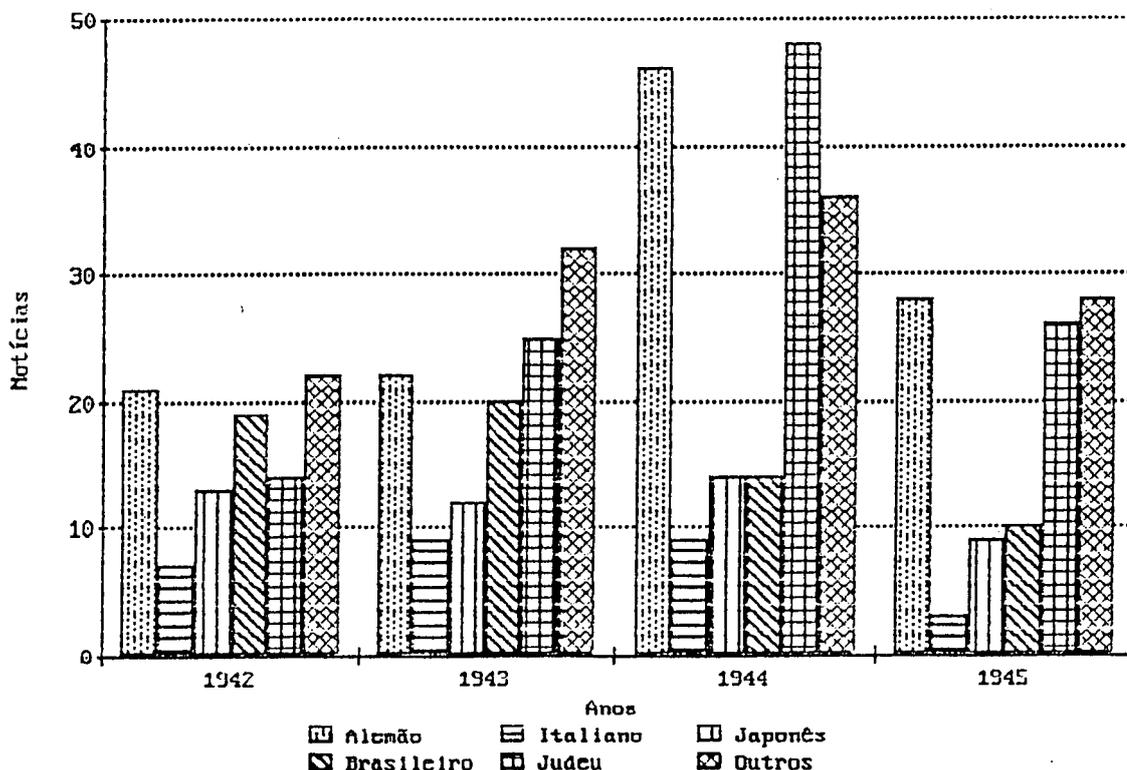
"Fragmentos humanos estão, ainda dando às
praias" (12/09);
"Morreram 800 passageiros no afundamento do
"Lisboa Maru" (09/10);
"Conspiração nazista na Argentina"(27/10);
"Mussolini confessa derrota"(08/11);
"O anti-cristo em ação. O "amor" de Hitler
pelas igrejas e coisas francesas" (22/11);
"Roma está sendo evacuada"(27/11);
"Fome, Frio e Morte! Flagelam os germânicos
na estepe russa"(02/12);
"Enforcados perto da estrada de
ferro"(06/12);
"Foi horripilante a luta!"(16/12);
"A criminosa ciência nazista" (31/12).

As manchetes foram demonstrando as mudanças ocorridas no sentido da Guerra. No desejo de conquistar o território, Hitler e dos membros do "Eixo", levaram as atrocidades a níveis até então desconhecidos, ao menos em relação a quantidade de pessoas que sofreram, ao mesmo tempo, as violências deste tipo de Guerra.

Ainda podia ser observado que os alemães continuaram a ser centro das notícias, mas agora com maior ênfase nas "descobertas" dos muitos crimes cometidos contra populações inteiras. Também eram ainda divulgadas as denúncias sobre os possíveis traidores entre o povo brasileiro, mas já se comentava sobre alguns heróis brasileiros que estariam lutando lá fora, junto aos exércitos aliados.

Conforme se vê no gráfico IV ainda eram muitas as manchetes apelativas significativas:

Gráfico 1
Manchetes Apelativas (1942-1945)



Fonte: Tabela V (ANEXO IV)

O uso da linguagem conotativa nas manchetes continuava presente no total das publicações. Ainda se utilizavam os títulos de maneira a chamar a atenção sobre as matérias publicadas. Mesmo levando-se em consideração que, já em 1943, todos os países sofriam com a Guerra, e, conseqüentemente, o seu povo. Neste segundo período, as manchetes eram centradas, quase que exclusivamente, no "massacre" dos povos. Este tipo de chamada, apelando para o emocional, levava o leitor a prestar maior atenção ao conteúdo da informação, e mesmo que o título, a manchete em si, não fosse condizente com o conteúdo da informação, a notícia já havia sido lida e assimilada.

Em 1943, os jornais começavam a utilizar uma linguagem mais forte e específica, ao descrever o inimigo, em suas manchetes. Era como se, então, viessem à tona as atrocidades cometidas em nome da Guerra. Depois dessa data as manchetes foram direcionadas, em sua maioria, aos crimes perpetrados contra o povo judeu e polonês, à opressão dos povos dominados pelos alemães, enfim, não era apenas informações sobre a dominação dos territórios, mas também sobre o extermínio da população.

Em 1944 houve um aumento significativo das publicações que falavam dos alemães e, conseqüentemente, dos judeus. Outra mudança observada foi no tocante as informações sobre os brasileiros. Neste momento decrescem as acusações de espionagem, portanto às apelações nos títulos, porque as notícias estão exaltando os pracinhas brasileiros. Em 1945, até o mês de setembro, ainda são constantes as manchetes que invocam os terríveis efeitos da guerra sobre os judeus, os poloneses e outros.

De uma maneira geral, neste segundo período, a força das manchetes consentrava-se na morte e na tortura que os inimigos perpetraram sobre os povos subjugados.

Em 1943, o jornal O Estado utilizou os seguintes títulos em suas publicações, principalmente entre suas notícias e manchetes:

"Fuzilados todos os habitantes de uma aldeia"
(04/09);
"Morreram de fome os prisioneiros
russos"(09/01);
"Diversão de bárbaros" (11/01);
"Homens sepultados vivos"(16/01);
"Perseguição aos judeus"(19/01);
"Mulheres espancadas com açoites de
aço"(25/01);
"Terrorismo e matança na Iugoslávia" (06/02);
"Cremados vivos" (12/03);
"O vampiro alemão chupa o sangue das crianças
polonesas"(5/03);
"Hitler faz sabão com gorduras de
poloneses"(16/03);
"Requintada perversidade" (14/09);
"Brutal assassinato" (20/11).

A Gazeta também trouxe manchetes sobre as atrocidades
nazistas:

"Todos os homens fuzilados" (01/01);
"Enterrados vivos"(18/01);
"Carrascos de macacão preto enforcaram 14
operários"(27/01);

"A tragédia dos judeus"(29/01);
"Suicidaram-se 93 mulheres e raparigas"
(15/03);
"500 mil judeus mortos em Varsóvia"(02/04);
"Mata cem judeus por hora"(07/04);
"Miséria, fome e terror"(06/05);
"Arrasadas inúmeras aldeias" (03/06);
"Fuzilados em pleno mercado" (02/07);
"A era facista"(27/07);
"Restos do Eixo"(27/07).

Em 1944, o tom das manchetes continuou o mesmo e, apenas no jornal O Estado, destacaram-se os seguintes:

"Prisões de sacerdotes" (27/03);
"Alimentos concebidos propositalmente para matar aos poucos os prisioneiros de campos de concentração"(30/03);
"Para encobrir os crimes praticados"(03/04);
"Os hediondos crimes nazistas" (19/05);
"Atrocidades dos nipônicos"(22/05);
"Barbaridade sem igual"(13/06);
"Torturados e assassinados pelos alemães"
(14/06);
"A criança no esgoto"(04/07);
"Um milhão de judeus assassinados" (07/07).

Esses foram apenas alguns exemplos descritos dos atos inimigos. Era como se, com o passar da Guerra, fosse crescendo e diversificando os modos de subjugar o conquistado. Ou, como se não houvesse um tipo de tortura que não tivesse sido praticado por parte, principalmente, dos alemães.

O último ano da Guerra, 1945, ainda trouxe nas manchetes, nos seus primeiros meses, as marcas da ferocidade com que estava sendo conduzida essa luta. O Estado publicou:

"Mais execuções"(02/01);
"Planejam matar os prisioneiros" (02/01);
"Chacinaram os aldeãos"(09/01);
"Milhares de Checos assassinados"(23/01);
"Descoberta outra fábrica da morte"(13/06);
"Novas provas da selvageria nazista"(06/07);
"Perversidade diabólica dos nazistas"
(13/07);
"Maldita monstruosidade alemã" (17/08);
"Horripilantes atrocidades"(02/08);
"Tremendos efeitos da "bomba atômica"
(09/08);
"A Paz voltou ao Mundo" (15/08).

Em A Gazeta destacou-se que:

"Cêrca de 1.685.000 iugoslavos foram mortos durante a ocupação alemã"(07/08),
"Pétain será condenado à morte?"(08/07),
"10 mil nazistas na Espanha! A maioria deles adquiriu cidadania espanhola" (14/07),
"O Japão pede paz"(18/07),
"Hitler estaria vivo" (07/08),
"A bomba "atômica" atirada contra Hiroshima ocasionou 100 mil mortos"(09/08),
"Nagasaki arrasada pela bomba atômica" (10/08),
"Terminou a Guerra" (11/08),
"Rendem-se os japoneses aos milhares"(12/08).

Verificou-se assim, no decorrer dos sete anos de Guerra, que o uso de palavras chamativas, ou apelativas, nos títulos das notícias tinha, não apenas, a intenção de chamar a atenção do leitor, mas, acima de tudo tencionava mostrar a violência, o ódio e as barbaridades cometidas em nome da luta pela dominação dos povos.

Coube à Alemanha o destaque, no sentido, de maior agente causador do mal, e a Hitler o de pior flagelo da humanidade, o próprio Lúcifer personificado. As associações feitas com a figura de Hitler foram uma constante. O jornal O Estado publicou

uma notícia na qual o título poderia ser considerado o mais expressivo, dentre todas as vinculações feitas com os inimigos. O título em questão dizia: "O pão que Hitler amassou"⁽¹⁸⁰⁾, fazendo uma clara alusão a figura do diabo, o mentor intelectual de uma das maiores chacinas que já foram cometidas.

A importância de se analisar a manchete, o título das notícias, é devido ao fato de ser ele o primeiro a chamar a atenção. Sómente quando são observadas várias manchetes reunidas, é que se pode ter uma noção do seu impacto junto a quem as lê. O objetivo desta seção foi o de demonstrar o quanto a imprensa utilizou-se do artifício das manchetes apelativas. Ao serem lidas estas informações se percebe o quanto a linguagem conotativa, em sua forma pejorativa, conseguiu dar a dimensão desejada pelos jornais sobre as "atrocidades" cometidas pelos homens como justificativa pela sua luta rumo ao poder.

5.8- LINGUAGEM CONOTATIVA

Nos anos de 1942 à 1945, a linguagem conotativa continuou a ser utilizada de forma pejorativa. A diferença observada foi que partindo dessa data, os jornais traziam notícias mais completas, mostrando não apenas o apelo vinculado ao título como "A onda amarela ameaça Singapura"⁽¹⁸¹⁾ ou ainda "10.000 vítimas"⁽¹⁸²⁾ onde o corpo da notícia mostrava a luta entre

países, raramente descrevendo o efeito desta luta na população. Nesse novo período analisado, as notícias dos jornais são mais extensas e detalhadas, causando um maior impacto com sua leitura, pois procuravam transmitir o sofrimento das pessoas, tornando mais reais a violência, trazendo a tona a maldade das experiências e o terror dos campos de concentração.

O jornal A Gazeta, ao noticiar o afundamento do navio "Lisboa Maru" informou que os japoneses, ao tomar conhecimento do naufrágio, comentaram "Sibilinamente" que o navio transportava 1.800 prisioneiros americanos⁽¹⁸³⁾. Ainda sobre os japoneses foi publicado que em uma batalha, lutavam cercados por cadáveres de compatriotas, que se haviam entricheirado sob raízes de árvores gigantescas, e já em adiantado estado de putrefação, todos insepultos. O correspondente que enviou essa notícia informou que essas lutas foram travadas em lugares asquerosos e, em vista disto, "viu muitos soldados suicidarem-se, não suportando a pressão psicológica"⁽¹⁸⁴⁾.

Mas foi em relação ao povo alemão, e ao seu exército, que foram divulgadas o maior número de notícias. Ainda em 1942, A Gazeta publicou que os alemães, por não poderem subjugar os poloneses, os estavam enforcando em postes, ao longo da estrada de ferro, tal qual "os romanos fizeram para dominar a Rebelião de Spartacus", formando "um espetáculo monstruoso com 150 vítimas"⁽¹⁸⁵⁾. Também foi escrito que, além de perseguirem os

poloneses, as autoridades alemãs resolveram esterilizar todos os doentes mentais na Noruega⁽¹⁸⁶⁾. Até mesmo prisioneiros ingleses foram ameaçados de represália, sofrendo "vexames" nas mãos dos alemães. A esse respeito foi noticiado que "positivamente os nazi estão levantando uma cortina de fumaça para encobrir seus crimes"⁽¹⁸⁷⁾.

Em 1943, O Estado informou que oficiais iugoslavos haviam conseguido fugir de um campo de prisioneiros e contaram que "lá dentro são mau alimentados e que, no último trimestre, morreram de fome 600 prisioneiros russos em Nuremberg"⁽¹⁸⁸⁾. Uma outra notícia informava que em Budapest judeus eram utilizados para fazer a varredura nos campos minados, e segundo o diário de um soldado húngaro, morto em batalha, "nos divertimos bastante vendo eles explodirem"⁽¹⁸⁹⁾.

Também, sob o título "homens sepultados vivos" soube-se que, as forças de ocupação alemã mataram mais de 800 civis torturando-os e enterrando-os, alguns ainda vivos, na cidade Elista, totalmente destruída antes da evacuação alemã⁽¹⁹¹⁾. E nos campos de concentração de Ravensbrück, as mulheres polonesas foram espancadas com açoites de aço⁽¹⁹²⁾.

As notícias seguiam descrevendo todas as fórmulas encontradas pelos nazistas para torturar suas vítimas, sempre de forma sensacionalista. Uma notícia que dizia "O vampiro alemão

chupa o sangue de crianças polonesas", informava sobre o rapto delas com idades de 7 a 12 anos. Conforme constava na notícia, através da carta de um menino de 12 anos, descobriu-se que os alemães utilizavam todo o sangue retirado das crianças para transfusões em seus soldados feridos na frente oriental⁽¹⁹³⁾.

A "Crueldade nazista" também deixou sua marca nas costas dos prisioneiros russos. Foi publicado que, segundo uma ordem enviada pelo Chefe do Estado Maior alemão ao chefe de polícia da Ucrânia, foi mandado que fossem gravados a fogo nas costas dos prisioneiros soviéticos, um triângulo com a base aberta ⁽¹⁹⁴⁾.

O jornal O Estado informou, em 14 de setembro de 1943, que, com uma "Requintada perversidade" os alemães obrigaram civis russos a se colocarem na Ponte de Novodiritzki e fizeram-na ir pelos ares, matando centenas de homens e mulheres. Até na Itália, sua antiga aliada, foi cometido um "Brutal assassinato" contra tres padres italianos e 43 pessoas, que foram fuzilados como represália pela morte de um alemão, dando ciência que, na Itália ocupada, estava havendo uma grande perseguição aos católicos⁽¹⁹⁵⁾.

Além das barbaridades cometidas sobre as populações subjogadas nos territórios ocupados, os judeus continuavam a ser perseguidos, expoliados e mortos. Na Noruega, dirigida por

Quisling, 1.711 judeus tiveram suas propriedades confiscadas⁽¹⁹⁶⁾. Foi publicado que:

"No gueto de Varsóvia milhares de judeus sentenciados esperavam a morte, e era impossível que lhes chegasse alguma ajuda porque as patrulhas nas ruas disparavam contra qualquer um que se aproximasse ou mesmo que saísse para olhar nas janelas. Diariamente eram encontrados muitos cadáveres insepultos. Os homens são caçados impiedosamente e, segundo esta informação, em toda a Polônia acontecia o mesmo"⁽¹⁹⁶⁾

Sobre a sorte dos semitas, dizia-se que "Hitler faz sabão com gordura de poloneses". O Ministro das Finanças polonês, então no exílio, declarou que os nazi já haviam massacrado pelo menos "um milhão de judeus poloneses", além de "400 mil outros assassinados e executados" e que "milhares foram deixados morrer de fome". Essas notícias, segundo o jornal, confirmavam as acusações do Rabí Stephen S. Wise que acusava Hitler por ter estimulado a exterminação dos judeus poloneses, oferecendo o correspondente a 20 dólares por cadáver, que imediatamente eram transformados em sabão e gorduras⁽¹⁹⁷⁾.

Da Dinamarca, a "Perseguição aos judeus" informava que já haviam sido conduzidos ao navio para serem deportados mais de 1.600 judeus, que seriam enviados para a Alemanha, mas na Suécia, os refugiados israelitas estavam recebendo a proteção do governo⁽¹⁹⁸⁾.

Ainda em 1943, várias notícias informava, sobre o sofrimento das populações que caíam sob Hitler. O jornal A Gazeta informava que todos os homens "na aldeia de Ritow foram fuzilados" por terem se recusado a ceder suas casas aos nazistas⁽¹⁹⁹⁾. As forças russas quando penetraram em Nalchik, no Cáucaso, encontraram 600 corpos de camponeses terrivelmente mutilados pelos nazistas, antes da retirada. Todos os cadáveres estavam amontoados em um dos muitos fossos cavados pelos alemães como defesa anti-tanques⁽²⁰⁰⁾.

Na cidade de Radon, "carrascos de macacão preto enforcaram 14 operários" por suspeita de agirem contra a produção bélica do Reich, e foi dito ainda que, "os corpos ficaram suspensos nas fôrças por 48 horas em pleno passeio público". O correspondente informou que acreditava-se que os nazi estavam usando macacões e máscaras pretas para não serem reconhecidos, temendo represálias da justiça interaliada pelos atos brutais do terrorismo que estavam perpetrando nos países ocupados⁽²⁰¹⁾.

Sobre "a tragédia dos judeus" os correspondentes de Estocolmo informaram nos últimos dias do ano de 1942:

"na Polônia, a Gestapo havia levado consigo 8 mil judeus de ambos os sexos com numerosos anciões e crianças, e antes que eles fossem embarcados foram barbaramente espancados pelas tropas. Enquanto isto, na aldeia próxima ao porto, a população não podia, sob pena de morte, sair de casa e três pessoas enlouqueceram ouvindo gritos e gemidos dos

judeus. A população só teve permissão para sair de casa 24 horas depois do embarque e desconheciam que os judeus foram levados para os novos "matadouros modelo de semitas" recentemente construídos na Ucrânia. Segundo o "Berliniz Zeitung" os novos "matadouros" funcionavam maravilhosamente e tem a capacidade de exterminar 350 pessoas por hora"(202)

Segundo foi publicado, essa perseguição desenfiada foi o motivo que levou a "suicidarem-se 93 mulheres e raparigas "judias", entre professoras e alunas da escola judáica de Varsóvia que preferiram morrer por suas próprias mãos do que serem violadas e brutalizadas pelos alemães(203). O Rabí Maurice Pertzweig, presidente da Divisão Britânica Judáica Internacional, declarou que todos os judeus de Varsóvia foram mortos, e o presidente da Organização Judáica nos Estados Unidos declarou também que Hitler mandou exterminar todos os judeus da Polônia, pagando 20 marcos por cadáver de judeu. Ainda, segundo ele, os alemães informaram que o modo mais "moderno" e o mais "humanitário" de exterminá-los era a injeção de ar na veia. Um médico alemão conseguia, com este método, matar cem judeus por hora(204). Este tipo de informação, claramente utilizada para chocar o leitor e fazê-lo posicionar-se, era muito comum no período estudado. Percebia-se a diferença de linguagem utilizada pelas diversas fontes de informação, mas, mesmo assim, as notícias eram compostas com a utilização de palavras chaves que passaram a ser automaticamente associadas aos inimigos.

Nos primeiros dias de junho, segundo o jornal A Gazeta, foram "arrasadas inúmeras aldeias" polonesas, onde os alemães massacraram a população de 20 aldeias⁽²⁰⁵⁾. Na Letônia, foram enforcados publicamente, no mercado da aldeia de Audrini, no distrito de Rebekne, trinta cidadãos acusados de prestar auxílio aos russos⁽²⁰⁶⁾.

Assim, durante todo o ano de 1943, os jornais informavam o que o inimigo fazia às pessoas que caíam sob seu jugo. Essas notícias fizeram que a Guerra fosse mostrada com tamanha crueza, em seus detalhes, que parecia ser possível visualizar o sofrimento dos torturados.

Em 1944, as notícias seguiram o mesmo ritmo, mostrando quase que exclusivamente a perseguição alemã. Já em 15 de janeiro, O Estado informou que, em Berlim, havia sido criado um Comitê Especial Nazista para tirar dos judeus europeus tudo o que possuíam e essa medida teria causado espanto, pois todos acreditavam que Hitler já os tivesse explorado totalmente e só estivesse interessado em exterminar os filhos de Israel.

Essa "perseguição aos judeus", depois de uma curta pausa, foi reiniciada contra os judeus checos residentes no "Protetorado". Sob a alegação que era "necessária uma limpeza" alguns milhares de judeus, que viviam em guetos, foram mandados aos campos de concentração para trabalhos forçados onde

terminaram os seus dias padecendo de fome, frio e maus tratos⁽²⁰⁷⁾.

Segundo uma notícia da AP, nos campos de concentração foram adotados "alimentos concebidos propositalmente para matar aos poucos os prisioneiros", com isso conseguiam o aniquilamento por inanição dos prisioneiros inimigos, torturando-os com uma alimentação desprovida totalmente de vitaminas⁽²⁰⁸⁾.

As loucuras nazistas incluíam a extração de sangue de crianças até a última gota. A imprensa publicou que os médicos nazistas, associados a fúria exterminadora de Hitler, estavam "auxiliando-o em sua horrorosa obra de aniquilar ou chacinar as populações dos países ocupados" e por isso, a Academia de Medicina de Londres, juntamente com outras organizações, assinaram uma proclamação acusando os médicos nazistas de colocar a medicina a serviço da destruição de vidas⁽²⁰⁹⁾.

Uma exceção sobre todas as informações relativas as atrocidades cometidas pelos alemães, foi uma notícia sobre "atrocidades dos nipônicos" onde foi publicado que os chineses foram pregados em palmeiras com enormes pregos de ferro introduzidos pela testa⁽²¹⁰⁾.

Prosseguindo com sua "Barbaridade sem igual", os alemães infligiram várias torturas aos marinheiros franceses capturados

em Toulon, a 27 de novembro de 1942. Segundo noticiou-se, os franceses não foram tratados como prisioneiros, mas como rebeldes. Presos, inicialmente, na França, foram transferidos para a Alemanha, em agosto de 1943, tendo viajado em vagões trancados a cadeado, e nos cinco dias que duraram a viagem não receberam nem alimento e nem água. Em sua passagem pela região de Champagne, foi verificado que muitos já haviam morrido. Os carcereiros, quando da chegada dos vagões, arrastaram os cadáveres até a plataforma, onde ficaram abandonados⁽²¹¹⁾.

Segundo informações transmitidas de Londres para a NBC, revelou-se que as tropas de assalto que regressaram do Norte da França, trouxeram a "indiscutível evidência" que os alemães torturaram e assaltaram os paraquedistas norte-americanos durante as fases iniciais da invasão. Verificou-se que os corpos de três paraquedistas encontrados nas imediações do alto comando alemão, tiveram suas mãos atadas e "tal fato é a indicação de que aqueles três americanos foram executados, após terem sido capturados, numa flagrante violação das regras de Guerra". Um segundo caso observado que teria colaborado com este ponto de vista, foi quando "um paraquedista foi encontrado com a garganta cortada e o corpo varado por uma faca, que estava enterrada até o cabo"⁽²¹²⁾.

As crueldades foram uma constante nas notícias publicadas, e os alemães foram descritos de forma altamente animalesca. Em uma notícia enviada por um correspondente de

Estocolmo, falando sobre Varsóvia ocupada descreve a seguinte cena:

"Uma criança judia está parada diante da porta de sua casa. Passa um oficial alemão. A criança, de quatro anos de idade não tem medo, não foge. O alemão levanta a tampa de um esgoto e pega a criança pelo pescoço, como um gato... ouve-se um grito. O alemão lança a criança no esgoto, fecha a tampa, e segue friamente o seu caminho"(213)

As atrocidades cometidas contra os judeus, nesse período foram publicadas quase que diariamente. Em 7 de julho de 1944, O Estado informava que, segundo a Exchange Telegraph, uma fonte neutra da Europa, teria trazido a tona "um dos capítulos mais negros da História da Guerra", ou seja, o assassinato com gases, de cerca de um milhão de judeus, nos campos de concentração da Alta Silésia. Dois judeus que conseguiram escapar, declararam que, entre abril de 1942 e junho do corrente ano (1944) chegaram a esses campos de concentração judeus procedentes da Polônia, Holanda, Grécia, França, Bélgica, Alemanha, Itália e Checoslováquia. Portanto, numericamente, teria havido "um milhão de judeus assassinados" em dois anos de Guerra.

Também os italianos foram "chacinados pelos alemães", quando as tropas da Gestapo perpetraram atrocidades contra quatro povoações italianas, que teriam ficado reduzidas a 10% de seu total em virtude da matança efetuada pelos alemães. Nas povoações

de Cornia, Foiano, Vignale e Cinitella, muitos foram queimados vivos ou "enterrados nas ruínas de seus lares destruídos"⁽²¹⁴⁾.

Nos primeiros meses de 1945, ainda havia muitas notícias sobre massacres, dentro e fora dos campos de concentração. Tudo era motivo para que se fosse condenado a morte, desde a raça, a religião até a suspeita de colaboracionismo com os inimigos do Reich, assim os alemães prosseguiram, com sua marcha sangrenta.

Os jornais trouxeram, de 1942 a 1945, toda o sorte de informações referentes as barbaridades descritas por ex-prisioneiros, por correspondentes, por agências de notícias, enfim, por todos os meios disponíveis para oferecer aos leitores as imagem dos fatos conforme eles registravam. Sem dúvida nenhuma a imaginação do leitor foi bem aguçada.

As mensagens tinham um apelo aparente, a linguagem utilizada serviu bem ao propósito de levar o leitor a sentir-se próximo, fisicamente, dos acontecimentos, tal a intensidade do que foi descrito pelos jornais em Florianópolis.

Notas:

- 1- MEIRINHO, Jalí. Entrevista de 30 de setembro de 1992 com a autora. Acervo particular.
- 2- O Estado, Florianópolis, 9 de maio de 1939
- 3- O Estado, Florianópolis, 6 de abril de 1939
- 4- O Estado, Florianópolis, 17 de maio de 1939
- 5- O Estado, Florianópolis, 7 de julho de 1939
- 6- A Gazeta, Florianópolis, 23 de julho de 1939
- 7- O Estado, Florianópolis, 31 de agosto de 1939
- 8- O Estado, Florianópolis, 23 de maio de 1939
- 9- O Estado, Florianópolis, 6 de junho de 1939
- 10- A Gazeta, Florianópolis, 2 de agosto de 1939
- 11- A Gazeta, Florianópolis, 12 de agosto de 1939
- 12- A Gazeta, Florianópolis, 24 de agosto de 1939
- 13- A Gazeta, Florianópolis, 27 de agosto de 1939
- 14- A Gazeta, Florianópolis, 31 de agosto de 1939
- 15- A Gazeta, Florianópolis, 7 de setembro de 1939
- 16- A Gazeta, Florianópolis, 21 de setembro de 1939
- 17- A Gazeta, Florianópolis, 30 de setembro de 1939
- 18- O Estado, Florianópolis, 25 de setembro de 1939
- 19- A Gazeta, Florianópolis, 6 de outubro de 1939
- 20- O Estado, Florianópolis, 20 de outubro de 1939
- 21- A Gazeta, Florianópolis, 22 de outubro de 1939
- 22- A Gazeta, Florianópolis, 15 de novembro de 1939
- 23- O Estado, Florianópolis, 2 de janeiro de 1940

- 24- O Estado, Florianópolis, 2 de abril de 1940
- 25- A Gazeta, Florianópolis, 17 de janeiro de 1940
- 26- O Estado, Florianópolis, 30 de abril de 1940
- 27- O Estado, Florianópolis, 12 de abril de 1940
- 28- O Estado, Florianópolis, 2 de maio de 1940
- 29- A Gazeta, Florianópolis, 25 de abril de 1940
- 30- A Gazeta, Florianópolis, 11 de maio de 1940
- 31- O Estado, Florianópolis, 20 de julho de 1940
- 32- O Estado, Florianópolis, 14 de agosto de 1940
- 33- O Estado, Florianópolis, 24 de julho de 1940
- 34- A Gazeta, Florianópolis, 12 de outubro de 1940
- 35- O Estado, Florianópolis, 11 de outubro de 1940
- 36- A Gazeta, Florianópolis, 19 de abril de 1940
- 37- O Estado, Florianópolis, 21 de novembro de 1940
- 38- A Gazeta, Florianópolis, 27 de novembro de 1940
- 39- A Gazeta, Florianópolis, 9 de setembro de 1941
- 40- A Gazeta, Florianópolis, 28 de dezembro de 1941
- 41- A Gazeta, Florianópolis, 19 de janeiro de 1942.
- 42- A Gazeta, Florianópolis, 15 de janeiro de 1942
- 43- A Gazeta, Florianópolis, 23 de janeiro de 1942
- 44- O Estado, Florianópolis, 12 de agosto de 1942
- 45- A Gazeta, Florianópolis, 5 de abril de 1942
- 46- A Gazeta, Florianópolis, 21 de agosto de 1942
- 47- A Gazeta, Florianópolis, 23 de agosto de 1942
- 48- O Estado, Florianópolis, 2 de janeiro de 1939
- 49- O Estado, Florianópolis, 3 de janeiro de 1939

- 50- O Estado, Florianópolis, 22 de abril de 1939
- 51- O Estado, Florianópolis, 20 de maio de 1939
- 52- O Estado, Florianópolis, 6 de junho de 1939
- 53- A Gazeta, Florianópolis, 10 de julho de 1939
- 54- O Estado, Florianópolis, 11 de julho de 1939
- 55- O Estado, Florianópolis, 17 de julho de 1939
- 56- O Estado, Florianópolis, 12 de agosto de 1939
- 57- O Estado, Florianópolis, 15 de agosto de 1939
- 58- O Estado, Florianópolis, 12 de agosto de 1939
- 59- O Estado, Florianópolis, 19 de agosto de 1939
- 60- O Estado, Florianópolis, 19 de setembro de 1939
- 61- O Estado, Florianópolis, 9 de outubro de 1939
- 62- O Estado, Florianópolis, 17 de outubro de 1939
- 63- O Estado, Florianópolis, 10 de dezembro de 1939
- 64- O Estado, Florianópolis, 3 de janeiro de 1940
- 65- A Gazeta, Florianópolis, 25 de fevereiro de 1940
- 66- O Estado, Florianópolis, 29 de fevereiro de 1940
- 67- A Gazeta, Florianópolis, 29 de fevereiro de 1940
- 68- A Gazeta, Florianópolis, 16 de março de 1940
- 69- A Gazeta, Florianópolis, 2 de maio de 1942
- 70- O Estado, Florianópolis, 15 de março de 1940
- 71- O Estado, Florianópolis, 9 de maio de 1940
- 72- O Estado, Florianópolis, 4 de junho de 1940
- 73- O Estado, Florianópolis, 26 de junho de 1940
- 74- O Estado, Florianópolis, 12 de agosto de 1940
- 75- O Estado, Florianópolis, 17 de agosto de 1940

- 76- A Gazeta, Florianópolis, 21 de agosto de 1940
- 77- O Estado, Florianópolis, 8 de janeiro de 1941
- 78- O Estado, Florianópolis, 19 de fevereiro de 1941
- 79- O Estado, Florianópolis, 6 de outubro de 1941
- 80- O Estado, Florianópolis, 5 de dezembro de 1941
- 81- O Estado, Florianópolis, 8 de dezembro de 1941
- 82- O Estado, Florianópolis, 4 de dezembro de 1941
- 83- A Gazeta, Florianópolis, 26 de maio de 1942
- 84- A Gazeta, Florianópolis, 2 de julho de 1942
- 85- A Gazeta, Florianópolis, 2 de setembro de 1939
- 86- O Estado, Florianópolis, 15 de setembro de 1939
- 87- A Gazeta, Florianópolis, 26 de setembro de 1939
- 88- O Estado, Florianópolis, 7 de dezembro de 1939
- 89- O Estado, Florianópolis, 22 de setembro de 1939
- 90- A Gazeta, Florianópolis, 30 de dezembro de 1939
- 91- A Gazeta, Florianópolis, 15 de fevereiro de 1942
- 92- A Gazeta, Florianópolis, 21 de maio de 1940
- 93- A Gazeta, Florianópolis, 5 de setembro de 1940
- 94- O Estado, Florianópolis, 2 de janeiro de 1940
- 95- O Estado, Florianópolis, 30 de novembro de 1940
- 96- O Estado, Florianópolis, 16 de janeiro de 1941
- 97- O Estado, Florianópolis, 11 de outubro de 1941
- 98- A Gazeta, Florianópolis, 23 de outubro de 1941
- 99- O Estado, Florianópolis, 11 de julho de 1942, p. 3.
- 100- O Estado, Florianópolis, 18 de abril de 1941
- 101- A Gazeta, Florianópolis, 29 de agosto de 1942

- 102- HAIKAWA, S.I. A Linguagem no Pensamento e na Ação. São Paulo: Pioneira, 1972.
- 103- A Gazeta, Florianópolis, 17 de dezembro de 1941
- 104- Sobre a questão do Nacionalismo ver:
Hugo Bethlen. Vale do Itajaí: jornadas de civismo. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1939; René Gertz. O Facismo no Sul do Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987 ; Jaecyr Monteiro. O Nacionalismo no Ensino. Florianópolis: UFSC, 1984; Lara Ribas. O Punhal Nazista Cravado no Coração do Brasil. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1944.
- 105- O Estado, Florianópolis, 4 de julho de 1939
- 106- A Gazeta, Florianópolis, 15 de agosto de 1942
- 107- O Estado, Florianópolis, 19 de setembro de 1939
- 108- A Gazeta, Florianópolis, 24 de dezembro de 1939
- 109- A Gazeta, Florianópolis, 13 de agosto de 1940
- 110- O Estado, Florianópolis, 7 de julho de 1940
- 111- O Estado, Florianópolis, 15 de junho de 1940
- 112- A Gazeta, Florianópolis, 12 de setembro de 1940
- 113- O Estado, Florianópolis, 29 de abril de 1940
- 114- O Estado, Florianópolis, 30 de janeiro de 1941
- 115- O Estado, Florianópolis, 20 de agosto de 1942
- 116- O Estado, Florianópolis, 3 de julho de 1942
- 117- O Estado, Florianópolis, 20 de julho de 1942
- 118- O Estado, Florianópolis, 20 de agosto de 1942
- 119- O Estado, Florianópolis, 03 de abril de 1939
- 120- O Estado, Florianópolis, 03 de fevereiro de 1939
- 121- O Estado, Florianópolis, 10 de março de 1939
- 122- O Estado, Florianópolis, 10 de abril de 1939
- 123- O Estado, Florianópolis, 14 de setembro de 1939

- 124- O Estado, Florianópolis, 14 de setembro de 1939
- 125- O Estado, Florianópolis, 21 de julho de 1939
- 126- O Estado, Florianópolis, 18 de julho de 1939
- 127- O Estado, Florianópolis, 03 de janeiro de 1940
- 128- O Estado, Florianópolis, 05 de setembro de 1940
- 129- O Estado, Florianópolis, 25 de agosto de 1940
- 130- O Estado, Florianópolis, 04 de julho de 1941
- 131- O Estado, Florianópolis, 03 de outubro de 1941
- 132- O Estado, Florianópolis, 17 de julho de 1942
- 133- O Estado, Florianópolis, 08 de maio de 1941
- 134- O Estado, Florianópolis, 10 de janeiro de 1939
- 135- O Estado, Florianópolis, 28 de maio de 1942
- 136- O Estado, Florianópolis, 13 de abril de 1940
- 137- O Estado, Florianópolis, 28 de julho de 1942
- 138- O Estado, Florianópolis, 03 de maio de 1940
- 139- O Estado, Florianópolis, 17 de agosto de 1940
- 140- O Estado, Florianópolis, 13 de outubro de 1941
- 141- O Estado, Florianópolis, 27 de julho de 1942
- 142- O Estado, Florianópolis, 02 de julho de 1942
- 143- O Estado, Florianópolis, 19 de maio de 1945
- 144- A Gazeta, Florianópolis, 09 de agosto de 1945
- 145- A Gazeta, Florianópolis, 12 de agosto de 1945
- 146- A Gazeta, Florianópolis, 10 de setembro de 1942
- 147- O Estado, Florianópolis, 10 de setembro de 1942
- 148- A Gazeta, Florianópolis, 25 de setembro de 1942
- 149- A Gazeta, Florianópolis, 27 de setembro de 1942

- 150- O Estado, Florianópolis, 24 de maio de 1944.
- 151- O Estado, Florianópolis, 19 de julho de 1944
- 152- idem
- 153- idem
- 154- O Estado, Florianópolis, 30 de dezembro de 1943
- 155- O Estado, Florianópolis, 08 de janeiro de 1945
- 156- O Estado, Florianópolis, 09 de janeiro de 1945
- 157- O Estado, Florianópolis, 02 de janeiro de 1945
- 158- O Estado, Florianópolis, 25 de abril de 1945.
- 159- O Estado, Florianópolis, 03 de maio de 1945
- 160- idem
- 161- O Estado, Florianópolis, 21 de junho de 1945.
- 162- O Estado, Florianópolis, 29 de junho de 1945
- 163- O Estado, Florianópolis, 27 de junho de 1945
- 164- O Estado, Florianópolis, 06 de julho de 1945
- 165- O Estado, Florianópolis, 13 de julho de 1945.
- 166- O Estado, Florianópolis, 17 de julho de 1945
- 167- O Estado, Florianópolis, 02 de agosto de 1945
- 168- A Gazeta, Florianópolis, 06 de julho de 1945
- 169- A Gazeta, Florianópolis, 08 de julho de 1945
- 170- A Gazeta, Florianópolis, 14 de julho de 1945
- 171- O Estado, Florianópolis, 16 de julho de 1945
- 172- O Estado, Florianópolis, 31 de janeiro de 1945
- 173- O Estado, Florianópolis, 10 de fevereiro de 1945
- 174- A Gazeta, Florianópolis, 30 de abril de 1945
- 175- O Estado, Florianópolis, 05 de maio de 1945

- 176- A Gazeta, Florianópolis, 10 de julho de 1945
- 177- O Estado, Florianópolis, 19 de junho de 1945
- 178- A Gazeta, Florianópolis, 02 de agosto de 1945
- 179- A Gazeta, Florianópolis, 03 de agosto de 1945
- 180- O Estado, Florianópolis, 21 de setembro de 1942
- 181- A Gazeta, Florianópolis, 23 de janeiro de 1941
- 182- A Gazeta, Florianópolis, 26 de setembro de 1939
- 183- A Gazeta, Florianópolis, 09 de outubro de 1942
- 184- A Gazeta, Florianópolis, 16 de setembro de 1942
- 185- A Gazeta, Florianópolis, 06 de dezembro de 1942
- 186- A Gazeta, Florianópolis, 31 de dezembro de 1942
- 187- A Gazeta, Florianópolis, 03 de outubro de 1942
- 188- A Gazeta, Florianópolis, 09 de janeiro de 1943
- 189- O Estado, Florianópolis, 11 de janeiro de 1943
- 190- O Estado, Florianópolis, 16 de janeiro de 1943
- 191- O Estado, Florianópolis, 25 de janeiro de 1943
- 192- O Estado, Florianópolis, 15 de março de 1943
- 193- O Estado, Florianópolis, 03 de agosto de 1943
- 194- O Estado, Florianópolis, 20 de novembro de 1943
- 195- O Estado, Florianópolis, 19 de janeiro de 1943
- 196- O Estado, Florianópolis, 25 de janeiro de 1943.
- 197- O Estado, Florianópolis, 10 de agosto de 1943
- 198- O Estado, Florianópolis, 04 de setembro de 1943
- 199- A Gazeta, Florianópolis, 10 de janeiro de 1943
- 200- A Gazeta, Florianópolis, 18 de janeiro de 1943
- 201- A Gazeta, Florianópolis, 27 de janeiro de 1943

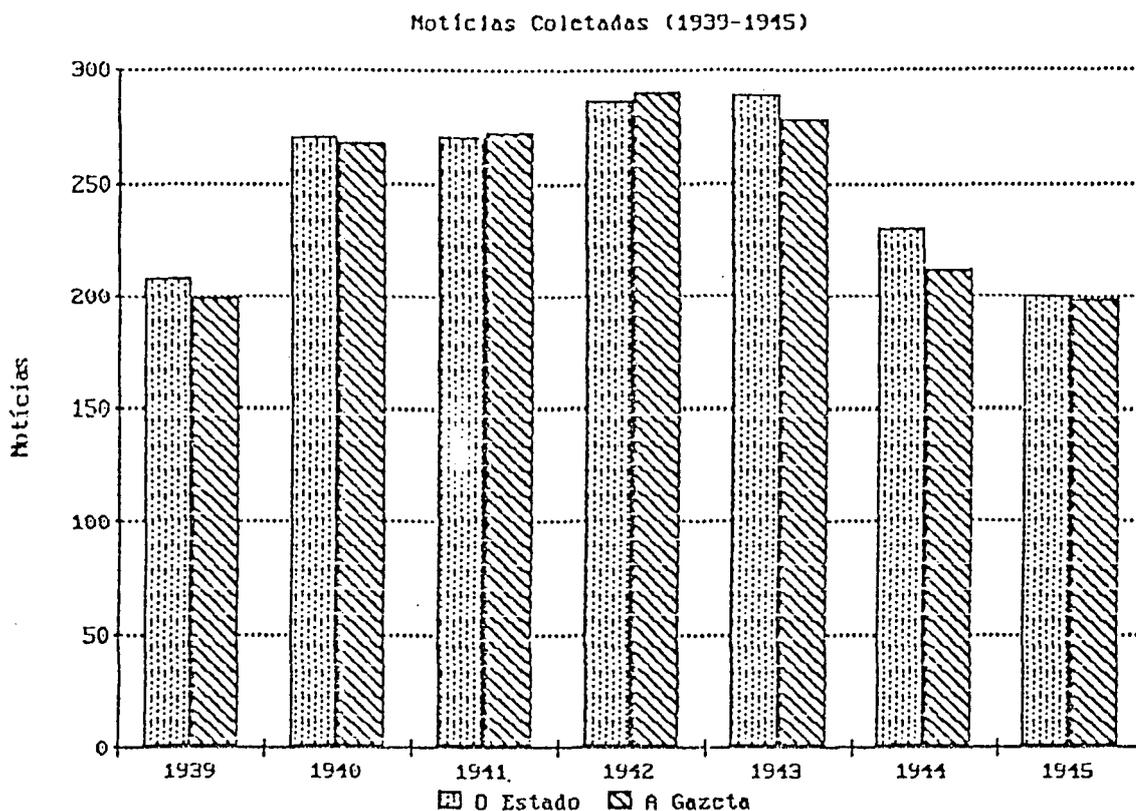
- 202- A Gazeta, Florianópolis, 29 de janeiro de 1943.
- 203- A Gazeta, Florianópolis, 29 de janeiro de 1943
- 204- A Gazeta, Florianópolis, 15 de março de 1943
- 205- A Gazeta, Florianópolis, 03 de junho de 1943
- 206- O Estado, Florianópolis, 02 de julho de 1943
- 207- O Estado, Florianópolis, 27 de março de 1944
- 208- O Estado, Florianópolis, 30 de março de 1944
- 209- O Estado, Florianópolis, 19 de maio de 1944
- 210- O Estado, Florianópolis, 22 de maio de 1944
- 211- O Estado, Florianópolis, 13 de julho de 1944
- 212- O Estado, Florianópolis, 14 de junho de 1944
- 213- O Estado, Florianópolis, 04 de julho de 1944
- 214- O Estado, Florianópolis, 10 de julho de 1944

CONCLUSÃO

As análises feitas nos jornais O Estado e A Gazeta de Florianópolis, entre os anos de 1939 e 1945, permitem as seguintes conclusões.

Conforme se observou nos gráficos apresentados, houve uma mudança gradual na forma de descrever esses inimigos, mudança esta referente a linguagem utilizada na sua descrição. A quantidade das notícias divulgadas não sofreu, em valores absolutos, uma grande variação conforme pode ser observado no gráfico à seguir.

Conforme já foi verificado, junto a tabela I, houve uma média constante de publicações em ambos os jornais. A grande diferença, até 1942, entre ambos os jornais, estava no conteúdo dessas informações. O A Gazeta trazia mais notícias curtas, e o jornal O Estado explorava mais seu conteúdo. Mas, no decorrer dos 81 meses pesquisados, a mudança de tratamento dispensado as notícias foi bastante variada.



FONTE: Tabela I

Apesar dos jornais permanecerem semelhantes quanto ao número de publicações, conforme as análises, essas informações puderam ser caracterizadas dentro dos critérios estabelecidos entre manchetes apelativas e linguagem conotativa. Observou-se que, de acordo com as notícias coletadas, durante o período que compreendeu a Segunda Guerra Mundial, esses artifícios foram amplamente utilizados pelos jornais em Florianópolis. Quanto ao teor da notícia, percebeu-se que era pouco utilizada a reportagem. Os artigos eram mais veiculados, sendo que a maioria eram cópias de publicações de outros jornais. Em ambos os jornais

era mais comum o uso da notícia e, no caso do A Gazeta, as manchetes.

Em 1942, quando se generaliza o conflito, já se falava sobre a insanidade de Hitler, mas não sobre a crueldade utilizada para atingir os seus propósitos. Também mudaram os focos das notícias sobre quem eram os inimigos. No decorrer de 1939 são atingidos os russos e os japoneses, ainda que já houvessem muitas notícias sobre os alemães, mas as associações feitas contra os "vermelhos covardes" e os "amarelos sanguinários" são mais descritivas no início das hostilidades. Nota-se que, em relação aos russos, mudaram o tratamento após a invasão alemã à Rússia. O "covarde" vermelho transforma-se em aliado, e conseqüentemente, as notícias passam a exaltar os "bravos" soviéticos, que resistem a "fúria insana de Hitler".

Uma grande mudança ocorreu a partir de 1942 quando, ao invés de notícias mais centralizadas sobre a conquista de territórios, as agências de notícias começam a enviar aos jornais informes mais detalhados sobre a ação de guerra. Assim os jornais começam a publicar maciçamente a destruição dos povos conquistados, mostrando que o inimigo não se contenta mais em apenas em dominá-los. As torturas submetidas principalmente aos judeus e aos poloneses também são muito exploradas.

As diferenças observadas nos tratamentos dispensados aos inimigos são muito grandes e significativas. Em primeiro lugar há a questão da Guerra em si. No início não há um grande esclarecimento do significado dessa disputa, sendo que são publicadas poucas reportagens e artigos, o usual neste período são as notícias e manchetes. A partir de 1942 é que começam a surgir algumas reportagens, já falando sobre as "tenebrosas" atitudes dos alemães frente aos povos conquistados, e algumas poucas sobre os japoneses e seus métodos de tortura. É interessante observar a pouca divulgação sobre a participação italiana, principalmente no que se refere às barbaridades e torturas cometidas contra os prisioneiros. Os italianos inclusive, quando são citados, tem geralmente a sua imagem vinculada a um exército confuso e atrapalhado que só age, conforme uma marionete, nas mãos de Hitler e não de Mussolini.

Outra modificação que se observa é quanto as notícias locais. No início dos conflitos, antes da deflagração da guerra, em abril de 1939, publica-se que em Florianópolis foi comemorado "o aniversário do Sr. Hitler" com grande manifestação pública de júbilo, trazendo a notícia inclusive uma foto de Hitler (A Gazeta, 21/04/1939). Já em setembro de 1939, ainda segundo A Gazeta, o secretário de segurança, Ivens de Araújo proibiu manifestações sobre a guerra. E, após três anos, em 1942, há uma grande movimentação com as denúncias de vários cidadãos "suspeitos" de serem favoráveis ao inimigo. Segundo o jornal O

Estado, de 20 de agosto de 1942, em uma grande manifestação pública em Florianópolis, uma senhora arrancou a placa da rua Dr Blumenau e colocou em seu lugar "Aníbal Benévolo", nome de uma embarcação afundada.

Percebe-se claramente após a leitura dos jornais que, através de suas notícias, foi praticamente impossível ao leitor ficar indiferente ao comportamento "animalesco" descrito. Não há como não se chocar com as descrições das tragédias de homens, mulheres e crianças que, foram "brutalmente assassinados, deformados, espancados e submetidos a experiências médicas" com o intuito de quebrar-lhes a resistência.

Dessa forma os jornais de Florianópolis ajudaram entre os anos de 1939 e 1945, a criar uma imagem de um inimigo cruel e sanguinário, que utilizou-se de artifícios inimagináveis para subjugar e derrotar os povos conquistados.

Um dos propósitos desse trabalho foi demonstrar que através de uma leitura específica dos jornais, com o auxílio de uma metodologia voltada para esse fim, seria possível obter uma nova visão sobre um período histórico, tal qual foi vivenciado na época. A utilização da metodologia criada, com o auxílio de uma bibliografia de apoio, permitiu que fossem analisadas categorias pré-estabelecidas, possibilitando esta nova interpretação.

Percebeu-se que, através da dinâmica de suas publicações diárias, os jornais criaram a imagem de um inimigo comum, levando a sociedade como um todo a participar de um evento que, mesmo estando longe em termos de distância, tornou-se próximo e real de tal forma que levou os catarinenses a se mobilizarem contra os países do "Eixo".

O uso dos jornais como fonte de pesquisa histórica, aliado a metodologia apresentada, permite que se realizem novos trabalhos, com outros tipos de enfoques. No caso das notícias referentes a Segunda Guerra, além da criação da imagem do inimigo, pode-se analisar conflitos específicos, questões diplomáticas, problemas com a censura, a comparação dos arquivos oficiais com o conteúdo dos jornais, a comparação das notícias sobre os inimigos com a agência de notícia que divulgou o fato, enfim, há uma vasta gama de aplicações que podem ser utilizadas para engrandecer ainda mais a produção historiográfica catarinense, principalmente no tocante ao papel dos meios de comunicação junto as sociedades nas quais eles atuam.

ANEXOS

ANEXO I- TABELA II

NOTÍCIAS SOBRE A GUERRA (1939-1942)

ANOS	ACOR.DIPLOMAT.	PREPAR.P/ GUERRA	GUERRA	TOTAL
1939	115	168	94	377
1940	96	199	153	448
1941	87	162	199	448
1942(*)	61	85	108	254

(*) Apenas até agosto de 1942

FONTE: Jornal O Estado de Florianópolis- 1939 a 1942

Jornal A Gazeta de Florianópolis- 1939 a 1942

ANEXO II- TABELA III

MANCHETES APELATIVAS OU DE DUPLO SENTIDO I

Anos	Povos Alemão	Italiano	Japonês	Brasileiros	Judeus	Outros
1939	33	9	8	9	11	31
1940	34	5	3	29	12	42
1941	35	4	9	34	15	46
1942(*)	35	8	10	48	30	48

(*) Sómente até agosto de 1942

FONTE: Jornal O Estado de Florianópolis, de 1939 a 1942

Jornal A Gazeta de Florianópolis, de 1939 a 1942

ANEXO III- TABELA IV

TEOR DA NOTÍCIA II

ANOS	ACOR.DIPLOM.	PREP.p\ GUERRA	GUERRA	TOTAL
1942(*)	24	28	102	154
1943	80	104	220	404
1944	74	108	252	434
1945(**)	31	72	128	231

(*) a partir de setembro de 1942

(**) até setembro de 1945

FONTE: Jornal O Estado de Florianópolis, de 1942 a 1945

Jornal A Gazeta de Florianópolis, de 1942 a 1945

ANEXO IV- TABELA V

MANCHETES APELATIVAS OU DE DUPLO SENTIDO II

Anos Povos	Alemão	Italiano	Japonês	Brasileiro	Judeu	Outros
1942(*)	21	7	13	19	14	22
1943	22	9	12	20	25	32
1944	46	9	14	14	48	36
1945(**)	28	3	9	10	26	28

(*) a partir de setembro de 1942

(**) até setembro de 1945

FONTE: Jornal O Estado de Florianópolis, de 1942 a 1945

Jornal A Gazeta de Florianópolis, de 1942 a 1945

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL VIEIRA, R.A. Comunicação de Massa: o impasse brasileiro. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1978.
- ARENT, Hannah. Origens do Totalitarismo. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.
- BAHIA, Juarez. Jornal, História e Técnica. História da Imprensa Brasileira. São Paulo, Ática, 1990.
- . Jornal, História e Técnica. As Técnicas do Jornalismo. São Paulo, Ática, 1990.
- BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. Rio de Janeiro, Cultrix, 1979.
- BASTOS, Lilia R. et alii. Manual para a Elaboração de Projetos de Pesquisa, Teses e Dissertações. Rio de Janeiro, Guanabara, 1982.
- BECKER, Fernando et alii. Apresentação de Trabalhos Escolares. Porto Alegre, Prodil, 1988.
- BELO, José Maria. História da República. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

- BENEYTO, Juan. Informação e Sociedade. Prtrópolis. Vozes, 1974.
- BETHLEN, Hugo. Vale do Itajaí: jornadas de civismo. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1939.
- BLOCH, Marc. Introdução à História. Coleção Saber. Trad. Mira Cintra, 4ª ed., Europa- América.
- BOND, F.Fraser. Introdução ao Jornalismo. 2.Ed., Rio de Janeiro, Agir, 1962.
- BRANDI, Paulo. Vargas: da vida para a história. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- BROWN, J.A.C.. Técnicas de Persuasão. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- CAPELATO, Maria Helena. Imprensa e História do Brasil. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1988.
- CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Lígia. O Bravo Matutino: imprensa e ideologia. O Estado de São Paulo. São Paulo, Alfa-Omega, 1980.
- CARDOSO, Ciro F. & BRIGNOLI, Héctor P.. Os Métodos da História. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- CARONE, Edgar. O Estado Novo: 1937 - 1945. São Paulo / Rio de Janeiro, Difel, 1977.

- . A Terceira República:1937 - 1945. São Paulo /
Rio de Janeiro, Difel, 1976
- CHATELET, François et alii. História das Idéias Políticas.
trad.Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- CITELLI, Adilson. Linguagem e Persuasão. 3ª ed., São Paulo,
Atica, 1986.
- COLLARO, Antonio Celso. Projeto Gráfico. Teoria e Prática da
Diagramação.São Paulo, Summus, 1987.
- CORREA, Carlos Humberto. Um Estado entre duas Repúblicas.
A Revolução de 30 e a política em Santa Catarina.
Florianópolis: UFSC, 1984. pp.173-174.
- COSTELLA, Antônio. O Controle da Informação no Brasil.
Petrópolis, Vozes, 1970.
- DE FLEUR, Melvin. Teorias de Comunicação. Rio de Janeiro,
Zahar, 1976.
- DEBORIN, G.. A Segunda Guerra Mundial. São Paulo, Obelisco,
1966.
- DICIONÁRIO Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Alete.
5.ed. Rio de Janeiro, Delta, 1970.
- DICIONÁRIO de Linguística- Jean Dubois et alii. 6ª ed. São
Paulo, Cultrix, 1991.

DICIONARIO Prático Lello. Tomo III História e Geografia.

Lello e Sintra editores, 1986.

DINES, Alberto. O Papel do Jornal. 4.ed.. São Paulo, Sumos, 1986.

DOMENACH, Jean Marie. A Propaganda Política. São Paulo, Difel, 1978.

DOVIFAT, Emil. Periodismo. Mexico, "Uteha", Vol.I e II, 1960.

ECO, Humberto. Como se Faz Uma Tese. São Paulo Perspectiva, 1983.

EMERY, Edwin. Introdução a Comunicação de Massa. São Paulo, Atlas, 1972.

EPSTEIN, Isaac. Teoria da Informação. São Paulo, Atica, 1986.

FERRO, Marc. A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação. São Paulo, Ibrasa, 1983.

GARCIA, Nelson J.. Estado Novo: ideologia e propaganda política. São Paulo, Loyola, 1982.

GALVÃO, Walnice Nogueira. No Calor da Hora (A Guerra de Canudos nos Jornais). São Paulo, Atica, 1977.

- GELHADT, Dinaê dos Santos. A Cultura do Estadonovismo. UFSC.
Cópia mimiografada, 1985 (trabalho de Conclusão de Curso
em Literatura Brasileira).
- GERTZ, René. O Fascismo no Sul do Brasil. Porto Alegre,
Mercado Aberto, 1987.
- GOULART, Silvana. Sob a Verdade Oficial: ideologia propaganda
e censura no Estado Novo. São Paulo, Marco Zero, 1990.
- GRAMÁTICA Contemporânea da Língua Portuguesa. José de Nicola
e Ulisses Infante. Sapione, 1989.
- HAYAKAWA, S.I.. A Linguagem no Pensamento e na Ação. São
Paulo, Pioneira, 1972.
- JOLL, James. A Europa desde 1870. Lisboa, Publicações Dom
Quixote, 1982.
- KIENTZ, Albert. Comunicação de Massa, análise do conteúdo.
Rio de Janeiro, Eldorado, 1983.
- LAGE, Nilson. Ideologia e Técnica da Notícia. Petrópolis,
Vozes, 1979.
- . Linguagem Jornalística. São Paulo, Ática 1981.
- . Estrutura da Notícia. São Paulo, Ática, 1985.

LE GOFF, Jacques. Reflexões sobre a História. Lisboa, Edições Setenta, 1982.

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História Novos Problemas. Rio de Janeiro, F.Alves, 1979.

LENZI, Carlos Alberto Silveira. Partidos e Políticos de Santa Catarina. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1983.

MACLUHAN, Marshall. A Galáxia de Gutemberg (A formação do Homem hipográfico). São Paulo, Cia. Ed. Nacional/USP, 1972.

----- . Os Meios de Comunicação como extensão do Homem. São Paulo, Cultrix, 1979

MANDEL, Ernest. O Significado da Segunda Guerra Mundial. São Paulo, Ática, 1989.

MONTEIRO, Jaecyr. Nacionalização do Ensino. Florianópolis, UFSC, 1984.

MOTA, Carlos G. e CAPELATO, Maria Helena. História da Folha de São Paulo (1921/1981). São Paulo, Impres, 1981

OLIVEIRA, Lúcia Lippi et alii. Estado Novo; ideologia e poder. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

PEDRO, Antonio. A Segunda Guerra Mundial. São Paulo, Atual/Unicamp, 1986.

PEQUENO Dicionário da Língua Portuguesa. Celso Pedro Luft. 7ª ed. Sapione, 1988.

PINSKY, Jaime. "Brasil nas Relações Internacionais: 1930-1945", pp 337 a 349 in MOTA, Carlos G. Brasil em Perspectiva. São Paulo, Difel, 1984.

RIBAS, Lara. O Punhal Nazista no Coração do Brasil. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1944.

RODRIGUES, José Honório. Teoria da História do Brasil. São Paulo, Cia Ed Nacional, 1978.

RUIZ, Ernesto Aníbal. A Comunicação Visual da Informação Numérica. Florianópolis, UFSC, 1989.

SCHARAMN, Wilbur. Processos e Efeitos da Comunicação de Massas. Rio de Janeiro, Nacional, 1972.

SCHWARTZMAN, Simon (org). Estado Novo, um auto retrato (arquivo Gustavo Capanema). UNB, CPDOC, 1983.

SILVA, Hélio. 1939: Véspera de Guerra. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972

----- . 1942: A Guerra no Continente. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

TAYLOR, A.J.P.. A Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

VARGAS, Getúlio D.. A Nova Política do Brasil. Rio de Janeiro, José Olympio, s/d.

VIZENTINI, Paulo G.F.. Segunda Guerra Mundial: História e relações Internacionais 1931-1945. 2.ed.Porto Alegre, UFRGS, 1989.

WERTHEIN, Jorge (org). Meios de Comunicação: realidade e mito. Rio de Janeiro, Nacional, 1979.

WIGHT, Martin. A Política do Poder. trad. Carlos S. Duarte. Brasília, UNB, 1985

Jornais:

O Estado de Florianópolis, de 1939 a 1945 (diário)

A Gazeta de Florianópolis, de 1939 a 1945 (diário)

Arquivos:

Ofício do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda- 1942/1945 (14 vols)

Diário Oficial do Estado- 1939/1945.